

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — BAPTISTA PEREIRA: Figuras do Imperio e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — PANDIÁ CALOGERAS: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — ALCIDES GENTIL: As idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
- 4 — OLIVEIRA VIANNA: Raça e Assimilação — (1.ª edição augmentada).
- 5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay — 2.ª edição.
- 6 — BAPTISTA PEREIRA: Vultos e episodios do Brasil — 2.ª edição.
- 7 — BAPTISTA PEREIRA: Directrizes de Ruy Barbosa — (Segundo textos recolhidos) — 2.ª edição.
- 8 — OLIVEIRA VIANNA: Populações Meridionaes do Brasil — 1.ª edição.
- 9 — NINA RODRIGUES: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — OLIVEIRA VIANNA: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição (illustrada).
- 11 — LUIZ DA CAMARA CASCUDO: O Conde d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — WANDERLEY PINHO: Curtas do Imperador Pedro II no Barão de Cotegipe — Vol. illustrado.
- 13 — VICENTE LICINIO CARDOSO: A margem da Historia do Brasil — 2.ª ed.
- 14 — PEDRO CALMON: Historia da Civilização Brasileira — 3.ª edição.
- 15 — PANDIÁ CALOGERAS: Da Regencia á queda de Rosas — 3.º volume da série "Relações Exteriores do Brasil".
- 16 — ALBERTO TORRES: A Organização Nacional — 3.ª edição.
- 17 — ALBERTO TORRES: O Problema Nacional Brasileiro — 2.ª edição.
- 18 — VISCONDE DE TAUNAY: Pedro II — 2.ª edição.
- 19 — AFFONSO DE E. TAUNAY: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII) — 2.ª edição.
- 20 — ALBERTO DE FARIA: Mauá (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — BAPTISTA PEREIRA: Pelo Brasil Maior.
- 22 — E. ROQUETTE-PINTO: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 23 — EVARISTO DE MORAES: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — PANDIÁ CALOGERAS: Problemas de Administração.
- 25 — MARIO MARIQUIM: A lingua do Nordeste.
- 26 — ALBERTO RANGEL: Rumos e Perspectivas.
- 27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: Populações Paulistas.
- 28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: Viagem ao Araguaya — 4.ª edição.
- 29 — JOSUÉ DE CASTRO: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada — 2.ª ed.
- 31 — AZEVEDO AMARAL: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. DE MELLO-LEITÃO: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. illustrada. (com 19 figuras).
- 33 — J. DE SAMPAIO FERREZ: Methcologia Brasileira.
- 34 — ANGYONE COSTA: Introdução á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. SAMPAIO: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada — 2.ª edição.
- 36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 3.ª edição.
- 37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. illustrada).

- 38 — RUY BARBOSA: Moçidade e Exílio (Cartas ineditas (Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe — Ed. illustrada.
- 39 — E. ROQUETTE-PINTO: Rondonia — 4.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — PEDRO CALMON: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª edição.
- 41 — JOSÉ-MARIA BELLO: A intelligencia do Brasil — 3.ª edição.
- 42 — PANDIÁ CALOGERAS: Formação Historica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mappas fóra do texto).
- 43 — A. SABOTA LIMA: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — ESTEVÃO PINTO: Os indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mappas) — 1.º volume.
- 45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
- 46 — RENATO MENDONÇA: A influencia africana no portuguez do Brasil — Ed. illustrada.
- 47 — MANOEL BOMFIM: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — URBINO VIANNA: Bandeiras e sertanistas bayanos.
- 49 — GUSTAVO BARROSO: Historia Militar do Brasil — Ed. illustrada, com 50 gravuras e mappas — 2.ª edição.
- 50 — MARIO TRAVASSOS: Projecção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 3.ª edição ampliada.
- 51 — OCTAVIO DE FREITAS: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. DE SAMPAIO: Biogeographia dinamica.
- 54 — ANTONIO GONTIJO DE CARVALHO — Calogeras.
- 55 — HILDEBRANDO ACCIOLY: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — CHARLES EXPILLY: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas do Gastão Penalva.
- 57 — FLAUSINO RODRIGUEZ VALLE: Elementos do Folklore musical Brasileiro.
- 58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — EMILIO RIVASSEAU: A vida dos Indios Guaycurus — Edição illustrada.
- 61 — CONDE D'EU: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição illustrada.
- 62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco — Edição illustrada.
- 63 — RAYMUNDO MORAES: Na Planicie Amazonica — 4.ª edição.
- 64 — GILBERTO FREIRE: Sobrados e Mucambos — Decadencia patriarchal rural no Brasil — Edição illustrada.
- 65 — JOÃO DORNAS FILHO: Silva Jardim.
- 66 — PRIMITIVO MOACYR: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia de educaçáo no Brasil) — 1823-1853 — 1.º volume.
- 67 — PANDIÁ CALOGERAS: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e Pela Provincia de Goyaz — 1.º tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 69 — PRADO MAIA: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO: Concito da Civilisação Brasileira.
- 71 — F. C. HOEHNE — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuicões).
- 72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE — Segunda viagem no interior do Brasil — "Espirito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — LUCIA MIGUEL-PEREIRA: Machado de Assis — (Estudo Critico-Biographic) — Edição illustrada.
- 74 — PANDIÁ CALOGERAS — Estudos Historicos e Politicos — (Res. Nost. . .) — 2.ª edição.
- 75 — AFFONSO A. DE FREITAS: Vocabulario Nheengatu' (vornaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Lingua Tupy-guarany.
- 76 — GUSTAVO BARROSO: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento a abdicacão de Pedro I" — Edição illustrada — 3.ª edição.

- 77 — C. DE MELLO-LEITÃO: Zoologia do Brasil — Edição illustrada.
- 78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.º tomo — traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 79 — CRAVEIRO COSTA: O Visconde do Sinimbu — Sua Vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1889.
- 80 — OSWALDO R. CABRAL: Santa Catharina — Edição illustrada.
- 81 — LEMOS BRITTO: A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio — Frei Caneca — Ed. illustrada.
- 82 — C. DE MELLO-LEITÃO: O Brasil Visto pelos Ingleses.
- 83 — PEDRO CALMON: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição illustrada.
- 85 — WANDERLEY PINHO: Cotegipe o seu tempo — Ed. illustrada.
- 86 — AURELIO PINHEIRO: A Margem do Amazonas — Ed. illustrada.
- 87 — PRIMITIVO MOACIR: A Instrucção e o Imperio — (Subsidios para a Historia da Educaçào no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.
- 88 — HELIO LOBO: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.
- 89 — CORONEL E. LOURIVAL DE MOURA: As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.
- 90 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: A Evoluçào da Economia Paulista e suas Causas.
- 91 — ORLANDO M. CARVALHO: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco. — Edição illustrada.
- 92 — ALMIRANTE ANTONIO ALVES CAMARA: Ensaio Sobre as Construções Navaes Indigenas do Brasil — 2.ª edição illustrada.
- 93 — SERAPHIM LEITE: Paginas de Historia do Brasil.
- 94 — SALOMÃO DE VASCONCELLOS: O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia — Edição illustrada.
- 95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZADETH CARY AGASSIZ: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Sussekind de Mendonça — Edição illustrada.
- 96 — OZORIO DA ROCHA DINIZ: A Politica que Convém ao Brasil.
- 97 — LIMA FIGUEIREDO: Oeste Paranaense — Edição illustrada.
- 98 — FERNANDO DE AZEVEDO: A Educaçào Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. DE MELLO-LEITÃO: A Biologia no Brasil.
- 100 e 100-A — ROBERTO SIMONSENS: Historia Economica do Brasil. — 2 vols.
- 101 — HERBERT BALDUS: Ensaio de Ethnologia Brasileira — Prefacio de Affonso de E. Taunay. — Ed. illustrada.
- 102 — S. FRÓES ABREU: A riqueza mineral do Brasil. — Edição illustrada.
- 103 — SOUZA CARNEIRO: Mythos Africanos no Brasil — Edição illustrada.
- 104 — ARAUJO LIMA — Amazonia — A Terra e o Homem.
- 105 — A. C. TAVARES BASTOS: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. TAVARES BASTOS: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — LUIZ DA CAMARA CASCUDO: O Marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870) — Edição illustrada.
- 108 — PADRE ANTONIO VIEIRA: Por Brasil e Portugal — Sermons commentados por Pedro Calmon.
- 109 — GEORGES RAEDERS: D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondencia inedita).
- 110 — NINA RODRIGUES: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — WASHINGTON LUIZ: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — ESTEVÃO PINTO: Os Indigenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organizaçào e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — GASTÃO CRULS: A Amazonia que eu Vi — Obidos — Tumucumaque — Prefacio de Roquette-Pinto — Illustrado — 2.ª edição.
- 114 — CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA: Sylvio Romero — Sua Formaçào Intellectual — 1851-1880 — Com uma introduçãobibliographica — Ed. illustrada
- 115 — A. C. TAVARES BASTOS: Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: Estudos Piauihyenses — Ed. illustrada.

- 117 — GABRIEL SOARES DE SOUZA: *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* — Commentarios de Francisco Adolpho Varnhagen — 3.ª Edição.
- 118 — VON SPIX e VON MARTIUS: *Atravez da Bahia — Excertos de "Reise in Brasilien"* — Tradueção e notas do Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — SUD MENNUCCI: *O Precursor do Abolicionismo* — Luiz Gama — Ed. illust.
- 120 — PEDRO CALMON: *O Rei Phyllosopho* — Vida de D. Pedro II.
- 121 — PRIMITIVO MOACYR: *A Instrueção e o Imperio (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil)* — Volume 3.º — 1854-1889.
- 122 — FERNANDO SABOYA DE MEDEIROS: *A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.*
- 123 — HERMANN WITJEN: *O Dominio Colonial Hollandez no Brasil — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII* — Tradueção de Pedro Celso Uchôa Cavaleanti.
- 124 — LUIZ NORTON: *A Corte de Portugal no Brasil* — Notas, documentos diplomaticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição illustrada.
- 125 — JOÃO DORNAS FILHO: *O Padroado e a Igreja Brasileira.*
- 126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes — em dois Tomos* — Edição illustrada — Tradueção e notas de Clado Riheiro de Lessa.
- 127 — ERNESTO ENNES: *As Guerras nos Palmures (Subsidios para a sua historia) 1687-1700* — 1.º Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Troya Negra" Prefacio de Affonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ DE MELLO: *O Governo Provisorio e a Revolução de 1893* — 1.º Volume em dois tomos.
- 129 — AFRANIO PEIXOTO: *Clima e Saude — Introducção Bio-geographica á Civiisação Brasileira.*
- 130 — MAJOR FREDERICO RONDON: *Na Rondonia Occidental* — Ed. illustrada.
- 131 — HILDEBRANDO ACCIOLY: *Limites do Brasil — A Fronteira com o Paraguay* — Edição illustrada com 8 mappas fora do texto.
- 132 — SEBASTIÃO PAOANO: *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817* — Edição illustrada.
- 133 — HEITOR LYRA: *Historia de Dom Pedro II* — Vol. 1.º "Assenção" — 1820-1870 — Edição illustrada.
- 134 — PANDIÁ CALOGERAS: *Geologia Economica do Brasil — (As Minas do Brasil e sua Legislação)* — Tomo 3.º — Distribuição geographica dos depositos auriferos. — Edição refundida e actualizada por Djalma Guimarães.
- 135 — ALBERTO PIZANRO JACOBINA: *Dius Carneiro* — (O Conservador) — Edição illustrada.
- 136 — CARLOS PONTES: *Tavares Bastos* — (Aureliano Candido) 1839-1875.
- 137 — ANIBAL MATTOS: *Prehistoria Brasileira* — Varios Estudos — Edição illustrada.
- 138 — GUSTAVO DODT: *Descripção dos Rios Paranahyba e Gurupy* — Prefacio e notas de Gustavo Barroso — Edição illustrada.
- 139 — ANOYONE COSTA: *Migrações e Cultura Indigena — Ensaio de archeologia e ethnologia do Brasil* — Edição illustrada.
- 140 — HERMES LIMA: *Tobias Barreto — A Epoca e o Homem* — Edição illustada.
- 141 — OLIVEIRA VIANNA: *O Idealismo da Constituição* — 2.ª edição augmentada.
- 142 — FRANCISCO VENANCIO FILHO: *Eucledes da Cunha e seus Amigos* — Edição illustrada.
- 143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: *O Visconde de Abaeté* — Edição illustrada.

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 - São Paulo

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

OBRAS DO MESMO AUTOR

Estrada da Chapada — (Estudos preliminares) — 1910.
Mato Grosso — (Contribuição para o Dicionário H. G. E. do Brasil)
— 1922.

Questões de Terras — 1923.

Notas à Margem — (Ensaio histórico) — 1923.

As Raias de Mato Grosso :

Vol. I — Fronteira Septentrional — 1925.

„ II — Fronteira Oriental — 1925.

„ III — Fronteira Meridional.

„ IV — Fronteira Occidental.

A Synthese de um Governo — Exposição impressa juntamente com
o discurso do Dr. Estevão Alves Corrêa.

Monographias Cuiabanas :

Vol. I — Questões de ensino — 1925.

„ II — Evolução do erário — 1925.

„ III — A cata de ouro e diamantes — 1926.

„ IV — A sombra dos herveas matogrossenses.

„ V —

„ VI — A proposito do boi pantaneiro — 1926.

„ VII — Consideração acerca da peste de cadeia — 1927.

Política de Mato Grosso :

Vol. I —

„ II — Em legitima defesa — 1926.

„ III — Versatilidade presidencial — 1926.

„ IV — Depennando uma gralha empavonada — 1926.

„ V — O siamês da gralha empavonada — 1926.

„ VI — O detractor official.

„ VII — Relendo a mensagem — 1927.

Os Predecessores de Rondon :

Vol. I — Silva Pontes — Lacerda e Almeida — Ricardo
Franco — Luiz d'Alincourt.

„ II — Leverger — O Bretão cuiabanizado — 1930.

Os Tratados com a Bolívia — (Limites e comunicações ferroviárias)
— 1930.

Impressões de Campo Grande.

A Rêde Rodoviária de Mato Grosso — 1934.

A República em Mato Grosso — 1934.

V. CORRÊA FILHO

★

ALEXANDRE RODRIGUES
FERREIRA

VIDA E OBRA DO GRANDE
NATURALISTA BRASILEIRO

Edição ilustrada



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Porto-Alegre
1939

INDICE

	PAG.
1 - A' cata de saber	13
2 - A colmeia brasileira na Universidade Reformada	17
3 - Estreia literaria	21
4 - Orientação pragmatica	25
5 - Viagem transatlantica	31
6 - No limiar da Amazonia	33
7 - Agricultura regional	39
8 - Aspectos paraenses	43
9 - Notas avulsas	47
10 - Auscultando o coração da Amazonia	49
11 - Diario de Viagem	53
12 - Conceitos economicos	57
13 - Bosquejos contemporaneos	61
14 - Navegação fluvial	65
10 - Pelo Rio Negro	69
16 - Aprestos de viagem	79
17 - Peripecias amofinantes	81
18 - O Rio Madeira	87
19 - Acolhimento amistoso	91
20 - Observações Zoologicas	95
21 - A Serra de Ouro	107
22 - Surpreza irritante	111
23 - Dias de agonia	115
24 - Palmilhando lavras cuiabanas.	119
25 - A Gruta do Inferno	123
26 - Entre os Guaycurus	127
27 - Em defeza dos indios	131

28	Curando males	133
29	Lance romantico.	143
30	– Parada fecunda	147
31	– A pororóca	149
32	– Regresso a Lisboa	151
33	– No Museu	153
34	– Recompensas officiaes	157
35	– Ultimos pareceres	159
36	– Nas garras do Leão	163
37	– Saque scientifico.	167
38	– Traumatismo incuravel	169
39	– Effeitos da pilhagem	173
40	– Espolio alexandrino	175
41	– Revisão necessaria	179
42	– Juizo da Posteridade.	185
43	– Notas	195

DESTINADO primitivamente á Serie *Bibliographia*, da Academia Brasileira, por indicação de Afranio Peixoto, não tardou que o ensaio transbordasse dos moldes a que se deveria condicionar.

A opulencia de informações ineditas, proporcionadas pela consulta direta de manuscriptos, em muitos dos quaes se reconhece a propria letra de Alexandre Rodrigues Ferreira, quando não a sua assignatura, superou o esforço de synthetizar-lhe a existencia singular em menor tomo, que não excedesse o modelo adoptado.

Ainda assim, recebeu-o, na devida occasião, o insigne polygrapho bahiano, que, ao apresental-o a seus pares, enalteceu a memoria do sabio conterraneo, com admiração tamanha, que sobejou para lhe envolver o biographo em gabos sobremaneira generosos.

“A Academia, disse então, prestou recentemente á memoria de um grande brasileiro, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt nacional, a homenagem de fazel-o patrono de uma de suas cadeiras de correspondentes.

Era um grande escriptor, de obra copiosa de sciencia, ethnographia, viagens, Brasil inedito da Amazonia, que percorreu e estudou, em mil monographias, que jazem na Academia de Sciencias de Lisbôa, -Museu Nacional, Bibliotheca Nacional. O dia da publicação de sua obra está longe, mas vem chegando á glorificação.

Envia-nos V. C. F. (suprimimos os qualificativos) um ensaio, sabio e cabal sobre Alexandre Rodrigues.

Cumpre-nos publical-o, honrando a dois escriptores, um digno do outro.”

Todavia, para não destoar do ineditismo, que suffocou as ideas do sagaz viajante, da era colonial, e a influencia que deveriam exercer entre os contemporaneos, baldou a primeira tentativa de publicação do trabalho, que, decorrido apreciavel praso, ora sae a lume, em outra serie, cujo titulo se harmoniza ás maravilhas com o conteúdo de sua primeira centena de volumes — *Brasiliana* —, destinados a definir as peculiaridades da terra brasileira e sua gente, assumpto primordial dos estudos a que se dedicou superiormente, ainda no tempo de D. Maria I, o inditoso precursor de sabios devassadores dos segredos da Amazonia.

Rio, 1 de Novembro de 1937.

Alexandre Rodrigues Ferreira

A' cata de saber

Por Julho de 1770, alcançava o porto de Lisboa, em longa viagem, que ainda se prolongaria até Coimbra, singular candidato a illustrar-se no tradicional instituto, cujos fundamentos sofriam, a esse tempo, o embate de agentes remodeladores.

Chegava Alexandre Rodrigues Ferreira, da Bahia, onde lhe madrugára a intelligencia, aproveitada pelo pae (1), que o destinava á carreira ecclesiastica.

Ao dizer dos seus biógrafos, anuiu, ainda na terra natal (2), em tomar ordens menores (3), que naturalmente o encaminharam para o curso juridico e de canones, mais afeiçoado ao que visava.

Em Outubro, logra matricular-se no 1.º anno da Universidade, cuja estrutura abalaram fogos cerrados da critica penetrante de Verney o "Barbadinho da Congregação de Italia", pseudonimo adotado no seu "Verdadeiro methodo de estudos", e Ribeiro Sanches, increpado de judaismo.

Não obstante caracterizados por tendencias antagonicas, concordavam ambos em denunciar os defeitos do emperrado ensino universitario, dominado por esteril verbalismo, impermeavel ás idéas contemporaneas, que alagavam outros ares, inspiradores dos dous maiores propagandistas da campanha educativa.

Em capitaes europeas, por onde viajaram, atentos ás lições da experiencia alheia, robusteceram o espirito

e lhe deram á atividade bases scientificas suficientemente aptas a suportar, com vantagem, a discussão, que avultou sobremaneira, em torno da remodelação universitaria.

A Ribeiro Sanches, em particular, caberia preponderante papel na suggestão de novos moldes intelektuaes, que se ofereceriam á mocidade lusitana, a cujos beneficios consagrou as suas melhores monografias.

Medico sequioso de aprofundar conhecimentos profissionais, cedo percebeu as insuficiencias do saber que lhe poderia ministrar o velho estabelecimento coimbreense.

Como estudante insaciavel, frequentou outros centros de cultura em Salamanca, Paris, Leyde, onde se embebeu de ensinamentos, que então constituíam a sciencia mais avançada.

Ouviu de perto a Boerhaave, que lhe daria firmes diretrizes para o exercicio da medicina, em cujo serviço percorreu varios paizes europeus, a Russia inclusive.

Meditara longamente acerca da materia, que se propôz a esclarecer em memorias construtivas, guiadoras da modificação inadiavel.

Quando Pombal, absoluto em seu dominio governativo, encarou o problema da reforma universitaria, nenhum conselheiro mais ponderado e culto se lhe deparou, acima de Sanches, que lhe traçou as linhas mestras da organização indispensavel á eficiencia do ensino científico, desde o Collegio dos Nobres, até a Universidade, que se transplantara para Coimbra em 1537. As suas ideias espelharam-se não somente na estrutura geral dos varios cursos, mas ainda na criação de instituições complementares, que permitissem a observação direta dos fenomenos da natureza, outrora citados por interminavel repetição livresca (4).

Entre outras, figurava a referente ao Gabinete de Historia Natural dos Tres Reinos, para o qual foram destinados escolhidos salões de amplo edificio. Simul-

taneamente, para suprir a carencia de especialistas portuguezes, que não encontrariam meios de progredir nas pesquisas, por ventura tentadas por gosto proprio, valeu-se Pombal da colaboração de outros paizes, por onde peregrinára, quando representava Portugal entre povos estranhos.

De Padua, requisitou Domingos Vandelli, que trouxe consigo as suas "Coleções", doadas ao Museu de Historia Natural, cujas disciplinas professava, cumulativamente com a cadeira de Quimica, de que organizou o respectivo laboratorio.

Era piemontez Miguel Antonio Ciera, professor de Astronomia, que já trabalhára anteriormente, a serviço da corôa lusitana, em operações demarcadoras de lindes americanas e dirigira os estudos do Collegio dos Nobres, desde 1756. A Miguel Franzini, veneziano, caberia o ensino da algebra, emquanto não lhe fosse a competencia de matematico solicitada em outras applicções, e a João Antonio Dolabella, o de Physica Experimental.

Simão Gould e Luiz Cichi destinavam-se a cadeiras de curso medico, em que tambem ingressaram nomes portuguezes : José Corrêa Picanço, José Francisco Leal, alem de outros muitos, nomeados pelo famoso ministro, a quem o Rei outorgára, a 28 de Agosto de 72, o titulo de "Reformador e Visitador de Universidade". O corpo docente passara, como os estatutos, por geral renovação, que facilitaria a execução do plano pedagogico, tendente a aproximar da realidade a atuação universitaria, consoante Ribeiro Sanches ideára (5). Poder-se-ia facilmente imaginar o benefico influxo, na mocidade estudiosa, da reforma pombalina, que transformou, de alto a baixo, a instituição anacronica, e lhe afeiçoou o funcionamento ao dos melhores modelos scientificos.

Alexandre Rodrigues Ferreira, entre os primeiros, sentiu-se aguilhoado pela ancia de ouvir os estranhos

mestres, que vinham de longes terras, para ensinar os alumnos a devassar os misterios da Natureza, outrora vedados á observação dos curiosos, que se deveriam contentar com as informações livrescas.

Movido pela vocação irresistivel, que despertara, em ambiente propicio, mudou de rota academica.

Egresso do noviciado, que o levaria, sem duvida, ás maiores dignidades, acordes com a sua agudeza intellectual, entregou-se de todo ao estudo das ciencias recém admitidas na Universidade.

Entre os condiscipulos, estremou-se pela applicação ao trabalho, de tal maneira que, ainda estudante, serviu de demonstrador de Historia Natural, cargo gratuito que o aproximou lucrativamente de Vandelli.

E apenas formado, ingressaria na ala dos mestres consagrados, feito idoneo explicador de uma das disciplinas, que lhe estava reservada, como premio ao saber adquirido, si o governo portuguez não tomasse, contemporaneamente, promissora medida, em relação ás suas colonias.

A colmeia brasileira na Universidade Reformada

Não vem ao caso indagar si foi justa, ou não, a reacção, que, morto D. José, se levantou contra Pombal.

Muito menos, si se desenvolveu, estreme de malicia, a ascensão ao valimento da Coroa de Martinho de Mello e Castro, colega de ministerio, que, entregue ás suas proprias iniciativas, após a destituição do Marquês, planeou conhecer mais cabalmente os recursos coloniaes, por meio de explorações confiadas a sabedores eximios.

Para Moçambique foi destacado o naturalista Manoel Galvão da Silva.

Coube Angola a Angelo Donati.

Para as ilhas do Cabo Verde seguiria João da Silva Feijó, do grupo brasileiro, que se elevava no conceito dos condiscipulos.

Quem deveria incumbir-se de aquilatar as riquezas naturaes do Brasil, cuja contribuição avultava de anno para anno, em reforço do anemiado erario lusitano? O ministro preferiu valer-se, para a escolha, da indicação dos mestres universitarios, que solicitou.

A' consulta governativa, respondeu a Congregação de Coimbra, com a homologação, por unanimidade, da sugestão de Vandelli, que apontou o nome do seu sagaz discipulo Alexandre Rodrigues Ferreira, o mais qualificado para tamanha empreza.

Galardoava-se, destarte, o merito incomum do forasteiro, do mesmo passo que se lhe honrava o berço natal, a que por esse tempo dava brilho e renome a constelação de luso americanos, que se notabilizavam na Universidade reformada, entre docentes e dicentes.

Brasileiro era-lhe o Reitor, D. Francisco de Lemos (6), em cuja competencia, dedicação inescdível e antipathia ao predominio jesuitico se esteou Pombal, para planear a sua reforma universitaria e excctual-a, e bem assim João Ramos (7), que se passára do magisterio em Coimbra á magistratura, feito desembargador no Porto, e da Casa de Suplicação, antes de servir de procurador da corôa e membro da Junta de Providencia Literaria, em que foi o mais constante colaborador do seu irmão.

Brasileiro, José Corrêa Picanço, graduado em Montpellier, a cujo saber foi confiada a regencia de uma das cadeiras do curso medico — anatomia e cirurgia — em substituição a Luiz Cichi”, que deu má conta de si”, ao tempo em que outra materia medica, physiologia, tocava ao seu compatriota José Francisco Leal.

Brasileiros, entre outros fervorosos nos estudos universitarios, que ultimaram com assinalado proveito, João da Silva Feijó, fadado a encetar a sua actividade de naturalista em Cabo Verde, por incumbencia official; Diogo de Toledo Lara e Ordonhes que, não obstante adstricto ao curso de leis, divagaria pelos dominios das sciencias naturaes, como evidenciou o ensaio de ornithologia (8), elaborado nos vagares da sua judicatura, exercida com rectidão; José Arouche, da mesma estirpe, que inauguraria o curso juridico em S. Paulo, feito seu primeiro director; Antonio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda e Almeida, discipulos laureados de La Ciera, que os apontaria ao governo lusitano, como sobremaneira idoneos para serviços astronomicos de campanha, ao tratar-se da demarcação dos limites convencionados em 1777; Joaquim Velloso, o segundo doutor que se graduou,

logo após Luis Antonio Furtado de Mendonça, na “Faculdade Philosophica” donde regressou a Mariana, escolhida para base de suas explorações botanicas, enriquecedoras do Real Gabinete ; Fr. José da Costa Azevedo, entusiasta da doutrina werneriana, que adoptou em seus “Elementos de Mineralogia”. Pizarro e Arango que nos legaria as “Memorias historicas da capitania do Rio de Janeiro”. Azeredo Coutinho (9), futuro bispo de Elvas, e José da Silva Lisboa, mais tarde visconde de Cayrú, que se notabilizariam em sciencias sociaes, como historiadores, economistas e polygraphos modelares. E para que tambem tivessem as musas algum imaginoso cultor, lá se encontraria, entre os estudiosos de canones, Antonio Pereira de Souza Caldas, que tanto enalteceria a poesia religiosa.

Geração predestinada, afinal, a patentear a permeabilidade intelectual dos brasilienses á cultura européa, que a seguinte procuraria assimilar em fontes mais copiosas, a exemplo de José Bonifacio e Ferreira da Camara (10), cavaleiros andantes da universidade coimbrese, em peregrinação pelos centros metallurgicos mais assinalados por intensas applicações em sciencias naturaes ; José de Sá Bittencourt Accioli, irmão de Camara, cujo fulgor lhe offuscou o nome ; José Vieira Couto, que se acantonaria em Minas, para lhe pesquisar e descrever as riquezas mineraes e bem assim indicar-lhe os defeitos de exploração costumeira ; Vicente Coelho de Seabra, devotado afinadamente á sciencia de Lavoisier, cujos ensinamentos foi o primeiro a divulgar, ainda estudante, em vernaculo ; Francisco de Mello Franco, que antes de se distinguir no exercicio da medicina, estadeou o seu arrojo de lutador, no poema satyrico — *O Reino da Estupidez* — disparado contra vultos universitarios, que o levou ao carcere, logo após a formatura ; Manoel de Arruda Camara, egresso de Coimbra, onde suffocava o seu idealismo liberal, a

que se deparou ambiente propicio em Montpellier, cuja faculdade de medicina o diplomou.

Bahianos, fluminenses, pernambucanos, paulistas, mineiros, tendiam todos a evidenciar, de maneira convincente, que a terra distante, ainda sujeita á placenta colonial, continha em si elementos capazes de imprimir-lhe á evolução rumo certo, mais adequado ás suas peculiaridades, que iriam estudar a preceito.

Nem ao menos faltaria ao rosario de nomes predestinados a luminosa trajetoria, um representante das extremas occidentaes — José Manoel de Siqueira — o primeiro cuiabano voluntariamente exilado do seu rincão natal, em busca de fontes de ensino.

Tornaria embebido de conhecimentos botanicos, comprovados em memorias, que lhe abriram as portas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, centro de gravitação das mais altas competencias contemporaneas, que se agrupariam, para intenso trabalho scientifico, á sombra generosa do Duque de Lafões.

A fidalguia de raça aprazia-se em irmanar-se á nobreza do talento, para estimular o progresso das ciencias lusitanas.

Alexandre Rodrigues Ferreira não herdára no berço, burguez, nenhum pergaminho nobiliarchico, mas sobejava-lhe com que documentar a grandeza da sua mente privilegiada, que lhe garantia o principado intellectual onde apparecesse.

Taes provas exhibira, que, a 10 de Janeiro de 1779, se laureava com as insignias de Doutor em Filosofia, após defender as *Conclusões Magnas*, para esse fim elaboradas.

Estreia literaria

A esse tempo, já se havia Ferreira encadeado (11) á commissão, que lhe daria gloria amargurada. Não a encetou immediatamente, jungido a outras entreprezas, que o levaram a Buarcos, em estudo de minas carboníferas, quando não o retinham no Museu, em classificação dos seus especimens, experiencias physicas e chemicas e elaboração de memorias, entre as quaes sobresaí a que intitidou de "*Abuso da Conchylologia em Lisboa*".

Terminada em 1781, deveria servir de introdução á Theologia dos Vermes, que provavelmente não passou de esboço, á mingua de ocasião favoravel ao seu desenvolvimento. Estranhado o titulo, pelos ouvintes da Academia, em uma de cujas seções a divulgára, como socio, ou pelos que o souberam depois, citou, em justificativa, autores que versaram a Teologia dos Astros, T. anatomica, T. dos insectos.

E ao cabo, em nota defensiva, desfechava contra os impugnadores de semelhante rotulo, a conclusão atalhadora: "disputas tão baixas sobre este assumpto fazem vergonha no seculo presente da Literatura Portuguesa."

Singularidade, por ventura, de sabio, a quem não aprazia ver-se criticado por ter prometido esclarecer a Theologia dos Vermes, em associação de ideas, julgadas antagonicas. Consistira, outra, no objectivo fundamental da propria these exposta, com que pretendia refrear a

dispersão de esforços em torno da conchyliologia, a que se dedicavam doutos e simples curiosos.

Discutiu o costume generalizado, para lhe apontar as falhas nocivas, consoante a finalidade que attribuiria á sciencia, posta a serviço da economia geral.

Attitude pragmatica, de subdito de monarcha pobretão.

“Em quanto a mim nenhum obsequio faz á Filosofia, quem estuda por delectavel.

E ajunta, mais incisivo, “o grau de applicação, que merece uma sciencia, mede-se pela sua utilidade.”

Define-se-lhe, em tal conceito, a directriz que seguirá, convicto de subordinar as cogitações scientificas ao interesse material.

Todavia, por singular antithese, o ensaista que pretendia conter a propria actividade intelectual nos dominios do utilitarismo, era o mesmo que maiores provas daria do seu desprendimento pessoal (12).

De momento, porem, assombrado com a vastidão dos assumptos a estudar nos tres reinos natuŕaes, em que Portugal tentava os primeiros passos, lastimava a applicação de esforços em colleccionar conchas, cujos prestimos recordou, em erudita recapitulação.

Insignificantes, não compensavam o trabalho dos colleccionadores, cuja exigencia crescera de tal maneira, que não lhes merecia lisongeiro conceito o naturalista inesperto na classificação dos especimens levados a sua presença. Contra os excessos em moda, quando outras questões mais prementes feriam a attenção dos sabedores, arremetteu conceitos golpeantemente desabonadores do amatorismo anti economico.

“Assim, a conchyliologia nada encerra que seja capaz de roubar o tempo, a applicação, as despesas com preferencia a outros exames.” Erraria quem lhe attribuisse, comtudo, a intensão de banir das cogitações dos sabios, o estudo dos minusculos seres, cuja rehabilitação não

aguardaria o surto da Paleontologia, a que proporciona cabedades acima de qualquer avaliação.

O proprio naturalista, ao cabo da sua dissertação academica, amenizaria a sentença condemnatoria, para enquadrar nos dominios privativos dos especialistas as pesquisas destoantes dos leigos.

“Por conclusão do que tenho dito, um protesto faço, de que não é o meu projeto abolir esta Parte da Historia Natural. Tenho antes sustentado que é discreta a curiosidade do particular, que na intenção de completar um Gabinete provido já das Produções do Paiz, paga a industria dos Holandezes, que as recolhem, e com as diversas modificações que lhe dão, entretem ora as conclusões do Teologo, ora as teorias do Fisico.” (13)

Orientação pragmática

Coerente com a doutrina, que sustentara perante os collegas da Academia, condensou, em escripto sem data, por ventura ás vespervas da partida, as normas que deveriam guiar os expedicionarios da “Viagem Filosofica”.

Não lhe traz sequer a assinatura, mas, evidentemente, pertence-lhe a autoria do codice, que a Bibliotheca Nacional enfeixou no volume n.º 1—16, 1, 35 da Seção de Manuscriptos, juntamente com outros ensaios e notas avulsas. De suas paginas resalta a meticulosidade previdente do colecionador, a quem não bastariam os ensinamentos e instrucções dadas a preceito por Vandelli, ampliadas por attentas consultas a outras fontes e reflexões pessoaes.

Bem que o objetivo, que levaria em mira, fosse a “utilidade da Patria”, ou “o credito da Nação”, pois que “S. M. dellas espera retirar beneficio de um Reino de que a Providencia lhe confiou o Governo”, não tarda o naturalista em pôr de manifesto o seu entranhado amor ao estudo dos phenomenos da Natureza, assim como o peso das responsabilidades, que acceitára, disposto a desempenhal-as a todo o transe.

Precavidamente planeara o seu programma de trabalhos, porquanto “se trata de disciplinar uma pequena tropa, que só difere dos militares no manejo das armas ; no mais tudo está o Publico convencido que deve presidir a uma severidade de disciplina, cuja falta produz ordina-

riamente muitas desordens”. Posto se lhe avantajasse a chefia, assimilada a commando militar, mingudadamente belicoso lhe era o genio, que tratara, de preferencia, de evitar, no artigo 1.º, qualquer causa de dissidio. Em seguida, prescreveu que o trabalho deveria ter principio com a viagem, no proprio dia de embarque, por meio da pesca adequada, cujos productos seriam immediatamente preparados, de accordo com a technica taxidermista recommendada pelo primeiro lente de filosofia.

Do artigo 5, rompe uma confissão, apresilhada aos estatutos, que expõe, á luz meridiana, a integral identificação do naturalista com a sua missão.

“E’ preciso ser um homem mui preguiçoso para ousar dizer que é trabalho o que fica ponderado nos artigos 2-3-4 (referentes á apanha de peixes), quem uma vez tomou o gosto ao Estudo da Natureza, chamal-o-á divertimento”.

Esta é a attitude que Ferreira conservará, durante a sua demorada expedição, de incançavel enamorado pela Natureza, cujos segredos forcejava por devassar, descuidado dos seus interesses e até da propria vida.

Considera, em seguida, a travessia, esmada em dois mezes, no decurso da qual teriam ensejo de praticar na pilotagem, e ao ultima-la, gosariam o necessario repouso acondicionado ao regimen que prescreveu.

Para evitar possiveis damnos e perdas inuteis de tempo, urgia reduzir ao mínimo a permanencia nas villas e cidades e evitar excessivas excursões a Cythera.

Não seria elle que annuisse em estanciar, com os seus commandados, em alguma derreante Capua tropical.

Previstos os escolhos principaes, que os expedicionarios enfrentariam, entra, no artigo 11, a minudenciar o methodo de trabalho que adoptaria ; “um naturalista que pretende viajar com proveito seu, e de quem o manda, a maior parte do caminho anda a pé ; sobrevindo agora o excessivo calor, que principia das 10 horas da manhã,

e só declina pelas 3 da tarde” e as suas consequencias debilitantes, vem portanto a ser necessario regular as horas de viagem pelo methodo que agora se propõe.

§ 12 – “Supponha-se, no entanto, que determinavam elles partir de Pará no 1.º de Dezembro : logo ao amanhecer deveria estar preparada a comida, que então deve ser quente, para facilitar a digestão : tomando depois cada um o seu lapis e diario, cuidará de ir notando nelle, separados uns dos outros, todos os productos, que for encontrando a passo de seus desenvolvimentos. Ervas, arvores, musgos, fungos, grammas, no Reino Vegetal, quadrupedes, aves, peixes, amphibios, insectos, vermes, no animal, pedras, minas, fosseis na Lapidés, tudo ha de ser recolhido, sem outra averiguação mais que a destes productos, sem outro cuidado que de os recolher, excepto se houver occasião de fazer sobre elles algumas reflexões.

Não se deve comtudo omittir o cuidado de distancia em distancia observar a altura do Polo, principalmente nos lugares em que se descobrir alguma produção util : elle suppõe no diario um signal certo e correspondente ao lugar em que foi achado ; fala-se de um diario que é feito com exactidão, “ou por outras palavras, que contenha entre outras as seguintes especificações, por elle ennuuciadas :

“1.º – uma carta geographica do paiz, em que venham marcados com signaes chimicos os diferentes productos.

2.º – Outra referente aos habitantes, seus costumes

3.º Quadro de observações thermometricas diarias

4.º – Indicação dos accidentes topographicos.”

Avesado, por ventura, a trabalhos analogos, em menor escala, executados ao sahir da Universidade, Ferreira iria applicar, em proporções vastissimas, quanto ao espaço e tempo, o mesmo criterio da minuciosidade precisa.

Andaria em collecta, como determinára previamente, até pelas 10 horas, quando se recolheria á barraca onde começava, então, a faina taxidermista e de *risco*.

Ahi seria então servido o jantar, geralmente frio.

Pelas tres da tarde "tomada então a sua vestia e calção de anta, depois de escorvadas as suas pistolas, ou as espingardas, é tempo de continuar a marcha", para o viajante esperto que avançaria, com foiceiros á frente, instrumentos ao meio, e naturalistas á retaguarda, atentos a possiveis assaltos.

Ao pôr do sol, já iriam escolhendo sitio apropriado ao pouso, onde, armada a barraca, tratariam os sabedores de pôr em ordem os seus bichos e plantas, enquanto os indios cuidavam da bagagem, e o cosinheiro da derradeira refeição diaria.

Salvo esta e a primeira, ingerida pela manhã, só encontrariam, durante o dia, comida fria, manipulada pela madrugada.

Estas referencias evidenciam atenção de miniaturista, a quem não escapam os prudentes pormenores, que o fazem recommendar silencio absoluto á noite, vedada a conversa perturbadora do repouso alheio, o uso da cama de pés de ferro, para evitar a humidade do solo, colchão de cabellos, forrado por fóra, de carneiro ou marroquin. Codigo de "viajante esperto", tambem o é sanitario, e até moral, com as suas recommendações tendentes a manter a boa camaradagem entre os expedicionarios.

As quintas feiras seriam consagradas exclusivamente a serviços no proprio abarracamento, que, por excepção, nesse dia não se mudaria.

Os especimens inteiramente preparados seriam devidamente acondicionados para proxima remessa, e os outros receberiam os cuidados reclamados pela sua condição. Os desenhistas completariam então os seus serviços. O relatorio mensal registaria a marcha realizada, bem como o resultado da colheita respectiva. Ao cabo,

recordaria, como quem se contentasse com a recompensa da nomeada :

“Eis aqui em suma quanto em seu nome se devem comprometter os Filósofos : Lisongeia ao publico desde já uma bem fundada esperança ; fica da parte dos eternos designios do Primeiro Ser, e da diligencia que elles puzerem no seu trabalho o tornarem-se, depois de immensas fadigas, uteis ao Rei, beneficos a si mesmos e amaveis á Sociedade”.

Como teria Ferreira executado o programma que ideára ?

Viagem transatlantica

Nada logramos lêr a respeito da viagem pelo Atlantico, alem do que já foi impresso mais de uma vez.

Apenas, de passagem, em uma de suas monographias, ao proclamar a resistencia de certa madeira, refere que á noite de 25 para 26 de Setembro de 1783, cerca de uma hora da madrugada, desencadeou-se temporal violento, a que não resistiram as velas, varias das quaes se rasgaram, ao passo que nenhum damno soffreu a mastreação de madeira paraense.

Achava-se a bordo da Charrua "Aguia, Coração de Jesus", em que partira de Lisbôa, pela manhã de 1.º de Setembro, acompanhado já dos auxiliares, José Joaquim Freire e Joaquim Codina, desenhadores, e Agostinho Joaquim do Cabo, jardineiro (14).

Ahi conviveu, durante a viagem transatlantica, estirada até 21 de Outubro (15), com D. Martinho de Souza Albuquerque despachado para governador e capitão general do João Pará, e frei Caetano Brandão, que ia tomar conta do Bispado, a esse tempo dirigido interinamente pelo vigario capitular, José Monteiro de Noronha.

Pessoas egregias, ambas, que lhe auxiliariam o desempenho cabal da incumbencia.

Pena foi que se extraviasse o "Diario", que não deixaria de redigir, bem como as ulteriores "*Memorias Particulares*", por ventura os unicos escritos em que versaria os primeiros episodios da sua alongada peregrinação, durante a qual ultimou a "dissertação sobre a albacora".

No limiar da Amazonia

Não era Ferreira pessoa que se aproveitasse de qualquer dificuldade para alongar o repouso prescripto após a travessia. Assim foi que encetou as suas pesquisas, na propria capital, emquanto não lhe proporcionavam meios de transporte para outras paragens. É a 7 de Novembro, embarca, satisfeito, para Marajó, a que iria applicar a sua vista anciosa de lobrigar aspectos novos, de outrem desconhecidos. Estadeia, de golpe, a sua actividade incedivel, atenta a multivarios fenomenos.

Valendo-se da maré propicia, toma, ás 11 horas da noite, a canôa "N. S. da Piedade", em companhia do inspector geral, Florentino da Silveira.

Apontam-lhe, á direita, a villa de Penacova, distante meia legua, e, successivamente, o sitio de Val de Canes, em que os "Religiosos das Mercês" possuíam engenho de beneficiar arroz, olaria, fornos de cal e culturas diversas, do Livramento, pertencente aos "Religiosos do Carmo", do Pinheiro, por onde se lhes dilatavam os dominios, e por fim, já na ilha de Caratatuba, a fazenda de Fernando Borges.

Pela madrugada de sabbado, alcança-a Bahia de Santo Antonio, graças á destreza de 19 remeiros, que lhe foram destinados á expedição.

Aproando para o Norte, em busca da ilha do Mosqueiro, tomou-lhe terra na ponta aprasivel, onde se enamorou da paisagem.

Não o diz claramente, mas o encanto lhe ilumina os traços rápidos, dedicados de todo á missão official.

A vista se lhe afogava na mata espessa, viuva de flores a esse tempo.

Aqui e acolá, arvores pejudas de fructos proporcionaram-lhe especimens, que promptamente colheu, para a primeira remessa ao Gabinete Real, á volta da charrua em que viajára.

Proximos á praia, "de areia miuda e saibro", observou a original architectura dos formigueiros com os seus "labyrintos". De outra parte, arfava o mar inçado "de peixe", ou o rio com as mesmas ondulações.

Esboçou com simpatia o quadro, que se lhe apresentou á vista acostumada aos aspetos europeus :

"Alem de outras plantas e arvores comuns a todas estas ilhas, como são Aningas e tabuas, Mangues, Xiriúbas, Mamorixana, cebolla brava, Ambaube, emбира branca, lombrigueira, sumauma e outras, cujos nomes systematicos, já em grande parte constam da Flora guaianense, e a seu tempo constarão desta do Pará, quando me for possível rectificar as minhas observações, Honram igualmente as suas margens diversas qualidades de palmeiras dispensadoras de uma primavera sempre leda. A verdura nellas e em quasi todas as arvores do Paiz, é immortal. Estão em seus ramos os papagaios, os periquitos e alguns saguins, arremedando e contrafazendo tudo quanto veem e ouvem ao espectador que os observa. Não faltam nos alagadições lontras, capivaras e diversos ratos aquaticos alem de jacarés !!"

Tão empolgante se lhe abria a Natureza, que não se correu de anotar, de passagem : "Tudo tão curioso que com algum desgosto largamos da Ilha pelas 11 horas do dia, por devermos sem perda de tempo lançar mão da maré."

Urgia transpôr a bahia, emquanto lhe corria a brisa de feição.

A primeira tentativa, porem, ia-lhe em meio, quando lhes sobrevem rijo vento ponteiro, que os faz retroceder.

Pelas 3 da tarde, aportam á fazenda de J. J. Henriques, onde economisam forças para nova investida, iniciada á meia-noite e um quarto.

De começo, nenhuma difficuldade se lhes deparou á marcha, que se tornou, todavia, perigosa, do meio para o fim. Ventos tempestuosos partiram uma das velas, e levantavam ondas, que pareciam querer cobrir a embarcação inadequada a contrastal-as.

Ao cabo da travessia, saltaram, sãos e salvos, domingo pela manhã, em Monforte, onde o naturalista poderia reflectir a respeito dos perigos vencidos, a que se refere na memoria : “eu cuido que uma das minhas maiores felicidades é a de haver escapado das nove correntezas que nesta bahia atravessamos” (16).

E poz-se a inquirir dos habitantes da villa, outrora Joannes, a rasão do nome, que se generalisara a toda a Ilha.

Explicou-lh’a o sargento mor Severino, indio que tinha as tradições de sua gente, moradora daquellas paragens, onde tambem viviam os aruans, ingahibas e outros.

Chamavam-se Juioannes os seus avós, que deram nome á aldeia, ancestral da villa de Monforte, em que se transfigurou, quando Mendonça Furtado mandou lusitanizar a toponímia dos povoados. Outras informações colheu do septuagenario incola, a respeito do passado historico de sua terra, quando viviam em luta permanente as tribus inimigas, até a chegada do invasor, que as dominou, a todas.

Na distribuição das conquistas, coube esta aos ascendentes de Luiz de Souza Macedo Aragão Vidal, 4.º e ultimo Barão da Ilha Grande de Joannes, de quem

a adquiriu D. José, em troca do viscondado de Mesquitella e “parece que, segundo ouvi, 3.000 cruzados mais.”

Começou, então, o dominio direto da Coroa, que ali encontrou, afazendados, os Jesuitas e outros religiosos.

Entrou a organizar-lhe a vida administrativa, com autoridades subordinadas ao Capitão General, que até então não poderia ter maior ingerencia no seu destino.

Crismou de villa mais de um povoado, com o rotulo berrantemente aporuguesado, onde surgiram as camaras, constituídas de brancos e indios.

Ferreira minudencia-lhe as particularidade essenciaes da vida civil, como tambem da eclesiastica, e da organização militar, antes de bosquejar o panorama physico daquella região opulentamente adubada pelos rios bem-feitores. Enumera-os longamente, pelo criterio da navegabilidade.

Entre os demais sobreleva o Arari, que navegou de arrepio, até o lago das Cabeceiras, onde chegou a 4 de Dezembro.

Tão apressadamente queria jornadear, que se lhe afigurou enfadonha a viagem pelo “rio mais complicado com voltas e rodeios, que espero ver.”

Repugnava-lhe, na realidade material, a subordinação do homem aos torturantes colleios potamographicos, assim como detestava os encurvamentos moraes, preferindo sempre o caminho reto.

Em compensação, salteou-o, ao termo da viagem, surpresa maravilhosa : “o lago no tempo do verão tem boa legua e meia de longo ; é a perspectiva mais galante que os olhos humanos podem ver, porque as arvores em redor não são arvores, são viveiros de infinitos jaburús, tijújús, guarases, maguaris, patos ; no do inverno é um oceano por toda a porção que se olha.”

O encanto das paizagens emparelhava-se com a utilidade inegalavel do solo dadivoso, que o levou a

lobrigar na ilha “o embrião pelo menos de uma vasta Província”, onde viçariam culturas ás maravilhas.

Nem todas, é certo, pois que “as plantas são como os animaes, têm as suas patrias, escreveu Virgilio”.

A’ sombra do mantuano passeou o olhar perscrustador pelas varias zonas agricolas, onde “o arroz é fama constante que é mais graúdo e peza mais que o das outras partes.”

Nativos alguns, propicias as condições á medrança de outros vegetaes, só faltava a colaboração proveitosa do homem. Ahi, não poude conter a condenação do systema seguido pelos plantadores, que transformavam a sua colheita em bebida.

“Até é vergonha dizer-se que em terra aonde se planta a cana, não ha um arratel de assucar que não seja comprado na cidade.

Quanto á pecuaria, testemunhou o despovoamento dos campos, que attribuiu á matança desordenada de reproductores, pelos novos fazendeiros, a quem foram distribuidos os estabelecimentos pastoris confiscados aos jesuitas. Tornou-se vulgar a caçada á bala do gado existente, para utilização exclusiva do couro. Em consequencia, reduziu-se a reserva bovina, a ponto de faltar em Belem o elemento principal da sua alimentação, aliás fornecido em condições defeituosas. (17)

Cerca de uma semana de enjaulamento, do dia em que foi apartada, no rodeio, ao sacrificio final, penava, em geral, a boiada, de fome e sêde. (18)

Assim que logrou arranjar amostras suficientes para a primeira remessa ao Gabinete Real, não tardou em tornar a Belem, onde saltou a 16 de Dezembro e começou a afuroar os archivos, quando não estivesse esquadrihando, fóra, os pormenores da realidade.

Redigiu, ás pressas, a memoria respectiva, cuja dedicatória merece transcrição integral, por lhe esprestar á justa as aspirações de Naturalista (19).

“Escrever a Historia Filosofica e Politica da Ilha Grande de Joannes por outro nome o Marajó. Individuar os Produtos naturaes, que ha, e podem haver na dita Ilha.

Presentar de cada um delles uma descrição circunstanciada e tão circunstanciada, como merecem as suas propriedades, os seus usos, e as suas applicações : Em todas ellas espreitar a Natureza, e rastejar quanto podem a Razão, e os Sentidos corporaes, mysterios infinitos :

Tanta obra em tão pouco tempo é um projecto vasto para os Talentos vastos ; digno pela sua vastidão dos Altos Designios de V. Exia, mas por isso mesmo infinitamente superior ao meu talento, que V. Exia sabe quão limitado é, e quão nulo o maior grau de alcance, a que elle chega.”

São palavras que em parte se interpretam ao arrepio do significado. A tamanha empreza, correspondia a robustez intelectual do executor, que o Ministro já tivera occasião de conhecer. Rompe, assim, das locuções modestissimas, a ufania de quem tinha consciencia do seu proprio valor.

Agricultura regional

Emquanto permanecia em Belem, centro de curtas excursões pelas circumjancias, Ferreira não perdia vasa de ezaminar quanto lhe solicitasse a atenção.

Com especial zelo retomou o problema agricola, a respeito do qual desenvolveu, em monographia (20) sobremaneira informativa, as questões que esboçara pela rama anteriormente.

Apella, em confirmação da sua critica imparcial, para o testemunho do proprio Capitão General, em cuja comitiva navegára alem de Cometá, de 15 a 29 de Janeiro de 84.

“Viu V. Exia na viagem que fez ao Tocantins, que o anil em todas estas terras é tão trivial, como em Portugal a malva” ; canaviaes, “tão bem nutridos e multiplicados, que não deixaram de escitar a sua admiração ; “a propriedade que têm todas estas terras para produzirem o algodão”.

Não obstante, fracassou a primeira fabrica de anil, dando o prejuizo de 24.000 cruzados. A cana é a mesma da Bahia, onde a applicam nos engenhos de assucar, ao passo que só a obtenção de aguardente constituia o objetivo dos proprietarios de enghocas paraenses. Não somente permanecia descuidada a cultura algodoeira, como ainda lhe fraudavam a minguada colheita os exportadores inescrupulosos, de cujo procedimento se queixaram os negociantes lisboetas.

Quanto ao tabaco, o aviso de 16 de Junho de 1761 limitou-lhe a producção, bem como a do assucar, ao exigido pelo consumo local, para não prejudicar a industria baiana, pela concorrência.

Longe estava, porem, o limite de ser ultrapassado, ou sequer attingido, pois que deficiente se lhe afigurava a colheita desses, como dos demais artigos.

“A maior parte dos generos nomeados, conceituava, incisivo, não passa de uma fachada de nomes para se lerem nos frontespicios dos mapas de Commercio, que aliás não illudem senão os homens superficiaes.”

Quaes as causas de tão grave phenomeno?

A falta de braços, primeiramente.

“Este é um principio que dita a experiencia, que agricultura sem agricultores é chimera.”

Urgia buscal-os onde os houvesse disponiveis. Mas os indigenas achavam-se amantados por legislação protectora.

“Foi, é, e seria sempre innegavel a justiça em que se fundou a declaração da liberdade dos indios.”

Mas, o resultado não correspondeu aos prometidos beneficios.

Libertos do senhor, que, ao menos por interesse, os tratava como agentes de trabalhos, passaram á jurisdicção dos directores de aldeias, cuja ganancia não seria menos abusiva.

“Estou em dizer, Exmo, que mais escravos ficaram os indios, depois da declaração de sua liberdade, do que antes da declaração.”

De mais a mais, careciam de uma “Intendencia da Saude”, que lhes evitasse a morte antecipada.

Para substituir o trabalhador acobreado, cuja emancipação o afastára da lavoura, recorriam ao escravo africano, de numero ainda diminuto em proporção ás

solicitações. A percentagem dos que pereciam no decurso da transplantação, levára Aublet a sugerir a intensificação do trafico negreiro para o abastecimento das Guyanas, cujas condições peculiares observou attentamente.

Amparado na opinião do seu collega francez, que “tinha empregado os 7 annos, que vão desde 1745 até 1752, em estudar em Paris o mesmo que eu, na Universidade de Coimbra, a Chimica, a Mineralogia, a Botanica e a Zoologia”, commenta, “tenho dado a ler a tradução acima para tirar esta conclusão que sendo poucos os escravos que entram em Estado, e morrendo nelle muitos de doença, são muitos mais os que morrem garrotados ás mãos da avareza e crueldade dos senhores ; a fome e a nudez são os seus males ordinarios.”

A’ mingua de subordinados, negros escravos, ou indios assalariados, accrescia o desconhecimento dos agricultores improvisados.

Não se fizera a colonização com familias acostumadas á faina agricola de Portugal.

De sorte que, estanciando no Pará, copiaram os rudes metodos de trabalho dos Tapuyas, que desconheciam “o arado, a charrua” e outras “maquinas mortas”, como tambem as “maquinas vivas”, de tamanha applicação na lavoura, que não dispensa o auxilio do boi, do camelo, do cavallo, e animaes de analoga utilidade. “Cultivar a terra neste paiz, diz elle, endossando opinião de Aublet, é por assim dizer descascal-a.”

Deficiencia de trabalhadores ruraes, dispersão da energia de muitos na exploração das “drogas do sertão”, a rotina sobranceira ás inovações agricolas, a insegurança do transporte, em canoas fragilimas, tudo concorria para manter o atrazo injustificavel que o fazia reflectir :

“Que é com effeito a Agricultura?”

“Uma ciencia que ensina a cultivar a terra, em ordem a tirar-se della o proveito possivel”.

“Por si as produções da terra são o bem mais real que todas as Minas, o fundamento mais solido dos Estados e a verdadeira base do Comercio, segue-se a terra bem, ou mal cultivada, e as operações do campo bem, ou mal dirigidas, são as que decidem da riqueza ou indigencia dos habitantes.”

Aspectos paraenses

Antes que proseguisse, rumo ao Rio Negro, azou-se-lhe, ao observador incançavel, lance de enfronhar-se nos usos e costumes locais, inscriptos ás carreiras, em monographia de titulo expressivo : *Miscelanea historica* (21). Factos e impressões ahi se enfeixam em abundancia, a que não corresponde methodico arranjo na esposição conglomerativa dos mais dispaes assumptos. Na cidade plana de "ruas mais estreitas do que largas", que as aguas de inverno transformavam em pantanal, labutava população abrigada em casas humidas, escassamente arejadas.

Ahi se caldeava, ao sol tropical, o tipo mais adequado á acclimação, em tentativas de varias dosagens que especifica : "os filhos de branco e preta são mulatos ; de branco e india, mamelucos ; de preto e mulata são mestiços, e de mulata e indio, caribocos."

A escala de tonalidades raciaes alongava-se por variedade immensa, na qual divizou, não obstante, os signaes mais perceptíveis á primeira observação.

"São pela maior parte morenos e chloroticos os paroaras (assim se diz pela lingua da terra dos naturaes do Pará), pouco barbados, de maus dentes, e peiores vozes, luxuriosos, desconfiados e indolentes, e como já está dito, mais supersticiosos, que devotos".

Quanto aos indios, em particular, carregou-se-lhe de tons escuros a palheta : "a preguiça e a crapula são seus vicios hereditarios".

O mesmo rigor apreciativo balanceou as condições culturais da Capitania, cujo ezame lhe coube.

O atrazo ensombrava as proprias classes graduadas.

“A medicina por todo o Estado tem mais charlatães do que a politica na Italia ; vale mais uma só conjectura de um herbolario, do que os aforismos todos de Hypocrates.”

Menos inculto não se revelava o clero ; “esplica-se-lhe a Theologia Moral, toda fundada na Escripura, e não se lhe esplica a Escripura ; isto é esperar frutos de uma arvore que não tem raizes.” A’ mingua de condições propicias, “ o artigo da Literatura do Pará está quasi em branco.”

Economicamente, não se distinguia tão pouco pela actividade lucrativa, estimada pela estatistica de importação e exportação.

Gorgulhava o arroz, quando não embarcado sem tardança.

E o peso do algodão crescia fraudulentamente, pela junção de materiaes estranhos, pedras e fragmentos metallicos, adrede introduzidos nos fardos, com frequencia tamanha, que, para atalhar semelhante abuso, Gomes Freire de Andrade prescreveu o Bando de 21 de Maio de 1686, comminativo da pena de prisão, por tres mezes, ao responsavel pela fraude, alem de elevada multa.

No porto, o – turú – arruinava os cascos das canoas, prejudicando o commercio, tanto exterior, como interior.

A capital abastecia-se em Marajó, de onde lhe vinha o gado em pé, destinado ao açougue deficientemente asseiado, a carne, seca, de rezes nem sempre abatidas a proposito e mantimentos varios, para cuja condimentação recorriam ao limão, pimenta em demasia, o ticupi, e o tacacá, de que menciona a receita culinaria (22).

Por bebidas, usavam as que lhes ensinaram os indios, o guaraná (23), o vinho de assai, sobremaneira apreciado pelos mazombos, a ticoára (24), usada pelos indios.

Já por esse tempo, constava sensível alteração do clima, que se afastava da regularidade pluviométrica de que davam noticia os velhos moradores.

Outrora, os negociantes se aprazavam para os seus encontros referidos á chuva, que não falhava á mesma hora diariamente.

“O que eu tenho observado, informa o viajante, é que pelo espaço de 8 mezes tem sido mais frequentes as chuvas de tarde.” Em consequencia, as doenças mais communs são “as que procedem de uma atmosfera quente e humida.”

E a proposito, lembra o que escreveu em sua *Brasilia Medica* G. Pison, cuja opinião subscreveu.

A tendencia minuciosamente analitica de Ferreira guia-o o nesse, como em outro esboço, parceiro até no titulo (25), a registrar o costume em voga: “as senhoras vão á missa em redes carregadas por dois escravos e acompanhadas de duas indias e duas pretas”, ou si não as tem, madrugam na Igreja, bem assim, a relacionar os edificios e instituições, ecclesiasticas e civis, cujo historico resume, do Palacio dos Capitães Generaes ao Hospital Militar, dirigido pelo Dr. José Gomes dos Santos, graduado em Montpellier. Nem lhe esquece a existencia do minuscuro candirú, provocador de accidentes fataes aos banhistas incautos (26). Por toda a parte, divagava a sua mente esclarecida.

Tudo lhe era assumpto merecedor de referencia, quando não tambem de reflexões, em que se descobria o contraste do jovem doutor, embebido de ensinamentos conimbrenses, e o ambiente paraense, que lhe não satisfazia as aspirações inovadoras.

Notas avulsas

Outros escriptos ainda teria Ferreira elaborado, durante a sua permanencia em Belem, para não perder nenhum esclarecimento adquirido.

Eram, em maioria, annotações esparsas (27), para utilização ulterior, consoante habito seu de trabalho.

Nem sempre as assignava, nem datava, difficultando destarte a exacta chronologia dos seus manuscriptos, quando não abria margem a duvidas mais serias. E' -lhe por exemplo, attribuida a autoria da *Noticia dos mais terriveis contagios de bexiga e sarampo*, que tem havido no Estado do Pará, do anno de 1720 em diante.

Mas o exemplar que Drummond rubricou, ao receber o espolio literario do naturalista bahiano, apezar de ter sido incluido entre os seus inéditos, sob numero 45, contem apagada nota a lapis, de douto ledor, que lhe impugnou a autoria.

Acertada, a cota anonima, pois o historico finaliza em 1776, sem apreciar successos mais proximos á "*Viagem filosofica*", e de mais a mais, figura no "Extrato do Diario" respectivo, como trabalho de Theodosio Constantino de Chermont, tenente coronel de artilharia com exercicio na engenharia.

Analoga objecção poder-se-á articular a respeito da *Noticia da Fundação do Convento de N. S. das Mercês*, tambem averbada injustificadamente á sua conta (28) e de varios outros.

Assim, da minuciosa bibliographia, que lhe attribue Arthur Motta, pontual sempre em suas informações, é certo que lhe não pertencem algumas, e duvidoso que outras sejam de sua autoria. Fôra de duvida, a *Memoria sobre uma porção de cabo formado de casca do guambecima* (n.º 88) foi elaborada, bem como a n.º 76, pelo Tte. Coronel Theodosio Constantino de Chermont.

A "*memoria da lavoura do Macapá*" n.º 78, deve-se a Manoel da Gama Lobo d' Almada ; e a de n.º 20 referente á pacificação dos *Muras*, n.º 84, *Reflexões abreviadas*, n.º 86, *Supplemento sobre a guerra*, o proprio naturalista attribuiu a J. Pereira Caldas, ao relacionar no "*Estrato do Diario da Viagem Filosofica*" os manuscriptos postos á sua disposição. Em suspeita incorrem os numeros 19 — *catalogo da verdadeira posição dos lugares pertencentes ás capitánias de Pará e Matto Grosso*, cujo simples titulo faz presumir a autoria de astrónomos, que o precederam nas explorações ; o n.º 73, *roteiro das viagens da cidade do Pará até as ultimas colonias dos dominios portuguezes em os rios Amazonas e Negro*, e 74 — *memoria de alguns sucessos do Pará*, cuja leitura poderá guiar na identificação do autor quem lhes deitar a vista em cima, n.º 91, *relação dos bichos remetidos do Grão-Pará*, de 1763 a 1779, e tambem o n.º 100, *nomes vulgares de algumas plantas do Rio de Janeiro*.

Uma dezena, pelo menos, de trabalhos, cuja ausencia, aliás, não lhe deprecia o espolio científico.

Auscultando o coração da Amazonia

Ultimada a sua missão em Belem, Ferreira proseguiu, Amazonas a dentro, munido de lisonjeira portaria do Capitão General, que ordenava a todas as autoridades sob sua jurisdição lhe attendessem ás requisições.

Ao iniciar a viagem, a 19 de Setembro, pelas 9 horas da noite, seguira no cortejo de Martinho de Souza, que gentilmente o convidára a acompanhal-o na visita ás fortalezas e povoações da capitania confiada á sua direção. Destarte passara por Oeiras, Melgaço e Portel, contrafeito por não poder navegar a par, como lhe cumpria, da capitanea, que seguidamente se via obrigada a moderar o avanço, para ser alcançada pela sua canoa parceira.

Adiante, porem, já a 26, sobreveio tremenda trovada, que lhe restituiu a liberdade de viajar, conforme ás conveniencias da sua tarefa, e não como ditassem as injunções administrativas. O governador, pelo furo Aiangú, rumou para Macapá, ao passo que o Naturalista demandou Curupá, onde chegou a 2 de Outubro.

Em seguida, observou Porto de Moz, na fóz do Xingú, a 12, Monte Alegre, dentro do igarapé Curupatuba, de 13 a 27 de Novembro; Santarem, na embocadura do Tapajóz, de 13 de Dezembro, a 4 de Janeiro; Alter do Chão, rio acima, no dia seguinte; Obidos, a 14; Serpa, a 9 de Janeiro, a Fortaleza da Barra do Rio Negro, pela manhã de 17, e, afinal, todas as povoações e

vilas interjacentes, até Barcellos, onde saltou ás 4 horas da tarde de 2 de Março de 1785.

A aldeia doutróra, Marina (29), fundada meio seculo antes, pelo missionario Fr. Mathias de S. Boaventura, quando escapo de perecer ás mãos do terrivel Baçuriana, arrebicava-se, faceira, por merecer as preferencias dos delegados da metropole, que a tinham escolhido para séde da Nova Capitania de S. Joseph do Rio Negro. Contra as falhas da sua posição articularia o viajante serio libelo, em que lhe preconizava a mudança para sitio mais propicio. De momento contentou-se, todavia, em aproximar-se de João Pereira Caldas, a quem classificaria de terceiro patrono da expedição (30), em seguida aos dois Martinhos.

Vinha-lhe a carreira, assinalada na Amazonia, da era de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, "Capitão General Plenipotenciario e principal commissario" das demarcações das fronteiras instituidas pelo Tratado de 1750, a quem servira, sendo capitão, de ajudante de ordens.

Interrompera-a depois, é certo, para ir governar o Piauhy, e, em seguida, commandar o regimento de cavallaria de Chaves, onde encontrou, na chefia do de infantaria, o seu irmão Gonçalo Pereira, ambos no posto de Coronel.

Regressára, porem, recentemente, para ezeccutar as deligencias, cujo fracasso tanto amofinara o seu predecessor.

Embora nomeado Governador e Capitão General de Mato Grosso, incumbencia mais premente, de chefiar a commissão demarcadora de limites, retinha-o, sem folga, na visinha Capitania, para onde partira, com os auxiliares, que iriam notabilizar-se (31) na exploração das regiões fronteiriças.

Astronomos e engenheiros constituíam, em meio da população atrazada, insigne constellação de sabedores,

a quem deveu a Amazonia as suas primeiras observações scientificas, praticadas em largas proporções, que não lhes prejudicavam o relativo rigorismo.

Alguns ainda lá se achavam, quando Ferreira desembarcou. Outros, já ausentes, deixariam o resultado de suas pesquisas, que lhe aproveitassem. Observaram, porem, de preferencia o que interessava ao conhecimento da topographia local, referida ás estrellas, a que se apresilhava pelas coordenadas obtidas a preceito. O naturalista completar-lhes-ia a missão inquiridora, pelo exame dos elementos que concorressem para modificar a vida naquellas paragens mysteriosas. E com a mesma efficiente actividade, já posta em pratica, anteriormente, no Pará, continuou a sua peregrinação pelos dominios de J. P. Caldas, que lhe rasgava elogios, retribuidos com liberalidade (32). Em mão o lapis e caderno, e olhar atento, embarafustou-se pelo Rio Negro, aguas acima, e seus tributarios fronteiriços, o Uaupés, o Içana o Ixié, o Dimite, até alcançar o mais alto ponto acessivel.

Permaneceu por uma semana em S. José de Marabitanas, fortaleza que por essa banda baliza o derradeiro posto de occupação portugueza.

Ahi estivera tambem em serviços profissionaes, um lustro antes, o astronomico Lacerda e Almeida, cujas observações lhe seriam conhecidas, para quaesquer rectificações dos seus levantamentos espeditos (33).

Ao Rio Branco após, consagrou os seus esforços, na esteira de Silva Pontes, que lhe tinha devassado os manadeiros longinquos (34).

Diario de Viagem

Quando se recolhia, finda a exploração planeada, a Barcellos, a colheita optima de especimens para o Museu e observações omnimodas, lhe ensejava lance de reduzi-las a escripto mais concatenado do que as simples notas avulsas.

Dali se causaram as “Participações”, com que fazia o Capitão General sciente da marcha das suas pesquisas, constitutivas do *Diario* da sua viagem, bem assim as monographias destinadas a acompanhar as remessas, que não cessava de despachar para Lisboa (35).

Não as individuaremos uma a uma, com a prolixidade fatigante das suas minudentes descrições de cada nucleo de povoadores, diante do qual se transfigurava o naturalista em recenseador cuidadoso.

Ao fim de qualquer trecho de acurada inspecção topographica, em cujo decurso não perdia azo de fixar-lhe os mais expressivos aspectos naturaes, se acertava topar com uma villa, ou povoação, ou simples roça, era certo abicar-lhe ao porto, para observal-a de perto. Nos re-dutos militares, inquiria dos elementos, que lhe garantissem a efficiencia defensiva. Si se lhe deparava alguma igreja, entrava-lhe, sem tardança, pela sacristia, a escabichar-lhe a arca dos artigos de culto, relacionados com exuberancia de pormenores, após detido exame (36).

Dos rudes industriaes e lavradores, aproximava-se, ancioso por lhes descobrir as particularidades da vida

afanosa, os processos de trabalho adotados, as possibilidades, que suggeria, para lhes aumentar o rendimento.

Nada lhe escapava ao campo de observação.

Todos os phenomenos lhe solicitavam a atenção analisadora, e lhe proporcionavam motivos de reflexões continuas. No proprio "Diario", quando outros ensaios tivessem de todo sumido, colher-se-ia a sinthese das suas ideas acerca de varios problemas locais, ou de alcance mais geral.

Assim, quanto aos indios, embora se lhes mostrasse defensor extrenuo da liberdade, não lhes occultava a inadaptação aos moldes civilizados (37).

Patrocina-lhes, todavia, a causa, quando, ao visitar, de inicio, Thomar, nota-lhe a desmedrança.

A população decrescia visivelmente, diminuida dos remeiros requisitados para longas espedições, desde o governo de Mendonça Furtado.

E com os argumentos que não seriam despresados pelos modernos avaliadores da vida humana, relembra que o indio, para attingir traquejo sufficiente no manejo do remo, necessita de muitos annos, "em que se cria e fortifica", e que "para morrer a maior parte de umas poucas equipações inteiras, basta muitas vezes uma viagem destas."

Melhor sorte não aguardaria os que permanecessem na povoação, adstritos ao mando do respectivo director.

"Si estão bons para trabalharem, trabalham mais do que convem, porque sempre vivem a jejuar, não de pão, mas de farinha e agua, que é o que por aqui chamam caribé; sim, elles não morrem á mingua, de repente; mas o trabalho e o jejum quotidiano insensivelmente lhes faz beber a morte em diversos tragos; chega a doença, que ha muito está forjada e neste caso o director não os trata como os tratava o seu Padre; porque nem ha botica, nem povoação provida, ao menos, dos remedios mais domesticos" (38).

Não prosperavam, maltratadas por semelhantes dizimações e pelas epidemias de variola (39) e sarampo, as povoações, que, de S. Isabel, a segunda, para onde se mudára a primitiva, fugindo á voracidade das formigas, a S. Gabriel, pouco mais seriam que "feitorias de farinha". A proposito, opina contra o sistema adoptado, de dispersar os escassos moradores em varios nucleos, em vez de reunil-os para lhes melhorar a ordem.

"Será mais conveniente, affirmava, formar menos e mais populosas, do que incultas e insignificantes, porque desta qualidade só servem de fazer despezas, e de occupar mais parocos e directores, sem o menor proveito."

A linguagem do naturalista não disfarçava a justiça vehemencia da critica, ao versar qualquer dos assumptos attinentes á missão. Para que lhe não attribuissem, porem, parcialidade tendenciosa, contra funcionarios, que lhe incorressem no desagrado, proclamou, compenetrado de suas responsabilidades :

"Protesto que o que vou dizer é dito em geral, a minha intenção não é ferir alguém em particular (40).

Assente essa ressalva, poderia, com a sua habitual franqueza, denunciar todos os abusos, que se lhe deparassem, os vicios de organização, os erros commetidos pela ignorancia, ou astucia.

"Os que têm de officio informar a V. Exa., diria a J. P. Caldas, da execução das suas ordens, nem sempre o cumprem. Os que o sabem cumprir, ás vezes não querem e os que não sabem, nem podem nem querem (41).

Fiscal inflexivel, chamava a contas assim os subalternos, como os graduados, sem excepção. Pessoalmente, ouvia-lhes as rasões, ou lhes examinava os feitos, a que não regateava gabos, quando merecidos.

Não amantava, porem, faltas dos desidiosos, que lhe provocavam censura tendente então a melhorar o serviço real.

“Isto, que escrevo e informo, assegurava com justa ufania, não são noticias adquiridas pelo que se me diz, ou vejo escripto ; o Estado em todas as suas repartições é o livro de si mesmo, e cada dia que por elle viajo é uma pagina que folheio” (42).

Quando, por ventura, não podia apoiar-se no testemunho proprio, a sua probidade intelectual ditava-lhe a declaração justificativa. Assim, em Dezembro de 75, pelo Canabury, atinge a serra homonima, que lhe barrou a marcha : “eu não me resolvi a tentar a sua subida ; e o mato das abas foi tambem sagrado para os meus exames, porque nem eu me achava acompanhado de gente precisa para rebater algum encontro inopinado, nem na minha canoa transportava os apositos precisos de prevenção para os casos de mordeduras de cobras, as quaes ali são infinitas, alem de muitas onças” (43).

Ou si, para economizar tempo, dividia o pessoal, como em Içana, Ixié, conservando Codina ao seu lado, enquanto Freire e J. do Cabo investigavam outros afluentes visinhos, recommendava a cada um que relatasse os trabalhos entregues aos seus cuidados, e os assinasse, para evitar confusões passíveis de responsabilidades.

A cada qual, a recompensa a que fizesse jús. Não seria o general que se vangloriasse de triunfos alcançados pela dedicação e competencia dos seus conduzidos.

Conceitos economicos

Ao criterio utilitario por que Ferreira norteava os seus trabalhos, a viagem proporcionaria, a cada passo, oportunidade de manifestações que se lhe afiguravam apropriadas ao engrandecimento do reino.

Tanto zelava, particularmente, por determinada industria, inspirando acto (44) de J. P. Caldas, de proteção á piassaba, á arvore "chamada da casca preciosa", ao puxuri, e outras cuja exploração deveria ser metódica, afim de evitar a devastação nociva, como, em conjunto, gisava as bases em que devesse estear-se a actividade geral dos habitantes.

E ao traçal-as, atenta no exemplo de Portugal, reino "em que antes dos gloriosissimos reinados passado e presente, pode-se dizer que, quasi todo repartido em claustros para celibatarios de ambos os sexos, dos quaes não se esperavam, nem se deviam esperar progressos na povoação ; reino em que o desprezo da arte de viver cada um pelo suor do seu rosto, e pelo trabalho das suas mãos, particularmente nas manufacturas, não só dificultava a subsistencia de muitas familias estabelecidas, mas forçava a fazer odiar o estado de matrimonio como oneroso, pela obrigação de sustentar os filhos, dando-se por felizes, e mil vezes afortunados, os que eram casados, e não os tinham (45), reino afinal em que não obstante debilitado pelas emigrações desde D. Manoel, si mania

alguma existia”, era e é de virem todos, si possível fosse, cavar o ouro no Brasil.”

Não admirava que os estrangeiros dissessem a “nós outros o que o Consul Fabricio dizia aos Sanitas e a el rei Pyrrho : *Que os Romanos não tinham ouro, mas dominavam as nações que o possuíam.*”

A digressão pela historia economica lusitana valia-lhe para util confronto : “digo que as drogas do sertão são para o Estado do Pará o mesmo que as minas têm sido para Portugal.”

A sua colheita desviava lavradores das roças, sem equivalente beneficio particular, nem coletivo. Condenou igualmente a monocultura, prejudicial ao Estado.

Preconizava a especialização industrial e agricola, afeiçoada á terra.

“O interesse é o movel das acções do homem ordinario e neste ponto de vista o anil, o café e o tabaco devem ser generos privativos da Capitania.” E para explicar melhor a sua orientação, que não desagradaria aos reinões, accrescentava :

“O que escrevo do Estado a respeito de Portugal, é o que escrevo desta (Rio Negro) a respeito daquella capitania (Grão Pará) ; recolha-se o maior numero de produções, que rendem as conquistas e reservem-se para o Reino as manufacturas dellas ; assim pagará o Estado a mão de obra, e os fretes dos generos que tem, mas não se lhe permite manufatural-os, para não ficarem nelle, e por consequente, o reforçarem, as importantes sommas, em que devem avultar, por uma parte os generos, e por outra, a mão de obra, o que tudo indicaria bem cedo uma consideravel *diferença no equilibrio da balança* (46).

Embora, neste particular, revelasse mentalidade colonial, o seu desejo de bem servir a Corôa não o inibe de condemnar o processo de fomento de industrias novas com promessas realengas que se não realizavam.

Discretamente refletia : “Com toda a casta de gente se deve praticar a boa fé, porem, muito mais particularmente, com o pobre lavrador, que deixará, talvez, de plantar a maniba do seu sustento, fiado no dinheiro que tirar no anil para a comprar.” Em conceitos esparsos, anotou outros pontos que pretenderia explanar :

“Toda a taxa nos generos sufoca a agricultura e consequentemente a industria, o commercio, a navegação etc.

“Pagando-se nos portos de Portugal, os generos, pagar-se-ão tambem no de Pará. Paguem-se no Pará que aguental-os-ão os do Rio Negro. Mas, em que me meto eu ! Se conheço que, para se reformar o commercio desta e das outras colonias americanas é primeiramente preciso reformal-o no Reino.”

Taes reflexões transbordavam das limitações burocraticas da sua tarefa de funcionario, a quem não se poderá arguir a condescendencia de silenciar diante dos abusivos desacertos observados, ainda que gerados pela defeituosa organização administrativa, mediante a qual a Metropole geria a sua colonia.

Bosquejos contemporaneos

No intervalo das “Participações”, extrahidas do “Diario de Viagem”, elaborava o naturalista as memorias avulsas, que si careciam da densidade scientifica, exigida pelos especialistas (47), denotavam ampla curiosidade pesquisadora, servida por incomum capacidade de trabalho.

Como os decoradores que, em seu caderno de notas, esboçam, em rapidos traços, croquis dos aspetos, que aproveitarão algum dia nas suas composições de maior porte, assim elle anotava, em folhas esparsas, as linhas principais do que julgava convenientemente annexar ás remessas continuas de especimens para o Museu (48).

Observações zoologicas, ethnographicas, botanicas, em profusão, colhem-se de taes escritos (49) que não visariam aprofundar esclarecimentos, como tentaria em outros, merecedores de referencia especial.

O pirarucú, peixe pintado de urucu, pela etimologia indigena, que “bem seco e salgado é o bacalhau do Pará, assim como o peixe boi de Moura algum tanto imita o atum do Reino”; as tartarugas, de que menciona quatorze variedades, que se colhem por cinco processos diversos, desde o anzol, de menor efeito, á “viração”, de lucrativo rendimento; os artefatos indigenas, salvas de palhinha, epacarás, de Santarem, as cuias pintadas, de Monte Alegre, as rêdes de Obidos, as louças de Faro, o isqueiro dos indios, ou *tátá-potaba-reru*, o instrumento que usam

para tornar o tabaco paricá, de tudo aponta quanto baste para a identificação dos especimens colleccionados.

A respeito do gentio, mais desenvolvida, em geral, lhe rompe a descrição, embora não definitiva. Os jurupixunas (*juru* = boca, *pixuna* = negra) da margem occidental do Japurá, que se picavam no rosto com espinhos da palmeira popunha, cujas folhas queimadas lhes davam cinzas para a tatuagem, por meio da qual conseguiam mascarar-se caracteristicamente; os uerequenas, ferozes habitantes do Alto Rio Negro, que nas orelhas carregavam, á guiza de arrecadas, fragmentos de madeira, e até molhos de palha, tanto as dilatavam para baixo até proximo aos hombros; os muras, que analogamente procediam, quanto aos labios, furados para receber batoques; os mauás, deformados pelo colete de laminas de madeira, com que, "espartilhados, se lavam no rio, remam nas canoas e se exercitam, em todo o genero de trabalho"; os caripunás, do Jatapú, de testa raspada, fabricantes de igaçabas e maquiras; os cambebas, de cabeça chata, pela compressão, entre talas de palmeira, quando crianças, accessiveis e adiantados, que ensinaram ao invasor impermeabilizar botas, chapéus, e vestidos com a "resina elastica, chamada vulgarmente leite de seringa"; os catauixis, do Purús, praticantes de jejun espiatorio e a respeito de cuja dermatose generalizada, que receberia o nome de purú-purú, reflete "podem as ditas manchas ser um effeito de algum virus venereo, escorbutoico, ou leproso, e este virus hereditario de toda uma Nação"; os miranhas, do Solimões, de tez clara, que, nas ventas adrede furadas, introduziam penas da cauda de arara, quando enterreiravam o inimigo; de cada um delinea o perfil, que deverá individual-o em meio das tribus innumeraveis.

Especifica-lhes as armas, e aos que lhe censuram o desperdicio de atenção com similhantes indagações, res-

ponde, em nota relativa aos costumes dos uerequenas, a quem attribuiu ferocidade na anthropofagia.

“Quaesquer que sejam as armas, de que usam os gentios desta Parte da America, eu as tenho remetido, no intuito de completar algum dia a Historia da Industria Americana, sendo certo que para se chegar a adquirir um perfeito conhecimento do seu principio e progressos é preciso mostrar o Americano em todas as diversas situações em que a Natureza o tem collocado; seguir os seus passos nos differentes graus de sociabilidade, por onde elle tem passado; avançar desde a infancia de sua vida civil, até a maduresa e a declinação do seu estado social; e observar os esforços que em differentes tempos tem feito as suas Faculdades ativas, em todos os ramos de sua Industria, na guerra e na paz. O que certamente se não pode empreender, senão em vista das suas obras.” E ao sintetizar, destarte, o que pretendia realizar em materia de ethnografia, rematava: “persuado-me que tenho respondido aos que me impacientam com perguntarem-me para que ajunto eu e remetto semelhantes armas e galantarias.”

Traçou, neste lance, o programma de mais completas analyses futuras, e coordenação de elementos obtidos, que não lhe seria permittido executar.

Navegação fluvial

Mais detido exame reclãmam os ensaios de maior tomo, que Ferreira conseguiu ultimar, embora nem sempre acolchetados á missãõ official de naturalista viajante.

Assim, de um (50), dedicado ao seu protetor, como de outro, offerecido a J. P. Caldas (51), assinala a data da terminaçãõ, no mesmo anno de 87.

Ambos avultam na bibliographia ferreireana, a par de alguns outros, em que o autor logrou imprimir o cunho de sua personalidade scientifica, e desenvolve-a mais do que seria de esperar de quem não cessava a sua faina de colleccionador diligente.

A seu tempo, será considerada cada uma de per si (52).

Por ora, lembre-se o que escreveu a respeito da “Marinha interior”.

Não lhe era assumpto forçado da commissãõ (53), mas lhe aprouve explanal-o, movido pela observaçãõ dos successos contemporaneos. “Quando me ponho a olhar dos centros destes sertões para o Estado presente da Europa culta, onde a Marinha interior e exterior das Nações, que algum dia a aprenderam de Nós, está sendo arbitra, que decide da Guerra e da Paz ; do commercio ativo, ou passivo ; da Riqueza, ou indigencia dos Povos, e para dizer com a energia de um Poeta, onde “O Tri-dente de Neptuno é o sceptro do Mundo”, e chegando eu mesmo a reconhecer que ella é a Mola real desta chave

mestra de todas as outras colonias Portuguezas em o Novo Mundo, cujo desenvolvimento, conquistas, navegação, fundada no valor, na Piedade, e no zelo da Fé dos nossos Reis excedem tudo quanto ha de grande, e de serviço, na historia das outras Marinhas, ofereço a V. Exa. em beneficio da defensa deste Estado, e do augmento do seu commercio, este como signal do muito, ou pouco Patriotismo, que em mim se acha. . . ”

Sempre, a utilização immediata do seu concurso para beneficiar a collectividade, a que offercia os conhecimentos adquiridos em extenuante jornadaear, pelos livros e pelos sertões.

Com o seu olhar arguto, abrange todos os aspectos do problema, desde a mais tosca embarcação até as que pudessem transpor o Atlantico.

Igara, nome com que o gentio appellidava a simples canôa, esgalhava-se em derivados expressivos, como igarité, contração de *igara* — *reté* — *canoa verdadeira*, *igarapés*, *caminho de canoas*. Si mais rudimentar, simples tronco escaldado a ferro ou fogo, ou a propria casca de paxiuba, era a *ubá veloz*.

O canoeiro habil, antes de iniciar a sua obra, attentaria na arvore de qualidade, que lhe desse madeira apropriada, cujas variedades passa em revista, na distancia da beira dagua, a que fosse necessario transportal-a, e na quadra mais propicia,

“porque independentemente das conjunções da Lua, em que eu para o corte das madeiras, nenhum influxo considero, algumas observações tem feito os Praticos do Paiz, as quaes já hoje não deixam de estar autorizadas, quanto basta pelas experiencias daquelles que as praticaram”. Especificou a norma seguida pelo sargento mór João de Souza de Azevedo, sertanista de nomeada, cujo nome se gravou na historia de Mato Grosso, que abatia as arvores, logo após a fructificação, tendo o cuidado previo de abrir-lhes umas incisões pela circum-

ferencia do tronco”, que afogueava com fogueira proxima para as obrigar a “escorrer toda a mera”.

Cumpria-lhe, igualmente, avaliar si teria a preferida as dimensões necessarias, pois “na estimativa das grandezas physicas, refletia, quasi sempre intervem alguma illusão optica ; o que mais se chega a conseguir pelo habito, é uma certeza de aproximação, a mais, que sem instrumento se pode ter”.

Por outros itens, ainda se expriavam as recomendações do ensaista, que lembrava aos constructores não se descuidassem de verificar si era páu real, reservado a fins especiais, si o tronco se apresentava uniformè, sem tortuosidades, e estava, ou não, isolado, e em terreno de facil manobra de falquejo ou arrastamento.

Pormenorizadamente se extendia em cada capitulo, para enfileirar esclarecimentos, que lhe denotavam o empenho de transmitir a outrem o resultado de suas indagações. Empenhado na tecnologia usual, entre os embarcações, valeu-se de notas de viagem para apontar madeiras mais aconselháveis a cada aplicação, bem como outros elementos necessarios á navegação, fluvial principalmente, como as fibras de tucum, monguba, para cordoalha, resina do pau de breu, ou do anany para o calafeto. A proposito, recorda ocurencia inesquecível em sua viagem transatlantica: a noite de 25 para 26 de Setembro de 1783, a bordo da charrua “Águia Coração de Jesus”, pela madrugada, “navegando a embarcação com todo o panno solto, foi repentinamente acommettida de um grandissimo tufão de vento, que se declarou em uma aturada tempestade de chuva e de vento de rajada, a qual chegando a rasgar algumas velas, não desarvorou um só mastro, nem fendeu verga alguma”. A mastreação era de castanho, cujas qualidades indica, especialmente apropriadas a tal aplicação. Do castanheiro provem os “castanhos do Maranhão”, assim chamados com impropriedade”, porque são proprios do Pará”. Miuda-

mente explanada a parte relativa ao material, trata do seu uso. Entre os remeiros preferia os cametanos por "mais valentes nos remos", os sacacas de Marajó. As viagens deveriam ser empreendidas em epoca opportuna. Assim, para Mato Grosso, a pratica apontava o mez de Julho por mais favoravel.

Ao viajante se depararia, por essa epoca, abundancia de caça, aguas apropriadas á facil passagem das cachoeiras e diminuta probabilidade de ser acommettido pelas terriveis "carneiradas", frequentes em outras quadras.

Por Natal, chegaria a Villa Bella, são e salvo, desde que tomasse cuidado, como recommendava a todos, "contra os perigos do ceu, da terra e da agua".

Ao termo de cada excursão, as canôas, qualquer que fosse, de commercio, ou privativas das autoridades de alto cotumo, seriam recolhidas á "casa" respectiva, onde ficassem livres da soalheira, da humidade, e tambem dos puantes turus, que lhe brocavam o madeiramento.

Pelo Rio Negro

Si ao redigir a monographia a respeito da “Marinha Interior”, tinha o naturalista os olhos em Martinho de Mello, a quem se mostrou constantemente agradecido á lisongeira distincção do convite para redigir a *Historia Filosofica e Politica dos Estabelecimentos Portugueses no Estado do Grão Pará*”, quando planeou compendiar em uma só memoria o que houvesse de mais interessante em dezenas que escrevera acerca de aspetos do Rio Negro, poz a mira em J. P. Caldas, que lhe proporcionára devassa nos archivos locais e collaboração de todos os commandantes militares e chefes de repartições, e lhe merecia especial deferencia, rompente a cada passo de suas “participações”. Examinára cuidadosamente a mesopotamia irrigada pelo Rio Negro e o Branco, seu tributario, e julgou-se autorizado a synthetizar-lhe as carateristicas, definidas pelas peculiaridades ribeirinhas. E o plano, que traça, e executa, é de quem, sem arrogancia, mas conscientemente, poderia gravar no limiar á guisa de justificativa:

“Concluida pelo modo, que eu melhor a pude circumstanciar em todas e em cada uma das 13 Participações que constituem um corpo de Historia Geral e Particular deste Rio, nesta, que é a 7.^a e a ultima da 2.^a parte, desembaraçar-me-ei de uma tarefa que ainda me falta.

E ella consiste em resumir tudo que tenho escrito, difusamente, e substancial-o de modo que, sem ser preciso

fatigar-se, V. Exia para ajuntar idéas espalhadas, debaixo de determinados pontos de vista, possa ver e informar-se de tudo, o que julgar mais util de saber, sobre aquella parte do Rio Negro somente, que eu tenho visto, e que, no dia de hoje, continua a ser navegado e colonizado por Portuguezes.

Não que me eu proponha especificar tudo, o que haveria a escrever, e fossem muitos a trabalhar, porque para semelhante tarefa, não só não bastam as forças de um unico naturalista, e ainda este, tão pensionado, como me eu tenho visto no curto espaço de quasi 3 annos, desde 2 de Março de 85, em que cheguei a esta Villa até a data de hoje. Mas antes falta-me competente Bibliotheca, para em vista della retificarem as observações. Falta o socego de espirito que tão preciso é, a quem tem de ordenar e compor entre si uma multidão de idéas.

E falta finalmente o tempo para escrever, sendo tão pouco para observar”...

Assim confessava a J. P. Caldas as contingencias, que difficultavam o cabal desempenho de sua incumbencia.

Não obstante, delineou e concluiu monografia de tomo, que ainda hoje se lê com deleite e aproveitamento.

Citou, de principio, o nome antigo — Quiari — do rio, cujos aspetos pormenoriza, para lhe revelar a côr das aguas, resumir-lhe o historico da descoberta e occupação desde a viagem de Pedro Teixeira em 1637; determinar-lhe a fôz, extensão, 230 leguas até Cucuhy, a profundidade em varias sondagens, a vestimenta das margens, as ilhas, enseadas, pedrarias, os afluentes, desde o Rio Branco, o Queceune dos indios, que toma o nome de Urariquera na confluencia do Tacutú.

Já no Capitulo XVI, entra a discorrer do gentio, em suggestivo resumo do que lera e observara pessoalmente. Os manaos dominaram-lhe o curso inferior, em quanto os baris occupavam o superior.

Depois, movimentos migratorios espontaneos, ou promovidos pelos colonizadores europeus, alteram a primitiva distribuição indigena.

Ferreira menciona para mais de 60 grupos, a que faltava sequer a identidade linguistica. Variados os dialetos e como as povoações nem sempre se constituíam de familias da mesma origem, em cada uma dellas ouviam-se vozes polyglotas, interpretativas do linguajar de cada componente etnografica.

Era a Babel selvagem, em plena floresta, á beira do rio famoso.

Examina-lhes as superstições, os costumes, os ornatos, bailes, instrumentos de toda especie.

A proposito, argue de suspeitas as informações dos cronistas de burel.

“Os missionarios que têm sido entre nós as pessoas encarregadas de espreitar as suas opiniões e praticas religiosas, desconfiam de tudo quanto veem fazer os gentios ; principalmente si entre os seus usos e costumes lá chegam a descobrir alguma cousa que se lhes apresente ser um dos objetos de sua maior veneração.

Si se inclinam a desconfiarem de tudo que fazem os gentios, não vêm senão obras do Demonio. Si a concilia-os com o Cristianismo, passam de um a outro extremo, por que desde logo lhes atribue ideias, que elles, sim, são capazes de as adquirirem, como os outros homens, porem, que ainda as não tem.”

Somente os manaos admitiam *Mauari* — autor de todo bem — e *Sarauá* — causador de todo mal.

Quanto ás danças, a que se entregavam todos, nem sempre caberia o ferrete de feitiçarias. Eram diversões, as mais das vezes, sem outro significado alem do desejo de folgar.

Tudo lhes era pretesto para bailados, a pescaria, a caçada, a guerra, os sucessos de maior alcance.

Si alguns, como os yurupixunas, usavam em taes reuniões, alegradas com os sons de tamborinhos, gaitas, cascaveis, de mascaras especiaes, os outros contentavam-se com os seus ornatos costumeiros, em geral constituídos de artefatos com penas de aves vistosamente coloridas, quando não também de despojos dos vencidos, cujos dentes forneciam elementos para as gargantilhas dos vencedores.

Em guerra, também se diferenciavam, desde a maneira de armar-se, até a maior ou menor ferocidade com que festejavam o triumpho.

Alem do arco de flecha, commum a todos, usavam alguns, os uerequenas, em particular, o murucu, dardo, o cuidarú, maça de pau pesado, pintado com urueú, a braçanga, arma curta e cortante como o sabre, a que os yurupixunas juntavam as zaravatanas.

Em frente ao inimigo morto em combate, os ingahibas, os tapicharas, os mamianas tripudiavam-lhe sobre o cadaver e abocanhavam, enquanto os muras lhe apresavam as cabeças decepadas, por tropheus.

Taes sevicias commettidas “durante o furor da guerra, e para deste modo satisfazer os excessos de sua colera são os que o uerequena pratica de sangue frio, com os prisioneiros, que applica para o seu sustento longo tempo e depois de concluida a guerra”.

E endossa a informação, que lhe prestaram, do emprego de curraes, como os de gado, para a conservação dos condemnados á anthropophagia usual entre esses habitantes do Içana e Ixié.

Por utensilios domesticos, arrolou igaçabas, grandes para fins sepulcraes, ou menores, de uso diario, maquiras, cuias, ralos, feitos de lascas de cristal embutidas em madeira resistente e outros artigos de que se utilisava quem primeiro necessitasse.

“Entre elles nenhuma ideia ha de propriedade, reflectia, tudo é para todos”.

Ao mesmo assumpto ainda tornaria, ao versar o capitulo relativo aos — habitantes —, classificados em brancos, europeus, ou americanos, indios, e negros.

E cita as leis protectoras (54) dos naturaes, até o alvará de 4 de Abril de 1755, que declarou dignos de particular attenção de S. M. os europeus que se casassem com os da terra, bem como o § 10 do "Directorio", consoante o qual era "injusta e escandalosa a introdução de lhes chamarem negros, querendo-se talvez com a infamia e vileza deste nome persuadir-lhes que a Natureza os tinha destinados para escravos dos brancos".

Pingues favores prometteu e outorgou Furtado de Mendonça, "comtudo já hoje continuam friamente os casamentos dos brancos com as indias".

Além de argumentos de persuasão, que arraigassem o forasteiro á gleba, o absolutismo usava discricionariamente dos seus poderes, para lhes impedir o regresso. Assim foi que o requerimento de Manoel Rodrigues Callado, desejoso de mudar-se para Belem, teve despacho contrario, "porque sendo ella (nova capitania do Rio Negro), uma Parte do Estado, que ainda estava em seu principio, e por isso necessitava do provedores brancos".

Havia mister de intensificar-lhes a corrente imigratoria, compensadora dos numerosos enxames indigenas, capazes de revoltas, como ocorreu de 1766 a 1781, e da escravatura africana, da qual a Companhia do Commercio transportou perto de 14.000 cabeças até 1777. Indispensaveis á historia do povoamento da Amazonia, os tres capitulos XVI — XIX — XXI — em que, por titulos differentes, o naturalista sintetiza as suas ideas a respeito da formação da variedade racial, que se elaborava naquelle scenario portentoso.

Outros ainda se assignalam pela abundancia de informações, como o referente á Agricultura (XXII), cujo atrazo attribuiu a varias causas, entre as quaes sobrelevaram a indolencia dos indios, a falta de braços, a

ignorancia de methodos racionais de culturas, as diligencias militares, abuso de exploração das drogas do sertão, multiplicidade dos generos, manufacturas prejudiciaes, e inutilidade dos intendentes letrados, a quem cabia dirigir a economia das povoações.

Togados, e absorvidos na sua judicatura, como poderiam cuidar eficientemente da fiscalisação dos directores, cujos abusos tanto revoltaram o naturalista?

Rompe-lhe a accusação, com toda vehemencia, bem que impessoal, pois não cogitava de individuo, mas de melhorar a funcção.

Com esse intento, até se apaga de proposito, em gesto de modestia incompreensivel.

“Tal é o meu metodo de discorrer, remata. Como sei, porem, que ordinariamente se ajunta mais fé ao que dizem os velhos chamados Praticos do Paiz...

Renunciei de boa vontade ao Direito, que me dava o exercicio de minha profissão, para nestas materias produzir o meu juizo livre e independente, e querendo tão somente que em tudo prevalecesse o serviço de S. M. e o Bem Publico, escrevi a Antonio Villela do Amaral (55). Com a mesma franqueza aponta as deficiencias do comercio, entravado pela ganancia e dificuldades de transporte (56), pois em seu parecer, as “drogas do sertão” serviam somente para desviar braços da lavoura, sem proveito correspondente, e a escassez de manufacturas. Nesse capitulo, o XXV, relaciona o que vira a respeito da utilização das tartarugas, para o preparo de banha e manteiga dos ovos, de ceramica, de tecidos de palhinhas ou fibras vegetaes, de fabricaçaõ de aguardente de canna, apesar da prohibiçaõ official (57), que valcu por tentativa de aboliçaõ do alcoolismo local. Os contraventores souberam tão bem fraudar a lei, que o Ouvidor Sampaio lhe reconheceu o fracasso. Cita a providencia de Marco Antonio de Azeredo Coutinho, que ensaiou

contratar (58) na India familias afeitas á tecelagem, que viriam ensinal-a aos brasileiros.

Alexandre, imbuido do imperialismo economico metropolitano, contraria semelhante orientação “visto que em exportar das Colonias as materias primas, para lhes re-exportar, depois de manufacturadas, consiste o ganho real e certo ; logo o de que importa tratar, é de recolher tão somente o maior numero de producções, que rendem as conquistas, reservando para os braços do Reino manufacturar todas aquellas, que para elle se pudessem transportar”.

A especialisação de funções industriaes, atravez do Atlantico, mantido a Portugal o privilegio manufactureiro, e ao Brasil a produção de materia prima, era convicção arraigada, que a miudo lhe vinha ao bico da pena.

Como tambem a sua repugnancia ao sistema constructivo, que adotaram aquellas paragens, cujo clima definiu, pela excessiva humidade.

Para combater-lhe os maleficios, deviam ser as casas altas, avarandadas, e bem providas de janellas, alem de voltadas para os ventos mais sadios.

Ao revez, eram terras, cobertas de telha vã, ou folhas de palmeiras, e nas aberturas, usam os “chamados gurupemas, de um tecido de palha tão miudo, que apenas se distingue o vulto de quem espreita de dentro para fóra das janellas. . .”

Em consequencia, adoeciam facilmente, enfraquecidos tambem pela nutrição deficiente, cujos recursos analysou na “Dietetica”, 27.º capitulo.

“Da pesca é que em todo o anno se vive ; e esta ou é de peixe, ou de tartarugas.”

Não ha criações que a substituam.

As pequenas, do gallinheiro, são perseguidas de pestes, que as fulminam, das grandes, pouco ha.

Aponta o exemplo de Castella, para conceituar ; “em ambas aquellas operações tocamos os extremos, porque

o que conquistamos com "excessivo calor, conservamos com excessivo frio."

E, atribue, em parte, a culpa, ao zelo militar dos generaes que mais cuidavam de mobilizar forças de guerra, do que hostes de lavradores e criadores.

"Quem deixará de ouvir com assombro, que em todo o Rio Negro Portugues, não ha ao dia de hoje quatrocentas cabeças de gado vacum?" exclama desalentado.

E no Rio Branco, apesar da informação do Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que desde 1777 lhe proclamou a excellencia das campinas á pecuaria, e de Silva Pontes, de 19 de Julho de 81, baseado em suas proprias observações?

Ferreira suggeria o aproveitamento das canôas, que desciam com tartarugas e regressavam desocupadas, para a condução de duas novilhas em cada viagem, até um plantel de ensaio, que J. P. Caldas conseguiu constituir com 17 cabeças, o inicio do rebanho bovino do Rio Branco.

A' mingua de carne verde, e condicionada a pesca aos mezes propicios, recorriam os indios para a sua nutrição á batata, á macacheira, ao inhame, á mandioca, em sua varias modalidades, da tapioca ao vinho, quando não o faziam de asahi, mucajá, anajá, aos frutos cultivados como o jambo, o tamarindo, recebidos de Mato Grosso, o côco e a ata, da Asia, e os que vieram da Europa, o figo, a laranja, o tomate, e outras, ou silvestres, o geni-papo, a mangaba e variedade enorme, que se encontrava na floresta, onde tambem abundava a caça, cujas principaes especies arrolou, para observar: "Nem aqui se trata de especificar a todos quantos ha, nem de os descrever segundo a arte, porque uma e outra cousa se fará a seu tempo, quando dever apparecer a *Zoologia Paraense*".

Embora já então a levasse em mira, tal obra jamais seria ultimada, como tambem não se completariam os seus estudos botanicos, planeados em Belem.

O tempo era-lhe escasso para affazerer mais prementes, conforme diria no "Extracto do Diario da Viagem Philosophica", ao recordar as caminhadas feitas e obras concluidas até Outubro de 87.

Tinha, em elaboração, a minuta acerca do Rio Branco, do café, do tabaco, e de alguns animaes, faltando-lhe folga para lhes dar a ultima demão e entregal-as ao copista. Daquela, apenas surgiria, o "tratado historico", capitulo desenvolvido do que seria a obra completa, acompanhado de notas esparsas. As outras, ao que nos conste, perderam-se de todo, sumindo do espolio literario do naturalista. A excursão ao Rio Branco derreara o sobremaneira, com os estropeamentos e maleitas que o puzeram acamado.

Ainda assim, por Outubro de 86, anciava pelo recebimento de officio do Ministro que lhe prescrevesse a internação, "Japurá" acima, ou Madeira.

E como nenhum aviso tivesse, recorreu á autoridade mais proxima, de J. P. Caldas, que, por sua vez, o aconselhou a consultar o Capitão General do Pará.

Capaz de resolver a duvida, não o quiz, preferindo por gentileza, ou artimanha, devolver a competencia ao "Primeiro Comissario" que, de sua parte, a transferiu ao naturalista.

Nessas manobras de tergiversações, escoavam-se os dias, e Alexandre, para não destoar do parecer dos seus superiores hierarquicos, entendeu "que não tendo elle mesmo Ordem Real não deveria tomar sobre si uma resolução que antes S. S. E. E. pela mesma falta de ordem não quizeram tomar."

A demora abriu-lhe ensejo de ultimar varios ensaios iniciados e bem assim, de mandar o jardineiro J. do Cabo colecionar plantas e peixes no Uaracá e no Solimões.

Quando lhe chegou a desejada resolução governativa, que o afastaria para Mato Grosso, poderia ufanar-se do que lograra apresentar, de serviços realizados na Amazonia (59).

Aprestos de viagem

A ordem regia, para que seguisse até Mato Grosso, encontrou Ferreira inteiramente baldo de recursos, bem como os seus auxiliares, cujos honorarios aguardavam pagamento, desde que partiram de Belem. J. Pereira Caldas, por sua vez, ao lêr o que lhe determinára o governo lisboeta (60), balanceou o que havia de aproveitavel em seus dominios, e não se correu de confessar ao Capitão General de Grão Pará as aperturas que sobremaneira o angustiam. Tinha em mãos a relação, que exigira do naturalista, comedido em suas requisições, como lhe rompe do endosso : “parece-me justo e indispensavel annuir ao que o Doutor me representou” (61).

Assim, recorreu a Martinho de Souza, ao mesmo tempo que Ferreira tambem lhe enviava, feito seu representante, o desenhador José Joaquim Freire, incumbido de escolher os artigos mencionados na lista, receber os atrasados dos expedicionarios e pleitear a equiparação das diarias para comedorias com a que venciã os funcionarios de Macapá.

“Não ha que deferir quanto ao passado”, resolveu o Capitão General, que lhes mandou ao mesmo tempo e justiceiramente, elevar a diaria de 400 a 640 reis, a partir de 1.º de Maio de 88, bem como solver a divida do erario, velha de tres annos, a que faziam jús os requerentes, que tiveram adiantamento até Julho. Assim embolsado em seus vencimentos e dos seus companheiros, regressou J. J. Freire, em Junho, com os auxilios fornecidos pelo governador (62).

Peripecias amofinantes

A 27 de Agosto, afinal, encetou o naturalista a viagem pelo Madeira, que tantos aborrecimentos lhe iria causar.

Dous dias não eram decorridos e já necessitava medicar doentes de “catarraes”.

Com Setembro, começou-lhe a diminuição do pessoal, que á menor oportunidade se esgueirava pela floresta.

A 6, alcançou a foz do Madeira, onde se demorou para augmentar as suas collecções.

Adiante, embocou pelo Aripuanan, aguas acima, cerca de 25 leguas, e, de igual maneira, pelo Araras, Mataura, Anhangatinin, em cuidadosas indagações, e, por fim, pelo Manicoré.

Apenas havia transmontado pouco mais de duas leguas, quando lhe atalha o avanço o commandante das tropas, sargento Elias José, que se declarou impotente para proseguir, fosse por este affluente, fosse pelo Madeira.

As doenças afastaram do serviço 14 pessoas, para cujo tratamento Alexandre reservou uma canoa, transformada em hospital fluctuante.

E as deserções derradeiras já se elevavam a 42, coadjuvadas pelos muras, que, antes da pacificação recente, constituíam o maior obstaculo á dispersão das comitivas.

Outrora, temiam-lhes a ferocidade implacavel, que se transformára em serviçal inconsciente dos recalitrantes, a muitos dos quaes as suas ubás ligeiras conduziam para longe, a troco de quaesquer bugingangas.

Já se achavam, pois, quasi reduzidos a metade os 118 remeiros, de que necessitava a expedição, para arrostar a furia das correntezas no trecho encachoeirado.

Em taes circumstancias, negou-se Elias a avançar, receioso da repetição de hostilidades dos mundurucús, que, no Aripuaná, puzeram em risco a vida abnegada do naturalista e da sua escolta vanguardeira.

Paralysado em seus projectos, pela decisão frenadora do commandante, e pratico da navegação, mandou Alexandre se lavrasse da occurencia acta minuciosa, que elle assignou a 7 de Novembro, com J. J. Freire, J. J. Codina, Agostinho J. do Cabo, Frei Antonio de Santa Catharina, padre capellão, Elias José Liz. E, aguas abaixo, até a confluencia, escolheu ilha propicia, onde púdesse estanciar, no meio do rio, protegido pela paliçada que mandou levantar, para o duplo objectivo de prevenir qualquer possível ataque do gentio e difficultar as fugas dos timoratos.

Ahi, na praia de Muirassutuba, datou a sua carta de 9 de Novembro, que lhe espelhava as angustias do momento, para solicitar a remessa de outros "índios remeiros" em substituição aos desertores.

Ninguém lhe irrogasse a pecha de algoz dos seus subordinados.

"Asseguro a V. Exia, communicava a J. P. Caldas, que a nenhum se tem tratado mal, nem de obras, nem de palavras; a nenhum tem faltado o sustento que lhes manda S. M.; a nenhum se tem oprimido com o peso dos trabalhos, porque quem faz as demoras que eu faço certamente não mortifica os remeiros."

"Nada tem bastado; os mais mimosos são os mais infieis. Que muito si os mesmos brancos o são!"

Por isso, já lhe seria aceitavel a substituição, na chefia administrativa da expedição, que lhe proporcionaria ensejo de cuidar exclusivamente da parte technica.

“Queira V. Exia dar ao exposto a providencia que fôr servido, até mesmo, se parecer, a de nomear V. Exia para o governo economico desta Expedição, aquelle ou aquelles, em quem V. Exia reconhecer, que concorrem aquellas luzes e desembaraço, que eu certamente não tenho, para governar homens incapazes de governo. Taes são os indios que nem força, nem geito algum é bastante para os conter.”

“Em circumstancias taes de tentar eu fazer impossiveis, como certamente é, o de querer entrar e sair destes rios, não havendo quem me obedeça nem por bem, nem por mal, todo qualquer homem, ainda mesmo o que for do mais mediano discurso, o que deve desejar, é ser mandado por todos, e não mandar a um preto, que seja.” Para ainda mais accentuar o inferno que lhe ia nalma, perturbador de suas pesquisas, accrescentava :

“O melhor do meu tempo m’o estão roubando estes indios, que tanto me dão que pensar, não m’o dando (louvado Deus) nem os meus livros, que são os que professo, nem os mais empregados. Estudar, observar, fazer experiencias, em toda a parte do Mundo literario, suppõe não somente o talento, mas tambem o socego e as commodidades.

A vida que passo é a de uma guerra viva ; não com os gentios, porque essa que me fazem, de alguma forma se evita, mas com os indios domesticos.”

E tristemente rematava, receioso do mallogro dos seus esforços :

“Porem emfim, Sua Exia no meio de todos estes trabalhos, uma só reflexão abate a todos os instantes o meu fraco espirito, e é que, depois de termos todos em serviço de S. M., e na qualidade de uns meros estudantes arriscado tantas vezes por estes rios e sertões as nossas

vidas... depois de milhares de transe destes (refere-se especialmente ao assalto dos munducurús no Aripuanan), tão alheios da vida literaria, que professo; talvez que de tudo isto afinal o que me venha a resultar, seja o mesmo que é proprio das premissas que vae tendo esta deligencia.” Não obstante, continuou a trabalhar, emquanto aguardava os socorros solicitados a Caldas que, irritadiço, não encontrou nenhuma palavra de consolação para o expedicionario abnegado. Ao contrario, responsabilisou-o pelo successo (63), destoando assim do proceder fidalgo de Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Caceres (64). Nesse lance, o Capitão General de Mato Grosso patenteou mais captivante cavalheirismo que o seu parceiro, a quem não tardou o naturalista em replicar.

Com 30 remeiros, chegados de Barcellos, em substituição aos fugitivos, alcançára a cachoeira de S. Antonio, onde se deixou ficar, de 8 a 30 de Janeiro, em trabalhos de collecta, que lhe permittiram enviar 52 volumes de amostras.

Achava-se já na do Caldeirão, quando sentiu espicar-lhe o brio a carta acusatoria (65). E, altivamente, começa a contestal-a :

“Como bem o diga, senhor Exmo, que nunca até agora na presença dos meus superiores, padeceu nota a minha subordinação, nunca pela minha parte, vacillou a minha obediencia ás suas ordens, e se eu nos escabrosos termos, de ou sustentar ou evitar os damnos de simillhante viagem, não tenho executado á risca as de V. Exia; bem sabe V. Exia que o que na sua respeitavel instrucção de 23 de Agosto me ordenou V. Exia que eu fizesse se reduziu á espinhosa condicional — que se eu visse que me desamparavam os indios —.”

Força era verificar-se a hypothese, que o autorizasse a vellejar pelo Madeira, feito viajante commum, in-curioso de examinar-lhe as particularidades. Si assim

procedesse, contrariaria as ordens reaes, que visavam o conhecimento minucioso dos rios percorridos.

Sem duvida, os productos não differiam extraordinariamente das remessas anteriores, como accentuára Caldas, que os julgou, por isso, dispensaveis. Mas a prova da uniformidade do ambiente, no Rio Negro e Madeira, somente a observação dos seus caracteristicos e collecta dos respectivos productos poderiam justificar.

Antes, não passaria de supposição condicionada a verificação, que os expedicionarios realisaram, mediante as collecções enviadas.

“E’ verdade, reconhece o naturalista, que o pouco que se faz, ainda assim só o consegui, dando eu a V. Exia porem passando nós os incommodos e desassocegos causados pelas deserções. Mas, fez-se, que é o que lá importa.” (66). E, a meio caminho de queixa contra as determinações regias, e de insinuação a J. P. Caldas, para que tambem realizasse a todo o transe o que lhe cumpria, raciocina :

“Ao Exmo Snr. Ministro desta Repartição, sem duvida, que lhe não importam nem os meus desgostos, nem os meus trabalhos ; importa-lhe somente se execute ou não o que me ordena. Sua Magestade, depois de ter mandado que se me forneçam os meios ; que as povoações corram perigo de ficarem abandonadas ; que dos indios que desertaram, uns morram por estes matos, outros fiquem para sempre embrenhados nelles, tudo isto mau é que assim succeda, porem, para elles, indios, é que é mais, porque não querem obedecer ; se não obedecem porque não podem, então mau é para quem o manda, e não para quem obedece em os obrigar.

“Que se o que se manda é duro de se executar, quando o manda quem puder, certamente que pela dureza da execução, nem ha de, nem deve responder o encarregado della. Eu assim o entendo ; e se mais eu não tenho demorado, é porque na Cachoeira de Santo

Antonio me fugiram oito, e cinco na do Salto.” Alem das deserções, cujos claros foram em parte preenchidos por novas turmas de soccorro, obtidas em Borba, as maleitas começaram a derrear a comitiva.

Alexandre observa o engravescimento das provações por que passara, decidido a superal-as pois “este é o pó desta estrada com o qual só se não sufoca quem tem a fortuna de não andar por elle.” Destarte, rematou a sua correspondencia com J. P. Caldas, do mesmo passo que recorria, com maior frequencia, ao commandante do Principe da Beira, a quem Luiz de Albuquerque ordenou lhe prestasse todos os auxilios necessarios ao desempenho de sua missão molesta.

O Rio Madeira

Posto atormentado pelos aborrecimentos que lhe causava a resistencia passiva dos indios, não se descuidou Alexandre Ferreira de completar a memoria relativa ao Madeira, por ventura iniciada em Barcellos, quando se aprestava a expedição ao seu vale (67).

Ao menos, a parte historica da memoria, cuja copia datou em S. Antonio, ao levantar acampamento, não é provavel tenha sido redigida em meio das preocupações que o molestavam, difficultando-lhe consulta aos livros, que lhe proporcionariam informações em profusão.

O restante será, sem duvida, elaborado durante as demoras forçadas, resultantes das deserções ininterruptas, a começar da offerta a Martinho de Mello, ainda enaltecido como protector da "Philosophia Natural".

Ahi, não occulta o seu projecto de ensaista, que visa, com as monographias parciaes, constituir, de futuro, o panorama do conjunto.

"Todas estas differentes partes, unidas a seu tempo, isto é, quando o mandar a Prudencia e a Circunspecção no escrever, formarão algum dia o corpo inteiro de semelhante Obra. Nem todos reflectimos tão facilmente, como olhamos ; e nem todos executamos, tão promptamente, como concebemos".

Adoptada a mesma distribuição de capitulos pelos quaes se especificaram os assumptos do Rio Negro, recorreu o nome primitivo do rio (68), bem como os seus pri-

meiros devassadores, Pedro Teixeira que lhe teria dividido a foz, Francisco de Mello Palheta que por ella embocou, na diligencia de 1725, João de Sampaio, jesuita, fundador, annos após, de povoação indigena proxima á primeira cachoeira, de onde se communicava com as missões castelhanas do Beni ; Manuel Felix, o primeiro navegante do Guaporé (69), e, mais notavel que os demais — M. de la Condamine, a quem se deve a primeira medição da sua barra, 2.900 varas catelhanas.

“Com rasão, se lhe censura, commenta Ferreira, a precipitação que teve em escrever na pagina 33, de seu Diário, que o Rio da Madeira (onde elle não entrou) corre paralelo ao rio Beni supondo ser o que na sua barra se chamava o rio dos Purús.”

“Sendo que o Beni é o mesmo rio Madeira, o qual desde a distancia de meia legua acima da 12.^a cachoeira, aonde elle tem a sua propria fóz toma então aos espanhoes, o nome de Beni.”

Esta referencia, ás paragens a que não tinha ainda chegado, evidencia que Alexandre levava, para consulta, os escriptos dos seus predecessores, especialmente dos astrónomos da “Commissão demarcadora de limites.”

Informava-se de tudo quanto respeitava ao Madeira, inclusive da nomeação de João de Souza Azevedo — nome de relevo nos annaes do sertanismo cuiabano — para “Prático do Rio” (70) com o vencimento annual de 420\$000 que lhe deu a Provisão de 27 de Abril de 1756.

E alonga-se em pormenorizar informes, que lhe testemunhassem o conhecimento das obras anteriores á sua.

O depoimento pessoal, dahi por diante, considera-lhe os multiplos aspectos, relativos á direcção á profundidade, á extensão (71) á consistencia do leito, á vestimenta das margens, que o faz confrontar :

“O mesmo mato é limpo e desembaraçado para se penetrar, ao contrario do que cresce no Rio Negro, por onde se não rompe, sem muita difficuldade para se vencer a densidade dos seus bosques.” Cachoeiras, praias, ilhas, furos, lagos merecem-lhe especificação, e bem assim os affluentes, inclusive o Manicoré, que lhe recorda o successo inquietante. “Na sua barra foi que, pela 1.^a vez que por ella entramos, na manhã de 6 de Novembro, nos achamos desamparados de metade dos indios das tripulações das nossas canoas.”

Emquanto não lhe chegou o reforço de 30 indios de Barcellos, a 16 de Dezembro, rondou pelas circun-jacencias, onde encontrou a “arvore da casca preciosa.”

Eram elles afinal que lhe alteravam o programma planeado, consoante assegura na declaração de encerro precipitado da memoria, antes de esplanar os capitulos referentes aos gentios — povoações, agricultura, população, commercio, navegação, enfermidades.

“Até aqui tão somente, me permitem os movimentos dos indios das nossas tripolações o fazer copiar esta Relação. Tudo até agora tem sido deserções nesta cançada viagem.

As demoras, que sou obrigado a fazer são as que mais os affligem.

Os que são casados, lembram-se de suas mulheres, e de seus filhos, aos quaes, dizem elles que deixaram sem roças feitas, para terem-farinha de que se alimentem. Os solteiros não podem ver com indifferença o quanto eu lhes prolongo os trabalhos desta viagem. Uns e outros principiam a dispôr nova fuga, pelos preparativos que fazem, e se a conseguem, em paragens como esta, mal de nós que tarde seremos soccorridos.

↳ Pelo que, o meio mais efficaz, que tenho para os cohibir, é o de levantar arraial e seguir viagem, reservando para mais opportuna occasião a conclusão desta copia inteira, segundo eu tinha escripto, e ella se acha distri-

buida pelos Titulos, que constam do Principio desta Relação.”

Si alguma outra copia se extrahiu, mais tarde, completa, não conseguimos encontral-a, como tambem accorreu com as suas referidas minutas acerca do café, do tabaco, do cacau, e de monographias zoologicas.

A descripção do rio Madeira bastaria, porem, para compensar os sacrificios dos expedicionarios, que ainda poderiam averbar a seu credito as remessas expedidas da Cachoeira de Santo Antonio (72).

Acolhimento amistoso

Enfadado ao extremo, por depender da cooperação dos remeiros, cada vez mais propensos á fuga, Ferreira estugou a marcha, que iria approximal-o do Capitão General de Mato Grosso, cuja fama de administrador previdente ter-lhe-ia constado no proprio ministerio dos negocios ultra-marinos (73).

A sua excursão, e o principal objectivo, de interesse mineralogico, fôra noticiado pela carta do Ministro Martinho de Mello, de 31 de Outubro, que puzera em alvoroço a curiosidade activa de Luiz de Albuquerque, attenta ao estudo da astronomia e das sciencias naturaes.

Debalde aguardara confirmação do Pará, ou Barcellos, de onde só no seguinte anno largaria a expedição do naturalista, a quem o governador apresentou, de longe, votos de bôa viagem (74).

E como tardasse em chegar-lhe a respectiva resposta, recommendou ao commandante do Forte do Principe da Beira, que despachasse portador especial, escoteiro, até S. Antonio, onde deixasse aviso aos expedicionarios, caso não tivessem ainda alcançado aquella cachoeira.

A iniciativa alegrou a Alexandre, que lh'a agradeceu, ao chegar ao velho tijupar, onde o surpreendeu o bilhete, nuncio do desvelo governativo.

E valendo-se do ensejo, dá conta do que reunira até então, pelo Madeira, cuja collecção maravilha, pela opulencia, ao Capitão General (75), que, de bom grado,

iria encontral-o, caso não o tolhesse a saúde precária. Apressurado em conhecer o grande sabedor da philosophia natural, lastimava não poder afastar-se de Villa-Bella, onde o prendiam velhos achaques e a necessidade imperiosa de ordenar os negocios publicos para a posse do seu irmão, João de Albuquerque, nomeado para substituil-o.

Amiudam-se as cartas (76), em tom amistoso, pelas quaes Luiz de Albuquerque instava pela cooperação de naturalistas a favor do augmento de suas colleções particulares.

E manda-lhe farinha para Guarajús, onde, a 10 de Setembro, o viajante estacará, abrazado de sezões, e, mais tarde, em requintes de cavalheirismo, escolhida amostra de “bom chocolate”.

Simultaneamente, acamam-se os principaes personagens, que deveriam interessar á expedição scientifica e assegurar-lhe o exito: Alexandre Ferreira, que ao versar o assumpto de enfermidades endemicas, diria ao tratar das terças: “eu a padeci por espaço de tres mezes, depois de ter padecido perto de 25 dias, uma rigorosa quotidiana.” Luiz de Albuquerque, enfermo em Villa-Bella (76), e seu successor, João de Albuquerque, a quem o primeiro repiquete do Guaporé empestou nas immediações de Guarajús, de tal maneira que, alcançando Villa-Bella, a 16 de Outubro, somente a 20 de Novembro se animou a receber o legado governativo. Irmanava-os o infortunio no remoto “fim do mundo”, expressão do demissionario, que nelle mergulhára, por annos, durante os quaes crescera em valimento o mano mais joven, que fôra substituil-o, em vez de J. Pereira Caldas, nomeado e não empossado.

Dobrada a sua alegria consoladora dos males, por hospedar ao mesmo tempo o irmão, que não via, desde 1772 e o sabio admirado, que lhe iria opulentar o museu particular, com amostras curiosas de mineraes, plantas

e animaes preparados, alem de escolhidos desenhos. Destarte, conseguiu “transportar para a Europa a mais vasta, a mais escolhida, a mais rica colleção que se póde desejar”, informa o naturalista, cuja prestante collaboração na derradeira phase o ex. governador retribuiria com requintes de gentileza no trato.

Os preparativos de viagem de Luiz de Albuquerque propositadamente retardados, para lhe proporcionarem ensejo de instruir o irmão nos complexos problemas administrativos da Capitania, a esse tempo ainda complicados pelas negaças dos demarcadores espanhóes e por ventura prolongar a convivencia com o naturalista, que lhe puzera a sciencia á sua disposição (78) ; a tal ou qual perturbação causada pela substituição de um governador atilado e conhecedor das peculiaridades da Capitania, por outro, cujas habilidades estariam condicionadas a confirmação ; a convalescença dos que não escaparam ao assalto das sezões, tudo concorreu para deter varios mezes a expedição em Villa-Bella, onde Alexandre entrou a esquadrinhar os archivos, quando não fazia observações pelos arredores, ou se entretinha com Silva Pontes, seu condiscipulo e amigo, a respeito das explorações geographicas, que este ultimara a 4 de Janeiro, quando o salteou, ao regressar dos sertões dos Parecis, a noticia da dissolução da Commissão demarcadora.

Observações Zoológicas

Deparou-se-lhe, a Ferreira, por essa época, ensejo de retocar a monographia, em que enfeixava as suas observações zoológicas, colhidas nas excursões pelos rios Amazonas, Negro e Madeira (79).

Datou-a em Villa Bella, aos 29 de Fevereiro de 1790, para assim apresilhar a remota capital mato-grossense, no periodo colonial, á sua obra scientifica.

Em verdade, nenhuma outra, das que tivemos oportunidade de manusear, se nos afigura mais expressiva das qualidades e defeitos do naturalista, cujo saber, bebido em leituras constantes, e robustecido pela contribuição pessoal, ahí se derramou á larga, sobranceiro a qualquer constricção imposta pelo titulo.

Repete os característicos firmados por Linneu, seu mestre preferido, de cujos ensinamentos se vale para substituir a denominação tradicional de "quadrupedes" por mammáes", que se lhe afigura "mais ampla e justa".

Em sagaz visada indagadora, passa em revista a bicharia com que topára, pelos varios territorios percorridos, para lhe accentuar a pequenez do tamanho.

A natureza mostrava-se caprichosa.

Na America Meridional, reflectia, "onde o calor do sol, a humidade das chuvas e a fertilidade do terreno" deviam causar outras consequencias, "o que se vê é um Paiz selvagem e sombrio, uma terra bruta e abandonada a si mesma. Em tais circunstancias "era de esperar que

á similitude do antigo Continente fossem os seus matos habitados de grandes e ferozes animaes” do porte dos elefantes, leões etc.

Ao revez, “os mammaes nem são tantos, nem tão volumosos e robustos, como aquelles”.

Em tamanho, cita, entre os maiores, a anta, e em vigor, a onça.

Todavia, “as mesmas causas que diminuem a força e o volume dos grandes, são as que favorecem e augmentam a propagação dos pequenos”.

E, ao enumerar enxames de marimbondos, mutucas, mosquitos, dá relevo á formiga, em referencia, que não desgostaria a Saint-Hilaire, o criador de tragico dilemma. (80)

“A formiga, de que ha muitas especies, e que os Tapuyas mesmos chamam Reis do Brasil, pelo supremo imperio que exercita em tudo quanto são plantações, é com effeito uma das Pragas do Paiz.”

A proposito, lembra o que Herrera narrara acerca do acontecido á Hespaniola, onde em 1518 os colonos recorreram a S. Saturnino, protector sorteado, á falta de outro, para que os protegesse contra o terrivel destruidor das suas benfeitorias. E bem assim a narrativa ingenua de Bernardes, cujo estylo gracioso nos historiou o julgamento das formigas, realisado em certo convento do Maranhão, a cujas plantações se lhes applicava o esforço maligno da póda incessante.

Ao ensaista pouco importava a digressão, em que punha de manifesto o seu amor á boa leitura. Mas, esposto o contraste da carencia de animaes avantajados na corpulencia e a abundancia dos minusculos seres, como se explicaria a descoberta, na America do Norte, pelo Coronel Jorge Corglan, de ossadas gigantescas, no Rio Ohio, e na do Sul, e pelo capitão mor Bartholo, meu Bueno do Prado, proximo a S. João d’El Rei?

Era pergunta que o naturalista endereçava á Posteridade, sem tentar sequer respondel-a.

A paleontologia não surgira ainda, para nortear o exame das gerações prehistoricas, e mais de meio seculo ainda decorreria, antes que viesse Lund iniciar-lhe a applicação no Brasil, notabilizando por igual o seu nome e o da Lagoa Santa, onde passou a melhor parte de sua vida, de solitario amante da sciencia.

Deixando á margem a duvida apontada, tornou á esplanção da these, para encetal-a pelo estudo da Ordem I, dos Primates, das seis, em que Linneu distribuiu os mammaes.

Ahi se incluia o homem, e portanto o indio, como o europeu, o asiatico e o africano.

Pouco fazia ao caso a differença de côr, proveniente, ao seu parecer, do ambiente "um tapuya depois de passados dous mezes, que está posto a fazer manteigas em uma praça do Solimões ou do Madeira, sempre exposto as calor do sol, e ao fogo das caldeiras, pouco differe de um preto", na côr, entenda-se, que, em geral, embranquece, á medida que o homem se afasta do equador. Mas, factores ha que podem intervir na modificação. Assim os catauixis têm os pés e as mãos malhados de branco (81) por doença, emquanto outros soffrem o influxo compensador da altura do terreno, da montanha.

"Donde vem, conceitua, que a Latitudes correspondentes, nem sempre correspondem os climas".

Póde o americano, situado debaixo da zona torrida, padecer menos calor, que o africano em correspondente, e por consequente, póde mostrar na sua cor a differença que vemos, de ser de cobre, e não preta."

Para explicar a pigmentação dos negros, cita Malpigio, Ruysch, Townes, Barrere e quantos se occuparam do caso, para atribuil-o á acção da epiderme, do sangue, bilis ou de outros componentes.

Nota que os Tapuyas apresentam, em geral, a pelle inteiramente lisa. A face, "larga e chata", aproxima-os dos asiaticos.

Salvo um^{co} ou outro mura, que as usava, uniformizavam-se pela carencia de barbas.

"Não é isto um signal de falta de vigor e de virilidade" pergunta Alexandre, como que já lobrigando nelles a decadencia racial, que Martius poria em relevo, com algum exagero.

Todavia, não os enfeiava nenhum vicio de conformação. Aleijados, surdos, cegos, mudos, corcundas, "com algum destes defeitos e de outras grandes deformidades naturaes é raro encontrar-se muitos entre os gentios."

Entre elles, "a agilidade escede a força". Por isso, o negro é mais forte para o trabalho de enxada e o indio mais agil para o serviço das canoas. O negro, alimentado, dá conta de sua tarefa.

Os indios, não.

"Alimentados, ou não, são inimigos do trabalho, por que o não podem fazer, quando faltos de alimento; e porque não querem, quando abastecidos delle." Quaes as causas?

Sem duvida as que passou a enumerar :

- 1.^a – não se habituaram ao trabalho desde cedo,
- 2.^a – a falta de ferramenta e animaes auxiliares,
- 3.^a – a prodigalidade da natureza,
- 4.^a – a facilidade de obter tudo de que necessitasse com pequeno esforço,
- 5.^a – a liberdade do commercio dos dous sexos, onde, quando e como appetecer.

Embora depauperante, o clima permittia a longevidade de que individualiza diversos exemplos. Até no Forte do Principe da Beira, mal afamado por effeito das "carneiradas" fataes, que os repiquetes do Guaporé

conduziam, consoante a interpretação commum, entre a população inferior a mil almas, notou mais de uma dezena de macrobios, de varia procedencia.

Era fluminense Ignacio Pereira Marinho de 114 annos ; paulista, Maria Pinheiro de 100, reinol Antonio Alves de 108, africano José André, que vivera mais de 110.

O mesmo ocorreria entre os indios, cuja estimativa da propria idade nem sempre offerceria igual approximação.

“Para os seus pequenos calculos, de 1 até 10, em os dez dedos das mãos, tem outros tantos algarismos”. Para a contagem dos annos, alguns usavam castanhas de cajús, guardados em cabaças, aonde as recolhiam periodicamente, uma a uma, conforme a successão das luas.

Não os amofinava a preocupação de possiveis provações futuras.

“Como as suas necessidades naturaes são poucas, tambem os seus esforços espirituaes e corporaes são poucos.” A lavoura rudimentar dava-lhes a mandioca de que faziam beijús para as viagens.

E a floresta abria o seu pomar, abundantemente variado.

“As arvores por todo o anno dão fruto : acabam umas principiam outras.”

E si, por ventura, “lhes faltam os frutos, não lhes falta no mato a caça, nem o peixe nos rios e lagos”, que sabiam conservar pelo moquem, ou, em passoca, após a indispensavel defumação (81a). A habilidade imitativa era-lhes admiravel, a ponto de, na presença do naturalista, que desenhava o curso do Rio Branco, onde se achava, tomou um delles um graveto e começou a garatujar na areia. Deram-lhe por experiencia lapis e papel, e elle, com segurança topographica, esboçou o rio com as suas malocas em bosquejo, que foi parar ás mãos do Capitão

General. Quanto ao espiritual, cita Ulloa, de La Condamine, Ribas, Pison, Robertson, que, em geral, os depreciam, talvez além da justa medida.

A respeito da constituição moral, merece-lhe reparos a manifesta inferioridade feminina. "A tapuya verda-

MAMMAES			
Quadrupedes	Alados	Pinnados	
TERRESTRES UNGUICULADOS	Com as unhas planas e ovaes S. N. Primates 1 - Homo 2 - simia * - Lemur	Com os pés alados ou com o tronco e os artos contornados de uma membrana ambiente S. N. Primates 35 - Lin. Lemur volans 36 - vespertilio S. N. Glíres . Noctilio	Sem fistula na cabeça S. M. Belluoe 38 - Manatus S. N. Ferae 39 - Phoca
	Com as unhas agudas S. N. Bruta 3 - Bradypus 4 - Myrmecophaga 5 - Manis 6 - Dasypus S. N. Ferae 7 - Canis 8 - Felis 9 - Viverra 10 - Mustella 11 - Ursus 12 - Didelphis 13 - Talpa 14 - Sorex 15 - Erinaceus 16 - Hystrix 17 - Lepus 18 - Mus 19 - Sciurus Deunha inteira S. N. Belluac	Voadores Com os hypocondrios	Nadadores com fistula na cabeça

(continua)

(continuação)

MAMMAES

		Quadrupedes	Alados	Pinnados
TERRESTRES	UNGULATOS	20 - Equus De unha rachada	profixos	S. N. Cete
		não ruminantes	mihi Gen. 37	40 - monodon
		S. N. Bruta	Glis	41 - baloena
		21 - Elephans	sp. murinus	42 - Physeta
		S. N. Belluae	mus volans Lin.	43 - Delphinus
		22 - Rhinoceros	vofans, s. sciurus	
		23 - sus.	volans, Lim.	
		Ruminantes	sagitta, sciurus	
		S. N. Pecora	sagitta	
		24 - Camelus		
		25 - Moxchus		
		26 - Cervus		
		27 - Capra		
		28 - Ovis		
29 - Bos				
AMPHIBIOS	Unguiculados	S. N. Glires		
		30 - Castor		
		31 - Ray-Lutra		
		S. N. Belluae		
		32 - soter-Hydrochocris		
		33 - Hippopotamus		
		34 - Gen. Rosmarus		

deiramente não é mulher, mas sim escrava de seu marido”, que poderia ser monogamo, ou polygamo “conforme a região é mais ou menos fertil.”

Tenue o apego conjugal, bem como o amor paterno, que somente se expandia na infancia do filho. Emancipados, eram considerados companheiros, com os quaes

viveriam os paes em completa promiscuidade. “Tudo quanto entre os povos civilisados se não faz sem grande recato, em ordem ao respeito e á decencia, elles sem respeito algum de malicia o praticam ao pé uns dos outros.”

Politicamente organizam-se em tribu de 400 a 600 individuos, sob a chefia de um “Principal”. Fóra dos folguedos economisam palavras; “donde vem que o aspecto de um tapuyo é o de um homem serio e melancolico”, avesado a padecer em silencio.

“Por motivo de uma dôr, se não ouve gemer um indio, antes é capaz de soffrer a amputação de um braço, ou de uma perna, sem dar o menor suspiro.”

Da sua linguagem trataram os mestres ignacianos, missionarios zelosos, a principio, “até que se deslizaram nos absurdos que fizeram indispensavel e urgente a sua Expulsão e extinção.”

Neste conceito punha-se de manifesto o espirito afeiçãoado em Coimbra, quando Pombal, no apogeo do seu poderio, a todos os ramos de actividade transmittia a ordem de guerra sem quartel aos jesuitas. Delles, provém a primeira grammatica a respeito, elaborada por J. de Anchieta, impressa em 1595, a outra, vinte annos depois, composta pelo padre Antonio de Araujo, bem como, já em 1687, a do padre Luiz Figueiras, conforme referencia do naturalista, que patenteou maior erudição ao versar o problema relativo ao apparecimento do homem na America.

Afinal, quem a descobriu?

“Questão bem pouco relativa ao assumpto de que trato”, reflecte, antes de continuar a digressão, que o levaria á historia das grandes descobertas lusitanas; “porem que da minha parte deixa ser nada menos que uma assiduidade de trabalho em lêr e combinar tudo quanto posso, não obstante o pouco vagar, para estender um passeio mais longo pela esfera das especulações” (82).

Rememora o influxo de D. Henrique, lucido criador da legião dos audazes navegantes que dilataram o pequeno imperio pelas terras da Africa, da Asia e da America, atravez dos mares procellosos, bem como os tratados de limites, com a emula de glorias, Espanha e as tentativas para demarcal-os no Brasil (83) e estudar-lhe as riquezas naturaes, e peculiaridades de que era prova cabal a "Viagem Filosofica".

A divagação ainda continuaria, quando, ao retomar o assumpto para enquadrar-o no systema de Linneu, ligeiramente modificado, considerou a ordem I — referente ao *Homo* (*paraensibus abamira*).

Indio, nomeava-se, mercê do erro inicial de Colombo, que, julgando aportar em algum sitio da India em sua primeira viagem á America, applicou aos naturaes o appellido correspondente, que permaneceu, apesar da rectificação ulterior do engano.

A terminologia, porem, variava, conforme a dosagem das componentes raciaes (84).

Alguns, em vida primitiva, são monstruosos, por artificio, pelo achatamento da cabeça, alongamento dos labios, orelhas (85). Não consta, porem, anomalia nenhuma de nascença.

Entretanto, frei Santa Tereza Ribeiro assegura ter visto, em 1751, um indio de rabo, facto a que o Dr. Ribeiro de Sampaio assentou a hypothese de cruzamento de tapuya com quatá de que procederia extranha raça.

O naturalista impugna-lhe a interpretação, por não admittir fecundidade no hybridismo, com argumentos que se harmonizam com as affirmações da sciencia moderna (86).

O quadro em que distribuiu os animaes, a cujo exame se propoz, apenas terá valor historico, assim como a própria descripção de cada especie, em que relembrou as observações colhidas em longo jornadas.

Para amostra do seu methodo bastará o resumo de dous capitulos, um, dos menos alongados, em contrario do outro, que se estende alem da medida commum.

“Ungulados — com casco — Gen. Hydrocoeris Sp. Tapyrus.

Paraensib. Tapireté.

Lusit. Anta.

Segue-se a bibliographia, em que cita Pison, Margrav — Thevet — Lery — Barrera — Brison — De la Condamine — Lin — Buffon.

“E’ o maior dos quadrupedes do Novo Continente, de maneira que de Buffon lhe chama Elephante da America”.

Descreve-lhe, em seguida, os caracteristicos estruturales apparentes.

Historia. “E’ um animal tão valente, que quando corre expedito pelo interior do mato, nenhum outro é capaz de suspender, peito a peito, a rapidez de sua marcha. Habita pelos pantanaes e margens dos rios, ou dos lagos; sahindo a pastar, mais de noite que de dia”.

Usos. Medico. “Ao fumo de suas unhas attribue-se uma virtude antihisterica. De suas banhas fazem os Naturaes grande uso, para diversas formentações.

Economico. “Todo o mundo sabe de que uso são as suas pelles depois de preparadas e curtidas (Mencionar-lhe as varias applicações).

Diethetico. “Sem embargo de não ter bom sabor, e de ser muito pesada a sua carne, nem por isso se deixa de comer, principalmente assada”.

Quasi ao fim da monographia, pormenorizou, no penultimo capitulo, o que sabia a respeito do peixe boi.

Pinnados. Sem fistula na cabeça.

Syst. Nat. Gen. Trichechus. Sp. Manatus.

Paraensib — Juárauá.

Lusit — Peixe boi.

Refere-se á bibliographia, em que se lhe deparou mencionada a existencia de animaes de 20 pés de comprimento.

Não contesta, embora accrescente que jamais encontrou nenhum que medisse mais de tres varas.

Descreve-lhe os orgãos externos, como os viu mais de uma vez.

Historia. "A similhaça, que este mamal aquatico tem com o boi, e mais precisamente com a vitella, na configuração da cabeça e do focinho, nos costumes e usos dietheticos, das differentes partes do seu corpo, lhe fez dar o nome de peixe-boi ao macho e vaca marinha á femea".

"Em todo o anno se harpôam, porem mais na vaseante dos rios, pelos mezes de Agosto, Setembro e Outubro e nas repontas da enchente.

Andam por este tempo ao cio, que é quando se matam muitas, principalmente se o harpoador chega a ter a felicidade de prender uma femea, para com ella armar negaça aos machos".

Usos. Medico (em branco).

Diethetico. Dos animaes uteis ao Estado de Pará é este um animal utilissimo. Comida fresca a sua carne, ou seja cosida ou assada, ou frita, particularmente a ventrexa, em tudo se parece com a do porco; participa portanto das suas mesmas qualidades.

Delles se fazem as importantissimas provisões de peixes secos e de salmoura, os chamados mexiras, e as linguças, o que tudo é de um consumo notavel, em todo o Estado".

E depois de pormenorizar os processos adoptados pelos harpoadores na caça do animal prestadio, que sustentava grande parte da população, reflectia, apprehensivo.

"Sem embargo de tantas utilidades, quantas são as que deste mamal se tiram, nenhuma Policia tem

até agora tido a sua pesca. Um peixe boi, para chegar ao seu devido crescimento deve gastar annos ; e em todos elles se harpoam a oito quantos apparecem.

Não se distingue o tempo, em que as femeas andam prenhes, porque, ou prenhes ou não, as harpoam ; ellas portanto não parem mais de um filho por anno, e os filhos tirados do ventre das mães, assim mortas, para nada servem. Não se distingue o tempo da criação, porque antes é felicidade para o harpoador, surpreender o filho, para harpoar a mãe. Não se distingue a idade, porque, pequenos e grandes, todos são harpoados. Pelo que nenhuma admiração deve causar a sua raridade, em alguns lagos aonde, não ha muitos annos, se pescavam bastantes.”

Ainda quando se embrenhava' pela sciencia, não se esquecia jamais o naturalista, como se vê, de focalisar a importancia economica das suas investigações, como si fôra méro observador de utilidades.

A Serra de Ouro

Ainda se achava Luiz de Albuquerque na Capital (87) guiando o irmão, quando Ferreira escalou, escanchado no lombo de escolhida besta, a serra de S. Vicente, onde enxameavam os arraiaes gerados pelo ouro de seus cascalhos.

O macisso, de cerca de 32 leguas de extensão, desde a tromba do Aguapehy e largo de tres em media, alteava-se, á distancia do Guaporé, que se lhe mantinha approximadamente paralelo em longo trecho, depois de golpeal-o na chanfradura do *Kagado*.

Por Fevereiro e Março de 90, Ferreira examinou-lhe a formação, percorrendo-lhe todas as lavras que eram de *grupiára*, quando o cascalho aflorava, em geral, pelas ribanceiras, ou de *veio d'agua*, si o envolvia capa de terra variamente espessa. De qualquer maneira, repousava em piçarra, que os mineiros nomeavam de *cama de ouro Solto*, denominava-se o cascalho, quando predominava a areia na sua composição, e *engommado*, si entrava a argila a ajuntar-se-lhe ás outras substancias. O serviço da extracção do ouro afigurou-se-lhe sobremaneira rudimentar. “Os mineiros de Mato Grosso, digamos assim, não têm feito mais do que descascar a terra (88).

“A necessidade por toda parte tem sido a mestra da industria”, conceituara uma vez, para frisar a causa principal da rotina mineradora. Ahi, ao revez, “a Natureza caprichou de rica”, dispensando maiores fadigas aos que lhe explorassem o seio fecundo.

Tão lucrativo resultou o primeiro assalto aos seus thesouros, que se exaltou desmedidamente a cobiça dos devassadores.

“Tudo o que não são montes de ouro não parece digno de numerar-se.”

E repetiram frequentemente: “*de oitavas de ouro não necessitamos nós, mas tão somente de arrobas.*”

Por isso, não admira a noticia que nos transmittia da boa sorte de um dos sertanistas dos primeiros annos de mineração, cuja vida faustosa o arrastara á ruina fatal, consoante depõe, quando o salvou surpreendente achado.

“Do brigadeiro Antonio de Almeida Lara conta-se com toda a satisfação, que da flôr da terra do Descoberto da Chapada, tirára logo ao principio muitas arrobas de ouro em folhetas, grandes como pedras, de maneira que o fizera transportar em macas para a casa.”

Pelo que observou, todavia, concluiu “a tal profusão da Natureza, não corresponde a Industria”, aperrada por sem numero de factores embaraçantes de sua expansão entre os quaes especificou :

1.º – escassez de obreiros, visto como o trabalho dependia de escravos, cuja importação, de 1785 a 1789, não ultrapassou de 721, sobremaneira minguados para tamanhas riquezas.

2.º – O encarecimento, por que na viagem passavam os negros, cujo preço medio, de 130\$000 na Bahia de 1788, accrescia de impostos, nos registros, e de despesas de transporte, que o elevavam, por fim, a 165\$000 (89).

E chegados ás minas por preço tão elevado, nem sempre ahi permaneciam, seduzidos pelos exemplos dos fugitivos, que iam, nas missões castelhanas, ou no recesso das florestas, defender a sua liberdade.

3.º – A carencia de machinas, que substituíssem o motor humano, devido, em grande parte, ao custo excessivo do ferro e aço.

4.º – A falta de capital com que “se antecipem as despesas, que pedem algumas fabricas”.

5.º – A insegurança dos direitos do descobridor, cujo exito importava em nova repartição de datas de que lhe caberiam duas de preferencia, que não lhe compensariam as despesas de pesquisas preliminares.

6.º – A alta pauta de generos de consumo (90) que lhe augmentavam sobremaneira os gastos e endividava o mineiro incauto, cuja prosperidade era mais apparente que real.

Quem lhe balanceasse os haveres, não tardaria em concluir, como o douto viajante, que “elle não é outra cousa mais, se não um feitor de Fazenda alheia ; um escravo posto a ganhar para o Publico ; um homem, que sendo aliás *tudo*, para *todos*, é as mais das vezes *nada* para si mesmo.”

Entretanto, offercia-se-lhe a terra dadivosa, para as sementeiras, que lhe proporcionassem abastança. “O terreno é tão fertil, aquilatava o naturalista, como si não houvera de servir para mais, que para as lavouras.”

Manchas rochosas extendiam-se por grandes áreas, onde aflorava a tapayun acanga que, pelos tempos afóra, se transformaria na actual *pedra canga*, nome por que é conhecido o conglomerado ferruginoso, applicavel nas construcções, e que, ainda entorroadado, constituia substancia inegualavel para o enchimento das paredes de “taipa de pilão”, que se erguiam, em desafio á usura dos tempos.

Duração de “muitos seculos”, assegurou-lhes o observador, que em verdade soube distinguir a propriedade agglutinante do material, cuja cohesão se reforça pelo apiloamento e exposição ao ar, a ponto de adquirir consistencia petrea, capaz de resistir até ás intemperies.

A mesma formação extendia-se pelos oito arraiaes (91) de S. Vicente, no alto da encosta occidental, de onde sobranceava a baixada guaporeana, a S. Barbara,

nas cabeceiras do Aguapehy, que leva o seu tributo hydraulico ao Paraguay, de Sant' Anna e Pilar, nucleos iniciaes do povoamento da região em 1735, aos mais recentes, que se mantinham aferrados ás lavras auríferas.

Por toda a parte examinou as condições sanitarias, que o levaram a concluir :

“Os habitantes gosam daquella saúde, que lhes permite, da *parte da terra*, as inundações das campanhas adjacentes, durante os mezes de inverno, e *da do ceu*, em todo o tempo, as variações da atmospherá, ora quente, ora fria, ora secca, ora humida.

“As suas aguas são cristallinas porem pela maior parte ferreas, e tão frias e cruas, que dellas procede a endemia dos bocios ou broncoceles (os naturaes chamam papos) e a padecem a maior parte dos habitantes, os pretos mais que os brancos.”

De regresso, a 16 de Março, deparou-se-lhe a planura, extensa de sete leguas, amantada por infindavel lençol d'agua, em que a alimaria mergulhava as patas, quando não tambem os joelhos, nas maiores depressões.

A innundação dilatava-se de monte a monte, e subia á propria capital, para lhe insular a Igreja de Santo Antonio e transformar-lhe algumas das ruas em canaes lamacentos, que o naturalista observaria com attenção.

Surpreza irritante

Quando Ferreira penetrou em Mato Grosso, entusiasmava-o o plano de examinar-lhe as riquezas mineraes, entre as quaes primavam as jazidas diamantíferas do Alto Paraguay, a esse tempo ainda vedadas á exploração industrial. Descobrira-as, no decurso de 1747, um dos bandos aventureiros egressos de S. Isabel, quando lhe despresára as lavras no valle do Arinos, por insufficiente a contentar as ambições de milhares de catadores de ouro.

Nos galhos mais afastados do Paraguay, que tomariam os nomes expressivos de Diamantino e Ouro, encontraram, em grande copia, o metal appetecido, mas associado á gemma preciosa, causadora da interdição das lavras, cuja exploração era privativa do Rei, ou de algum contractador do seu monopólio.

Das paragens vedadas, nenhum curioso poderia approximar-se, prescreveram ordens terminantes da Metropole.

O naturalista, porem, julgava-se mais do que autorizado, impellido pelas intrucções do Ministro Martinho de Mello, a investigar as particularidades locaes, de cujo conhecimento minucioso poderia resultar vantagem para a Corôa.

“*Exames que ali devem praticar*, dizia J. P. Caldas, ao transcrever ordem superior, para recommendar os

expedicionarios ao governador de Mato Grosso, *muito particularmente na exploração das Minas, para recolher dellas tudo o que for digno de se mandar ao Real Gabinete de Historia Natural*". No concernente á botanica e zoologia, avolumavam-se, em numero e valia, as collecções, que reunira, indicativas do seu incançavel esforço bem orientado. A' mineralogia, porem, não proporcionára a Amazonia especimens interessantes, que abundavam na Capitania visinha.

Colheu-os Ferreira ao primeiro contacto com as suas lavras, que lhe inspiraram as observações acerca das explorações de S. Vicente.

De regresso, aprestou-se para analysar outros terrenos de mineração. João de Albuquerque, aterrorizado com as despezas, que se fariam necessarias, e mais ainda com as consequencias possiveis de erro de interpretação, indica-lhe, em carta de 18 de Maio, os sitios mais aconselháveis ás pesquisas, que o habilitariam a organizar a lista de requisições indispensaveis ás excursões, cujo prazo restringiu. Não tarda a resposta, que o viajante datou de 21 de Maio, com a relação do que precisaria para proseguir. Mas, objecta que a memoria albuquerque não incluiu, entre as localidades merecedoras de investigações, as minas do Alto Paraguay e, ademais, esmára muito escassamente o tempo das excursões, que exigiriam pelo menos tres mezes, bem como difficultára a escolha de pepitas para as collecções.

O Capitão General replica-lhe, no mesmo dia, para ceder em tudo, salvo quanto ás jazidas diamantíferas.

A pretensão que V. Exia me expunha "é de natureza tão extremamente melindrosa á vista das Reaes Ordens expedidas a este Governo", anteriores, aliás, a Martinho, de Mello, "que não deve tomar sobre mim o permittir, a quem quer que seja que passe aos referidos lugares tão

rigorosamente vedados e prohibidos, em quanto S. M. nomeadamente me não der essa muito expressa Faculdade.”

Cerradas, de maneira tão formal, as portas da região diamantina á sua curiosidade scientifica, não restava ao escursionista outro caminho fora do indicado pelo governador da Capitania, que lhe apontou Larinhas, S. Pedro del Rei, Cocaes, Sapateiro, Cuiabá, Nova Coimbra, como sitios notaveis.

Antes que partisse, porem, fez copiar a correspondencia trocada com o segundo Albuquerque, e endereçada a Martinho de Mello, afim de “resolver o que for servido”, capeada pela carta de 25 de Maio, em que externou o seu desagrado “Que digo a V. Exia que mais adequadamente ao meu genio, e mais conforme ao zelo, que tenho, de conservar immaculada a minha reputação, não pôde V. Exia resolver aduvida, que occorreu, sobre o exame das Terras Diamantinas ; do que confirmando a Negativa do officio de 21 do corrente, pelas rasões nelle expendidas. Pois que a verdade é que de similhante diligencia, aonde não podem intervir unicamente os meus exames pessoases, o que afinal, com grande desar meu, poderia eu vir a ganhar, seriam talvez as indecorosas suspeitas que me atraissem alguns extravios que se commettessem e me denegrissem o illibado conceito, que ainda até agora não desmereceu a minha fidelidade.”

O commentario á prohibição com que o estreiante no governo, tão diferente da orientação empreendedora de investigações do seu antecessor, lhe embargára a excursão mineralogica projectada, poz de manifesto ainda uma vez o seu genio altivo, que sabia reagir, quando excitado, ainda que tivesse de enfrentar capitães generaes do porte de J. P. Caldas, ou João de Albuquerque.

Exposta, porem, ao ministro dos Negocios Ultramarinos, a surpresa da restricção governativa aos seus

trabalhos, não se demorou em explicar o que lhe fôra indicado.

A proposito, alem da carta albuquerquina, de 18 de Maio, chegou-lhe ás mãos o relatorio do seu "condiscipulo e amigo", astrônomo Antonio Pires da Silva Pontes, que a 29 lhe entregou minuciosa exposição do que vira de interessante em mineralogia pelos sertões, de onde manam os tributarios do Paraguay e do Guaporé.

Estava, pois, sufficientemente informado para encetar nova peregrinação.

Dias de agonia

A's vespervas de S. Pedro, surdo aos convites para folganças tradicionaes, abalou-se, com a sua comitiva, rumo ao Nascente, em busca da villa, onde primeiro se condensaram os bandeirantes, entre o Coxipó e o Cuiabá. A viagem morosa, como exigia a preocupação de augmentar as colheitas de amostras nos tres reinos da natureza, dilatou-se por uma semana, até Lavrinhas, onde o guarda mor Manoel Vellozo Rebello e Vasconcellos possuia "as maiores fabricas", á distancia de 15 leguas de Villa Bella.

Em trabalhos de explorações das cercanias escoaram-se-lhe os dias até 14 de Julho, quando se aventurou a verificar a constituição da gruta, cuja existencia os "Annaes" municipaes registraram, attribuindo-lhe a descoberta á bandeira que o Padre Fernando Vieira da Silva mandára, em 1788, aos sertões dos Parecis, á procura de minas de ouro.

Acompanhal-o-iam os dous desenhadores, "com outro estudioso da Natureza, Manoel Joaquim Leite Penteadado, que é um amigo meu, a quem devo nesta Capitania uma não pequena parte das minhas colleções naturaes."

Facilmente alcançaram o sitio do padre Fernando, á latitude de 15°16', e a legua e meia acima da ponte sobre o Guaporé, que se alargava, nessa passagem, por 15 braças e duas de fundura.

Engenhos de assucar e de aguardente; casas de venda, pomar e hortas, "sobre terras argillaceas e ferruginosas que favorecem muito a vegetação das cannas", constituíam os haveres do proprietario que, em tempos idos, tambem cavára "boas lavras de ouro". Pelas indicações dos vaqueanos, iriam de novo transpôr o Guaporé, uma legua á frente, onde encontraram abandonado tiju-par, que lhes serviu de abrigo por uma noite.

Adiante, adensava-se a mata bravia, que os forçou a aligeirar a carga.

Desistiram das montadas e cargueiros, que não varariam o cipoal, com que toparam.

A pé, levariam apenas o indispensavel á manutenção pelo menor prazo possivel.

"Foi assim que o nosso viatico se reduziu ao summamente necessario, quero dizer, a uma pouca de farinha, quanta se pode acomodar em dous alforges, para se transportarem ás costas de dous pretos."

Frutos e caça confiavam que lhes daria a floresta virgem, cujo terreno fofo palmilharam por mais de onze leguas.

Afinal, pela tarde de 18, toparam com o lugar indicado, que o naturalista especificou em termos inconfundiveis.

"Está situada a gruta das Onças, nas abas de um morro, tendo a sua base voltada para O. S. O. Por ella sae um ribeirão de agua fria, clara e crystalina, a qual corre sobre um leito de areia branca, fria e movel."

Quando se lhe azasse vagar de descrevel-a, recordaria outras, celebrizadas pela sua belleza ou bizarría, fossem naturaes, ou fantasiadas pelos poetas, e bem assim a curiosidade de que foi presa ao ler a narrativa dos seus primeiros exploradores.

"Confesso que tanto mais se me accendera o desejo de a visitar, quanto mais simples me parecem o estilo da sua descripção. Estilo, que a ninguem encanta com

os seus ornatos, de nenhuma fórma engenhoso, ou affectado ; porem, ao que se me representou, todo elle filho da singeleza, e, por conseguinte, da verdade.”

Não lhe notou, porem, emblemas religiosos, de que deu noticia o devassador da lapa, onde moravam onças e morcegos.

“A semelhança de capella, tambem ali observada, foi verdadeiramente uma visão devota, porque tal semelhança não ha. Bemaventuradas gentes, para as quaes cada tóca se lhe transforma em uma ermida, cada risco é uma cruz, cada penha um altar e cada pedra uma imagem.” Nenhuma particularidade maravilhosa foi então lorigada na gruta, em cuja minuciosa exploração, á luz de archotes, Ferreira, jejuno, se demorou pela manhã de 19, das 6 horas ás 10, pés afogados na fria agua do ribeirão, a medir-lhe as dimensões e investigar-lhe os elementos definidores de sua formação (92).

De volta, salteou-o copioso aguaceiro, que lhe encharcou a roupa toda, engravescendo-lhe o resfriamento que apanhára.

A caminhada, excessiva para o seu organismo, já debilitado pela molestia, a nutrição deficiente, o corpo envolto em vestes molhadas, tudo contribuiu para prostal-o, presa indefeza de atroz “perniciosa”. Mal pôde alcançar Lavrinhas, onde o guarda mor Vellozo o acolheu com desvelo e amizade e tratou-o como lhe era possível.

Diaphoreticos, seguidos de emeticos e purgantes, enumeraria mais tarde, elle proprio, ao recordar o lance em que esteve sem vida consciente, de 21 a 27 de Julho, bem como diluentes, adoçantes e refrigerantes, tudo ingeriu o doente, que não dava signal de reacção organica.

A gravidade evidente do seu estado morbido não convinha fosse desconhecida ao Capitão General a quem José Joaquim Freire se apressou em ir dar sciencia do decorrido. Das providencias então tomadas sem tardança, diria o beneficiado :

“Devo a S. Exia, a extraordinaria honra, caridade e agasalho com que sem perda de tempo, não somente me enviou de sua propria botica, os mais vigorosos medicamentos, mas tambem encarregou de sua administração ao Cirurgião de sua Camara, o Licenciado José Ferreira, de cuja direção, experiencia e desteridade, muito me aproveitei, para me conduzir ao estado de melhora, em que me elle durou. Por este modo, não foi Deus servido terminar daquella vez os trabalhos da minha peregrinação.” Por semelhante gesto de carinhosa cortezia reconquistou João de Albuquerque a confiança do sezonatico, sobremaneira reconhecido aos cuidados governativos, pela sua pessoa, a quem não faltou tambem a assistencia desvelada e incessante dos amigos, que soubera grangear pelo seu trato afavel.

Palmilhando lavras cuiabanas

Bem que enfraquecido pela doença, que o deixára desacordado varios dias, até 27 de Julho, já em Agosto seguinte se encontrava a caminho do Jaurú, onde colheu amostras de sal, cujo beneficiamento promoveria.

Dalli seguira, provavelmente, o itinerario de que deixou uma copia no archivo da expedição, pela fazenda de Manoel Gonçalves, ribeirão das Pitas, Caiçara, ribeirão das Frechas de Bento Gomes, arraial dos Cocaes, para afinal attingir, a 27 de Setembro, o rio Cuiabá, transposto o qual, se lhe abriram á curiosidade as portas da villa sertaneja, por essa epoca ainda condensada a meia legua do seu porto geral.

Seria interessante o confronto, que o naturalista fizesse entre as varias villas observadas em sua longa exploração. Era Cuiabá a derradeira da serie, não obstante uma das mais antigas, e talvez a mais acentuadamente filiada aos bandeirantes, cuja descendencia a povoára com cerca de 10.000 pessoas, que não somente lhe revolviam o cascalho, á cata de ouro, como ainda lhe aproveitavam a fertilidade do solo, patente nos pomares urbanos e roças circumjacentes, que margeavam o rio até 14 leguas abaixo, e em maior extensão para montante e grimpavam pelo planalto, em torno do povoado de Sant' Anna, e iam até Quilombo. Embora destituida de sua primazia, por injuncções politicas de ordem internacional, que geraram a Capital fronteiriça, em Villa

Bella, conservava pronunciada ativez de proceder, que levára á prisão um juiz — Morilhas — contra quem o Capitão General Rolim acceitára a queixa do povo, e amargararia os dias do segundo Albuquerque, ainda por causa de um magistrado, Moura Cabral, em cuja recondução, pleiteada pela Câmara, não consentiu o Governador.

As chronicas locaes registrariam o dissidio, que se estabeleceu entre as autoridades, sem vantagem para o representante de El Rei, que se viu malquistado em Cuiabá, não obstante a nomeada do irmão prestigioso. Seriam occurrencias, porem, ultteriores á visita de Ferreira, a quem se depararia a villa ainda vibrante de alegria, manifesta exuberantemente nas commemorações recentes, com que festejára o natalicio do juiz de fóra, Dr. Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, cuja vida benemerita A. de Taunay evocou, em bellas paginas biographicas, estampadas no tomo II dos “Annaes do Museu Paulista”.

Para lhe testemunhar a satisfação geral á sua integra magistratura, dedicou-lhe o povo cuiabano uma quinzena de festejos, em que se incluíam ceremonias religiosas, bailes, cavalhadas, representações de comedias e tragedias, recitativos, cuja descripção pormenorizada a Revista do Instituto Historico de S. Paulo trouxe a lume (volume IV).

Indicio de que a villa bandeirante, viuva de carinhos governativos, que se concentravam na Capital, não perdera a alegria de viver, que lhe mantinha acentuada actividade social e intellectual, de admirar no recesso dos sertões, onde medrára, nutrida pelo ouro de suas lavras opulentas. Enaltecido pelos jurisdicionados, de todas as classes, o magistrado acolheu com satisfação o forasteiro, testemunho insuspeito da rectidão de sua judicatura e seu contemporaneo de estudos universitarios.

E mutuariam informações e ensinamentos, de que Ordonhes se valeria por ventura na sua “Ornithologia”,

e Ferreira nas pesquisas historicas referentes a Cuiabá, em que era aquelle summamente versado (93).

Todavia não consta indicação alguma relativa a tal troca de conhecimentos, ao contrario do que se deu com outro condiscipulo, Silva Pontes, a cuja amizade prestadia se referiu o naturalista, penhorado ás indicações que delle recebeu. Em Cuiabá, Ferreira restabeleceu-se de todo e preparou-se para viajar até o forte de Coimbra, depois de redigir a descripção da Gruta, de tão penosa recordação.

A Gruta do Inferno

Outra, mais grandiosa, deveria explorar, ao fim de alongada viagem por agua, ao som da correnteza, até Coimbra, em cujas imediações a descobriram alguns caçadores do reducto militar, iniciado em 75.

Descreveu-a, em seu estylo isento de velleidades literarias, o sargento mor Ricardo Franco de Almeida Serra, quando sulcára, poucos annos antes, o Paraguay, desde a confluencia do Jaurú até o Fecho dos Morros, em trabalhos de levantamento topographico da faixa fronteira (94).

Não conseguira, porem, esquadrinha-lhe todos os compartimentos, como resolveu o naturalista fazer, maravilhado de tamanha belleza natural. Seria o segundo visitante curioso, em ordem chronologica, e o primeiro capaz de apreciar o phenomeno espeleologico, e tentar-lhe a analyse das causas geradoras. A descripção, que lhe flue da penna, já em marcha de regresso, pois que a datou de 5 Maio, ao frontear a bocca da bahia de Uberaba, ainda patenteia a mesma viva emoção, que o empolgou, um mez antes, ao devassar-lhe os segredos.

Um dos raros trabalhos seus, que tiveram a sorte de ir aos prêlos, encontra-se estampado, mais de uma vez (95).

Ahi refere ter partido da fortificação, pela manhã de 4 de Abril, e após viajar cerca de hora e um quarto, em canoa ligeira, alcançou o porto de desembarque, onde

começou a marinhar pela encosta, em procura da bocca da gruta.

“Está situada, resume, na contra-costa que olha para o Norte, correspondendo bem ao lugar em que, na face opposta, está fundado o referido prezidio.

A interposição de uma grande pedra divide a sua boca em duas, a primeira de 10 palmos de comprimento, a rumo de N. S. com sete de largura, e a segunda que lhe fica superior e onde entrou, de onze palmos de comprimento a rumo de S. O., e oito de largura. Pelo que de si mostram ambos ninguém pôde ajuizar do que dentro é semelhante gruta.”

O confronto, ditado pelos soffrimentos que lhe causou a outra, brotam-lhe sem esforço do subconsciente conservador das penosas impressões lá sentidas.

“Não é como a celebrada Gruta das Onças, onde exceptuada a grandeza, nada mais ha que ver, senão agua, entulhos e morcegos; porem até na grandeza a deixa muito a perder de vista a Gruta do Inferno, digna certamente de um mais apropriado nome de que este, que lhe poz quem a viu primeiro, que sem duvida se horrorisou da sua escuridão e profundidade.

Deixando-se escorregar por uma escarpa de 190 palmos de profundidade, regozijou-se Ferreira com o que se lhe deparou á vista.

“Eis aqui onde a Natureza me tinha preparado o maravilhoso espetaculo que recompensou dignamente tanto o perigo como o meu trabalho; porque olhando á primeira vista, o todo que se me offercia depois de distribuidas as luzes em proporcionadas distancias, representou-se-me uma mesquita subterranea que, observada por partes, de cada uma dellas saltava aos olhos uma differente perspectiva.

A que do fundo daquelle grande salão se offerce á vista do espectador, collocado na entrada delle é de um magnifico e sumptuoso theatro, todo elle decorado de

curiosissimos estalactites, uns dependurados da aboboda que constitue o tecto, como outras tantas goteiras fusi-formes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compridas, simples, bifurcadas ramosas, verrucosas, tuberosas etc. ; outras alçadas ao pavimento, á maneira de pilares, columnas, columnetas, lisas ou canelladas, pavilhões de campo etc. e um destes tão grosso, que dois homens a não abraçam.”

Deslumbrado, permanecera em perscrutação minuciosa, até que os archotes, ao fim de quatro horas, entraram a extinguir-se. Interrompeu-a para voltar no dia seguinte, quando o ambiente, enfumaçado pela combustão da vespera, mal permittia escassa propagação da claridade.

Afinal, em terceira investida, conseguiram os desenhadores, com extraordinario esforço, esboçar os "prospectos", a que se referiria o naturalista para completar a sua descripção (96).

Quanto ás dimensões, bastou-lhe informar : “viu-se que tão somente o salão, incluída uma recamara sua, tinha de comprimento total 510 palmos.” E para lhe indicar as condições de abrigo amplo, ajuntou “póde naquella gruta aquartelar-se á vontade um corpo até de 1.000 homens.”

Entre os Guaycurus

No Baixo Paraguay, onde se encontrava o sargento mor José Joaquim Ferreira, desde Dezembro anterior, feito commandante do presidio de Coimbra, coube ao Naturalista o ensejo de conversar os guaycurús, outrora hostis, e por essa epoca inclinados a pacifica approximação. Resabiados, não se abriam em confiança com o forasteiro, se não por intermedio de alguns, de sua sympathia, entre os quaes se incluia o padre João José Gomes da Costa, que os tratára de longa data e poderia adiantar informação a respeito.

Baseado no que lhe ouviu e na observação pessoal, do cacique João Queima de Albuquerque, primitivamente Caimá, e sua escolta, enfeixou o viajante as suas notas na carta de 5 de Maio de 91, endereçada ao capitão General, terminada á "boca do canal de fora da lagoa de Uberaba em viagem pelo rio Paraguay". Ahi lhes resume os caracteristicos mais salientes.

Assenhoreavam-se da região marginal do Paraguay, por cerca de cem leguas, do Ipané para cima, até o Mondogo (actualmente Miranda).

"Tem alentados homens entre si ; os quaes em todo o conflito sabem manejar destramente as faculdades activas da Natureza.

De todos quantos vi, nenhum tinha de altura menos de 8 palmos e meio. Setenta pollegadas contava o cacique

Caimá, que é dos mais altos Tapuyas que até agora tenho visto.

Em proporção á altura, enquadra-se-lhe o tronco robusto. “A sua vida é de curso, tanto em terra como pelos rios ; com a differença que em terra, andam montados a cavallo, donde lhes vem o nome de *cavalleiros*, e pelos rios navegavam em ligeiras canôas, que remam com incrível celeridade.”

Serviam-lhes os remos, compridos de 18 palmos, de lança tambem, com a sua haste ponteaguda. A maior parte do tempo, estão a cavallo, em pello ou em *pellejo*, couro que tambem serve de *pelota*, nas passagens do rio.

Consigo transportam os seus tejupares desmontaveis, a que o taquarussú fornecia esteios e vigamento em que se apoiasse a esteirinha de cobertura.

Criadores de gado bovino, equino, tambem possuiam perús, gallinhas, principalmente por causa dos ovos, apreciados ainda “depois de terem pinto.”

Polygamos, não demonstravam menos suave affecto para com as companheiras, que em geral andavam núas, “bem feitas de pé pequeno e delicado”, e não geravam mais que tres filhos.

A pratica abortiva limitava-lhes a fecundidade natural. Donzellas, usavam pastinhas, que substituiam por topete, á similhaça de mutum, após o casamento, impeditivo do consumo da carne de anta e capivara.

Mortos, enterravam-se em cóvas de 7 palmos, deitados sobre esteiras, e simultaneamente, ao lado, o cavallo de sua preferencia, sacrificado a lançadas. A negra Victoria que fugira a Dona Anna de Moraes, de Cuiabá, e, aprisionada, lhes servia de escrava, longo tempo havia, conhecia-lhes por miudo os habitos, que revelava aos inquiridores.

Costumavam escravisar prisioneiros, que, todavia, tratavam com benignidade, provocando judiciosas reflexões de Ferreira.

“Nós os chamamos barbaros, porem elles nesta parte não deshonram tanto a Humanidade, como as mais polidas Nações da Europa, que sem embargo de terem a razão exercitada pela Philosophia e illuminada pela Revelação, em se estabelecendo na America, parece que de proposito excogitam os meios de fazer mais pezado o jugo da escravidão dos Negros.” Os captivos fundiam-se na tribu, compensando com o seu numero a escassa natalidade dos casaes genuinos, com os quaes conviviam, destarte, inumeros guaxis, guanás, guatós, xamococos, e outros visinhos. Bellicosos, foram, com os payaguás, seus aliados de meio seculo, entre 1719 e 1768, os mais perigosos inimigos dos povoadores de Cuiabá, cuja navegação para S. Paulo tentavam impedir.

Já lhes convinha, porem, accetar a alliança, que lhes offerecia o sargento mor, interessado em amainar-lhes o furor guerreiro, para poder manter-se no posto de vigilancia fronteiriça, que lhe confiára o capitão general.

“Coimbra, antes da paz com os guaycurús, diria opportunamente Almeida Serra, seu defensor contra a mallograda investida de D. Lazaro de Ribera por Setembro de 1801, era um verdadeiro desterro, confinada a sua guarnição ao recinto da sua estacada, na ponta de um morro esteril, e cheio de penedos; aonde se não pescava, não caçava, senão debaixo da vigia de homens armados; e assim mesmo os guaycurús, espreitando e de emboscada, commetteram algumas mortes logo que acharam occasião e descuido; nas noites escuras algumas vezes atacaram as sentinelas nas guaritas, emfim sempre tinham a guarnição em armas, e todos estes incommodos desapareceram com a paz e amizade com estes indios.”

Tamanha transformação bem merecia a solemnidade de protocollo, que se lavrou, no proprio “palacio da residencia do então Governador e Capitão General”, aonde compareceram os caciques Emavidi Xamé e Queimá, respectivamente lusitanizados em João Queimá de Albu-

querque, homenagem á primeira autoridade da Capitania e Paulo Joaquim José Ferreira, por influencia do commandante de Coimbra, que lhes captou a sympathia e confiança. Interpretou-lhes os sentimentos a negra Victoria, que lhes dizia bem da benignidade, para com os captivos, por experiencia propria.

Dezesete "subditos" compunham-lhes a escolta para cuja hospedagem se desvelou o governo, estimulador de festanças commemorativas, que os alegrassem, alem dos mimos pelos quaes se exprimiu a munificencia official.

Em meio de folganças, que os maravilharam, annui-ram facilmente em figurar de negociadores de convenio de paz, entre a sua tribu e a população de Mato Grosso, conforme estipulou o termo respectivo (97), a que appoz a sua assignatura o capitão General, representante de "S. M. Fidelissima", logo seguido pelo coronel Antonio Felippe da Cunha Pontes, seu ajudante de ordens, e Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, a rogo dos dous caciques, pelo prover da fazenda real, Dr. Antonio Soares Calheiros Gomes de Abreu, em nome dos demais indios e sargento mor Ricardo Franco de Almeida Serra, pela preta Victoria. Destarte, desarmaram os guaycurús as suas algaras contra os visinhos de Cuiabá, mercê do convenio, a cuja celebração, em Villa-Bella, Ferreira assistiu, a 1.º de Agosto de 1791.

Em defeza dos indios

A sympathia com que Alexandre Ferreira contribuiu para a assignatura do convenio de paz, entre o representante maximo da coroa portugueza e o solerte cacique dos guaycurús, era a mesma que lhe inspirára repulsa formal á pacificação a ferro e fogo, que se consumára no Guaporé, em cujo valle outróra habitavam os Guajuratás, os Amios, os Mequenes, os cautarios, os corumbiáras e outros, de que se avisinhavam, pela encosta do macisso dos Parecis, mansos e trabalhadores, os Lombiz, das cabeceiras de S. Simão, os Cutriaz, no alto de S. José que tambem os nomeavam de travessões, á conta de batoque mettido de travez, pela cartilagem do nariz, e mais acima, os rudes Patités.

“Sobre todos elles desencadeou-se a pressão espoliadora dos forasteiros, implacavel no exterminio dos indigenas, pelo captiveiro ou summaria execução. “De quasi todas as Nações, ainda as mais populosas, como tinha sido a dos Parecis, raros eram, dizia elle, os indios que existiam; não se viam mais os cautarios, os corumbiáras e outros”, encontrados pela expedição que, em 1770, abriu o caminho por terra, do Forte Bragança a Villa Bella. Não lhe parecia aceitavel nenhuma attenuante a crueldade tamanha, que profligou, condoido dos naturaes.

“A autoridade com que os sertanistas faziam estas conquistas, era a da cobiça. As leis que seguiram no

methodo de as fazerem, eram as da deshumanidade. Porque abalroando as rancharias, em que se viam os barbaros, nas bocas de fogo faziam acabar os que naturalmente pegavam nas armas, para sua defesa.

Mettiam-se os vencidos em correntes ou gargalheiras e depois se repartiam pelos conquistadores.

A estas tão injustas acções acompanhavam atrocidades inauditas e indignas de se referirem.”

Destes periodos, que lhe brotaram da franqueza indignada, resumra a piedade humana do naturalista pelos soffredores, ainda que da mesma raça dos que lhe haviam causado aborrecimentos innumeraveis.

Curando males

As provações por que passára ao avisinhar-se da Capitania, engravescidas no Guaporé, que o recebera com um dos seus traíçoeiros repiquetes, a que attribuiam o desencadear de agentes malignos, e mais ainda, em Lavrinhas, onde a Morte lhe rondou em torno, por dias inesquecíveis aos que lhe velaram á cabeceira, e, depois, o acolhimento amistoso, que por toda parte lhe facilitava a incumbencia, tudo concorria para estimular a bondade natural, que o fazia ancisar por de alguma forma ser util á população, a que se afeiçoara.

De dous modos, cuidou de prestar-lhe o concurso de seus conhecimentos, consoante as idéas, que lhe brotavam de firmes convicções.

Por um lado, consideraria a actividade economica da Capitania, para lhe suggerir modificações a seu ver melhoradoras da decadencia da mineração do ouro.

De outra parte, recorreria aos seus antigos estudos, para attentar na incommum nosologia regional e indicar providencias preventivas, ou alliviadoras de molestias derreantes.

Varias vezes ouviria queixas contra o sumiço do ouro, que já não luzia nas bateias, como outrora. Afiguraram-se-lhe infundadas, particularmente no districto mais antigo, cujo conhecimento o levava a affirmar : 'Muito rico é o Cuiabá, porque em qualquer parte que

se mette a alavanca, ou na rua, ou nos quintaes, em todos se tira mais ou menos ouro.”

Era, aliás, recente a descoberta, a occidente, das lavras do Sapateiro, repartidas em 89, “onde desde a flôr da terra se recolhe o ouro que com elle está misturado, sem se desmontar terra alguma, porque com as raizes do capim está elle misturado”. Não havia, pois, empobrecimento das formações auríferas, mas somente diminuição do rendimento de trabalho dos mineiros, que já não se contentavam com as vantagens da sua profissão, mas ainda pretendiam por todos os modos adquirir ouro, como lavradores, senhores de engenho, ou criadores de gado.

Destarte, a escravaria não se concentrava mais nas minas, como antigamente, com dous ou tres por cento, quando muito, de egressos para outros affazeres.

Imperava, ao revez, systema diverso de distribuição de trabalhadores.

Entre 60 escravos, por exemplo, tornou-se commum a reserva de tres e quatro para pagens, dous para a sapataria e barbearia, dous para cosinha e curral, sete destinados á rôça, de sorte que cerca da quarta parte se desviava da estracção directa do ouro.

Simultaneamente, outros habitos occasionavam augmento das despezas de cada um, mercê de maior esmero no trajar.

“Desconhecia-se o luxo, porque um capote e uma vestia e calção de panno, que houvesse o mineiro, reputava-se ser o tratamento preciso para tres annos.

Ainda não ha 20 annos, que se não viam no Cuiabá quatro saias de seda, nem esses pompósos apparatus que hoje se veem.”

E, quanto á dispersão de esforços, “não se tinham introduzido manufacturas de algodão, de assucar, de rapadura, sobretudo de aguardente da terra que tantos braços distrae dos serviços de mineração sendo por outra

parte certo que então sahiam os escravos a preços muito mais commodos, do que agora.”

Para corroborar o que dizia, apoiou-se na estatística, mediante a qual estimou a dispersão de trabalhadores por 62 estabelecimentos agricolas, destinados ao tratamento da canna, tanto para produção de aguardente, como de assucar (98).

A tendencia á policultura afigurava-se-lhe, pois, nociva á mineração, como o luxo, e o abuso dos pretendentes privilegiados, a quem o regulamento facultava a aquisição de tres datas mineraes, para evitar sensiveis desigualdades nos quinhões. Entretanto, em S. Pedro d' El Rei, germen de Poconé, soubera que tres mineiros possuiam cerca de mil datas, cuja exploração estaria fóra do alcance dos outros, por ventura mais bem aparelhados para os serviços respetivos.

Si as conclusões do naturalista resultavam de premissas apresilhadas a inconsistente concepção economica, nem por isso desmerecem as suas informações a respeito da organização de trabalho na Capitania (99), a que faltou, aliás, a ultima demão, que as enfeixasse em ordenado ensaio, á maneira do que dedicou ao estudo medico-sanitario da região, com o rotulo de *Enfermidades endemicas da Capitania de Mato Grosso* (100).

Não seria propriamente da sua especialidade, mas lhe espelhava intuitos humanitarios, visando o beneficio da população que tão amistosamente o acolhera. “Depois de eu ter observado pelo espaço de dous annos, explica de entrada, quaes eram as enfermidades endemicas da Capitania de Mato Grosso, e de ter ao mesmo tempo reconhecido que a maior parte dellas se não remediava, como poderia ser, em se vulgarizando os necessarios conhecimentos medicos, para com elles se suprir a falta de professores, assentei commigo de vulgarizar os que possuia, ou fossem proprias, ou alheias e concluido este

opusculo, franqueal-o aos que o quizerem lêr, e tirar delle o proveito, que se lhes pode seguir.”

Elaborado nos escassos vagares da sua lida “sahiu ultimamente este pequeno signal do meu zelo, e não do meu instituto”.

Tal resalva deveria amenizar a critica dos futuros collegas seus, que lhe inculpassem de defeituosa a obra de emergencia, com que se esforçou por alliviar os soffrimentos dos achacados.

“Que elles assim o entendam, ou não, fiquem certos, que nenhuma paga lhes peço pelo meu trabalho. Assaz recompensado fico com a satisfação, que tenho, de trabalhar para ser-lhes util.”

Não o inspirara, como se deduz de suas declarações, nenhuma velleidade scientifica, de formular novas doutrinas medicas, ou ensaiar processos curativos, de que fosse o iniciador.

Ainda uma vez, obedecia simplesmente ao impulso pragmatico, orientador de sua actividade, que, todavia, não dispensaria a exhibição de conclusões geraes a que o levaram pesquisas locaes.

Assim foi que, antes de entrar propriamente no assumpto, julgou indispensavel synthetizar, em breve “Noção Physica do Paiz”, quanto pudesse concorrer para aggravar os males reinantes, pois sem o conhecimento do “ceu e do terreno”, em que vivessem, não poderiam os habitantes avaliar as suas qualidades ou defeitos.

Dilata-se-lhe, então, o painel descriptivo, pelo Guaporé, que navegára, por “boas 250 leguas” abrangendo o “Forte do Principe da Beira (101) até Villa Bella, cujas peculiaridades pormenoriza :

“Encravada entre a Serra do Grão Pará, distante duas leguas a occidente, de outra banda do rio e de S. Vicente”, a sete, ao levante, até ahi se extendia a mesma

topographia da planura encharcada, mal interrompida, onde se fixou o Forte do Principe, na aba remanescente do espigão encostado ao macisso dos Parecis, que resistiu á erosão de agentes destructivos.

“Umas e outras margens, tanto as do Guaporé, como as de seus collateraes, são pela maior parte baixas”. E mais ainda, nas visinhanças da Capital. “Toda esta campanha, e que se chama da Villa, é um terreno alagadiço de estereis areias” (areia manteiga, annota, de sua propria letra á margem). Em meio do terreno achanado, o nucleo fundado por A. Rolim de Moura não sobranceava as alagações. “A villa em si é regular ; as ruas direitas, porem pouco largas e por calçar ; donde vem, que com as invernadas se encharcam, e a todo o tempo facilmente as excavam os Porcos, que vagam por ellas, fossando o terreno, e abrindo nelles fossas e charcos para se deitarem.”

Não admira o espectaulo, proporcionado pela irreverencia dos suinos, á vista dos capitães generaes destacados para Villa Bella, quando no Rio de Janeiro, ao tempo dos vice-reis, não lhes seria mais discreta a pratica balnearia do enxurdeiro pelas ruas cidadinas, como lembrou Luiz Edmundo.

Aliás, á beira do Guaporé, houve intuito urbanistico do fundador da villa, onde “as casas, sim, estão alinhadas, porem são terreas, cobertas de telha vã, e todas ellas, ou simplesmente aterradas, ou ladrilhadas de tijolo.

As janellas, pouco rasgadas, ainda se defendiam de olhares indiscretos por “gurupemas” que fazem das casas outras tantas cameras escuras e tristes e impedem o livre acesso do ar.”

Habitualmente as chuvas do primeiro trimestre de cada anno occasionavam inundaçào dos arrabaldes da villa, cujas mais afastadas ruas se transformavam em canaes, por onde navegavam, de canôa, os moradores.

A igreja de S. Antonio, em particular, que se alteava sobre alicerces de tapiocanga, permanecia, então, insulada, por dias seguidos.

Na grande enchente de 84, gravada nos "Annaes", quando o rio empolára, além da marca, repetiu-se o phenomeno em maior proporção, obrigando o capitão general a tomar a sua embarcação, para examinar as ruas mais damnificadas pelas aguas invasoras, que lhes solapavam os embasamentos dos predios, quando constituídos de outros materiaes menos resistentes.

Golpeados no ponto mais vulneravel, ruiam tragicamente em numero estimado pela terça parte dos existentes.

Passada a enchente, que habitualmente regulava por 14 a 15 palmos, "sobre o nivel da maior vasante" e os seus maleficios, entre os quaes se distinguiam "febres intermitentes e catarraes", começava a serie de *friagens* de que, só em 89, Ferreira registrou quatro assaltos maiores, a 10 de Março, quando se achava acampado nas immediações da cachoeira de S. Antonio, de 6 a 11 de Abril, ao transpor a do Ribeirão, a 31 de Maio, tão intensa, no Mamoré, que os indios remeiros não puderam despegar-se da fogueira, a cujo calor se aqueciam, e a 28 de Junho, que os alcançou melhormente agasalhados no Forte do Principe da Beira.

Depois dessa quadra, propicia ás "pontadas", eram infalliveis as *carneiradas*, que abrangiam a "peior sorte das febres podres, malignas e intermitentes, de corrupção, garrotinho, dysenterias e outras molestias, que triumpham da disposição mais robusta e da vida mais regulada".

A taes morbus, associou-se, em 89, pela primeira vez, o sarampo, a cuja conta se averbou o accrescimo da lethalidade (102).

O mesmo regimen se alargava até a floresta, a 9½ leg. da villa, "que deu áquella capitania o nome de

Mato Grosso, e principia na Bocaina da Serra de S. Vicente, e com 13 leguas de extensão acaba na Estiva, em 15°28'."

Para diante, amenizava-se a mais e mais a aclimação do homem, que encontraria em Cuiabá condições mais benignas, de cuja analyse não tratou o naturalista, com igual minudencia.

Entretanto, alongou-se no estudo do afloramento salino com que topou, entre a Serra do Aguapely e o Jaurú, por "doze leguas quadradas de paiz salitroso, onde se encontram repetidas efflorescencias de sal gemma, "consoante lhe informára Silva Pontes, corroborando a noticia registrada nos "Annaes de Villa Bella" referente a 1770, quando Luiz Pinto, Capitão General, promoveu meios de verificar-lhe a existencia (103) pelas indagações de praticos sabedores da occurrencia assignaladora da fazenda de Manoel da Cunha de Abreu, em cujas immediações se lhes deparara o mineral precioso.

E não somente examinou as circumstancias apparentes das salinas, como ainda cuidou de beneficiar-lhes o artigo, mediante operações chimicas de facil applicação, com que poderiam os interessados melhorar sobremaneira o producto de sua industria caseira.

No assumpto, sentir-se-ia mais á vontade, seguro como estava do seu saber, do que ao versar propriamente os problemas clinicos da região iniciados com discreta resalva :

"Quanto a mim, que nem expendo a materia *ex professo*, nem a tenho praticado, se não á falta de Professor..."

Todavia, firma criterios, que a esse tempo não guiariam a maioria dos facultativos.

Assim, para diagnosticar o mal, parecia-lhe indispensavel observar o *lugar*, o *tempo*, o *genio endemico* ou *epidemico* reinante.

A margem, anotou a conveniencia de conferir a “velocidade do pulso com a respiração o calor, as ourinas”.

Seria atilada innovação, do uso do thermometro, que inspirou rasgados louvores, a João Severiano da Fonseca, medico da commissão demarcadora de limites, no exercicio de cujo cargo andou pelo Guaporé, quasi um seculo após, de 1875 a 1878, e poude aquilatar a valia do ensaio do naturalista bahiano.

Não lhe brotou, em conjunto, lisonjeiro conceito da monographia descriptiva das endemias de Mato Grosso, em que attentou, com olhos afinados pelas novas doutrinas dos mestres, que fizeram a arte de curar beneficiar-se, no seculo XIX, dos progressos obtidos pelas sciencias em que se apoia. Pareceu-lhe deficiente a que escrevera Alexandre Rodrigues, que não se revelára, feito ensaista sanitario, do mesmo quilate decorrente de sua fama (104).

Certo, ninguem iria beber-lhe os ensinamentos clinicos, formulados ao tempo da Revolução Franceza, depois que a biologia começou a emancipar-se do dogmatismo especulativo d’ outrora, illuminada pelo genio de Bichat, que se completaria com as investigações de Claude Bernard e Pasteur, cada qual no ramo das suas predileções. Bastariam estes vultos, e a legião dos que lhe seguiram na esteira aclaradora, para condemnar, por atrazadas, as contribuições dos facultativos inspirados em doutrinas caducas, incompativeis com o progresso das sciencias.

O proprio J. Severiano serve de exemplo á relatividade dos conhecimentos de que se gaba.

Sem duvida, possuia-os de raiz, e enxertou-os na sua *Viagem ao Redor do Brazil*, indispensavel aos estudiosos dos fastos do paiz, especialmente no que diz respeito á fronteira occidental.

Primeiro cirurgião do Exercito, mostrava-se, ademais, sciente do que lhe poderia ensinar a medicina contemporanea.

Todavia, qualquer leigo poderá lobrigar conceitos aberrantes dos modernos postulados sanitarios nas suas explicações da etiologia das molestias regionaes (105).

Quem lhe endossaria em verdade a opinião que attribuia aos "miasmas palustres" a causa geradora do impaludismo, depois que Laveran especificou o hematozoario maligno, que lhe tomou o proprio nome?

Mas, em 78, ainda permanecia desconhecido o germen morbigeno e não havia como explicar-lhe as investidas devastadoras, senão por meio dos terriveis "miasmas" na descripção de cujas causas J. Severiano parece ecoar conceitos de Ferreira (106).

Debuxam ambos as alagações, que vão de monte a monte, por dilatadas areas, afogando campinas, com as suas vegetações rasteiras, animaes incautos e detricτος organicos de toda ordem.

A fermentação resultante maligna os ares, improprio ao homem, principalmente quando lhe é deficiente a nutrição e generalizados os costumes de banhar-se nos rios a qualquer hora do dia.

O parallelismo das ideias principaes dos doutores, que examinaram os problemas sanitarios de Mato Grosso, distanciados um do outro de cerca de uma centuria, evidencia que não seria tão somenos o ensaio do naturalista, nem desproporcionado á sua fama.

Não obstante, ninguem irá hoje inspirar-se nas suas observações clinicas, em que minudencia as entidades morbidas, e muito menos seguir-lhe a therapeutica, baseada nos ensinamentos dos mais experimentados facultativos contemporaneos, como igualmente não o fará quanto á obra de J. Severiano (107). E' lhes commum, entretanto, a mesma valia historica, de observadores sagazes, que souberam ver, e forcejaram por debellar os males perturbadores da aclimação do homem no Guaporé.

E no douto naturalista, especialmente, pela maior distancia a que se acharia, em tempo e no espaço, das ideias renovadoras, sobreleva a interpretação, derivada porventura da doutrina hypocratica, segundo a qual o doente se encadeava aos diversos factores, que lhe atuavam no corpo, para favorecer as molestias, ou refreal-as.

Era simples funcção do meio em que vivia, e do regimen de alimentação de que se mantinha. Aquelle, pela demasiada humidade, e calor derreante, que favoreciam a decomposição de residuos organicos, responsavel pela disseminação de pestilencia, avultava de malignidade, pela inadaptação das moradas ás prescripções sanitarias mais racionaes, emquanto a inobservancia de preceitos de hygiene alimentar enfraquecia os organismos e os expunha, indefesos, aos assaltos dos morbos fataes.

Lance romantico

Quando teria Alexandre Ferreira terminado os seus estudos em Mato Grosso?

Beaurepaire Rohan fixa em 2 de Outubro de 91 o inicio de sua viagem pelo Guaporé, aguas abaixo. Não ha porque duvidar da informação, transmittida por quem se mostrava pontual no que incluia em seus "Annaes de Mato Grosso".

Escasseiam, dahi por diante, os documentos relativos á "Viagem Philosophica" do naturalista, a quem se depararia, em Belem, inesperado azo de exhibir a sua individualidade singular.

Lá encontrou o correspondente, Capitão Luiz Pereira da Cunha, que se dizia empobrecido pelos extraordinarios gastos, a que o forçara a remessa a Lisboa das amostras colhidas pela expedição, em cujo desembolso ainda permanecia, surdo o governo ás suas instantes reclamações.

De tal maneira a divida official, pela prolongada insolvencia, lhe abalara as finanças, que nem possuiria mais com que dotar a sua filha, a quem se fechavam destarte as possibilidades de rasoavel consorcio. "*Isso não servirá de embaraço a seu casamento, replicaria o naturalista, consoante a versão registrada pelo seu panegyrista na Academia de Sciencias ; eu serei quem recebe sua filha por mulher*".

E, de feito, aos 26 de Setembro de 1792, desposou D. Germana Pereira de Queiroz, predestinada a sobreviver-lhe.

Seria, porem, essa, ou, por outra, somente essa a causa do encerro da vida solitaria de Ferreira, e o inicio de outra, em cujo decurso ignoramos si lhe correu de completo agrado o convivio?

O gesto envolve-o em halo de romantismo, que não poderia ser de imitação, pois a onda romantica, por essa epoca, não entumecera ainda, a ponto de actuar nos costumes e decisões da seguinte geração.

Derivaria de sua probidade, sobranceira á pobreza, e sentimento visivel de justiça.

Si fôra o causador, mal a seu grado, da ruina financeira do amigo, que lhe servia de intermediario na remessa dos volumes destinados ao Gabinete de Historia Natural, parecia-lhe justo indemnisa-lo, por modo condigno, offerecendo a sua pessoa, já que não dispunha tambem de reservas pecuniarias com que resarcisse as avultadas despesas realizadas por ordem sua.

Tal a tradição que nos transmittiu M. J. Maria da Costa e Sá. Não obstante, ha certos indicios que poderiam inspirar ao naturalista a mesma escolha, independente da necessidade de reparar, pelo matrimonio, a insolvencia do governo lusitano, em cujo nome expedia os productos recolhidos ás pressas.

Em varias de suas monographias, acabadas annos antes, o nome de Luiz Pereira da Cunha salteia-nos a cada passo, mais do que outra qualquer pessoa. E' elle que tem um oratorio particular em Belem, o organizador de dous pesqueiros em Manguary e Carutapera, preparador de cal, obtida de conchas, o possuidor do melhor engenho de beneficiar arroz, na ilha de Cutijuba, e de canoa de transporte de gado de Marajó. O espirito empreendedor, que patenteava, como industrial progressista, attraia a sympathia do naturalista, desde os primeiros tempos da expedição, a ponto de ser escolhido para receber os productos, que lhe viessem endereçados do interior do Rio Negro, ou Guaporé, e encaminhal-os a Lisboa.

O desempenho cabal, que dera á incumbencia, a despeito do atrazo progressivo da pagadoria lusitana, tornara-o merecedor de rasgados gabos, com que Ferreira lhe inscreveu o nome entre os abnegados cooperadores do desenvolvimento das sciencias naturaes.

Entre ambos havia, pois, motivo sufficiente de aproximação, que facilmente explicaria possivel afeição do naturalista á filha do seu admirador prestadio, cujos encantos perceberia augmentados pela valia paterna.

Aliás, as difficuldades financeiras do capitão Pereira não provinham exclusivamente do custeio dos despachos para Lisboa, a que fôra obrigado, por agradar ao amigo, antes derivavam da multiplicidade de suas industrias, nem sempre lucrativas.

A este ponto vem a carta de Ferreira a Frei A. Baptista Abrantes, por intermedio de quem fizera sciente ao conselheiro Jacintho Fernandes Bandeira, "que por fallecimento do meu sogro, o Capitão Luiz Pereira da Cunha, contractador que foi dos Reaes Pesqueiros, na Capitania do Pará, ficou a sua casa alcançada com a Fazenda Real em onze mil e tantos cruzados" cuja divida se acha quasi amortisada pela pontualidade dos pagamentos das annuidades de 600\$000, acceitas por despacho do Príncipe Regente que desta maneira facilitou a solvencia de velhos compromissos.

Outros, porem, ainda havia, na importancia de 4:648\$000, de que era credora a Companhia Geral do Commercio.

"Quizera eu obsequiosamente, continuava o naturalista em sua carta de 16 de Setembro de 1802, devesse a graça de ordenarem aos seus administradores do Pará, que na cobrança daquella divida particular, procedam elles com minha sogra D. Guiomar Joachina de Queiroz e Oliveira, assim e da mesma sorte que mandou o Príncipe Regente, N. Senhor, proceder com ella a respeito da Real Fazenda." Propunha, então, a mesma contribuição an-

nual para amortizar a obrigação contrahida com a extinta companhia, cuja liquidação ainda perdurava.

No total da ultima dívida averbar-se-iam acaso as parcelas referentes ás remessas de productos naturaes da expedição, que, em tal hypothese, não teriam sido saldados com as economias constitutivas do lendario dote nupcial. Como quer que seja, porem, á mingua de outros documentos esclarecedores, ou informações fidedignas, que nos pintem o naturalista, já entrado nos 36 annos, enamorado pela donzela, que revia, após ausencia de longo septennio vivido atarefadamente, em meio de provações de toda laia, continuará a propagar-se a versão, divulgada por Costa e Sá no ambiente sereno e douto da Academia das Sciencias.

Parada fecunda

Emquanto permaneceu no Pará, antes ou depois do casamento, não cessou Alexandre Ferreira de adiantar as suas pesquisas.

Ahi teria provavelmente ultimado o escripto acerca das *Enfermidades endemicas da Capitania de Mato Grosso*, para acudir ao soffrimento humano, e iniciado outro, que datou de 24 de Abril de 1792, em defeza dos direitos de sua patria, com o rotulo de "*Propriedade e Posse das terras do Cabo do Norte pela Coroa de Portugal*".

Este, mais do que o outro, fugia-lhe á especialidade, mas lhe deu ensanchas de por á próva a sua agil dialectica, esteiada em forte cultura, para provar "que as terras do Cabo do Norte, sitiadas entre o Rio das Amazonas e o Oyapock, ou Vicente Pinzon, são privativas da corôa de Portugal".

A these que lhe coube sustentar exuberantemente se mostra de direito e de facto.

De direito principia, convicto, pois que "foi adquirida por *descobrimto e conquista*; confirmado pelo *consentimento dos naturaes*; sustentado pelas despezas da corôa; *reconhecido e ratificado* entre Portugal e França, pelos *Tratados*".

Ahi já se indicam os assumptos dos quatro titulos, em que subdividiu a primeira parte da sua exposição, referente á conquista, á cooperação indigena, ás bemfeitorias reaes, aos convenios de limites, em cada uma das quaes

alinhou os documentos que lhe proporcionaram os archivos e chronistas dos tempos idos.

E, lembra, “desde que se descobriu o Rio das Amazonas e a sua costa do Norte, como conquista sua a consideraram e dispuzeram della os Senhores Reis de Portugal”.

“De facto, sempre que se introduziram os Extranheiros, se lhes oppuzeram os Portugueses e os expulsaram della”. Apontado, nestes excertos, o arcabouço da sua argumentação, merece lida integralmente a monographia de Ferreira, uma das raras trazidas a lume, pela Revista do Instituto Historico, tomo 3º em que se estadeia o seu patriotismo e amor entranhado ás pesquizas, até em materia extranha á sua profissão.

A opulencia de factos, em que se baseia, não será integralmente do mesmo uniforme quilate, mas lhe espelha a agilidade intellectual, capaz de enfrentar as mais dispaes questões, como essa que lhe teria commettido o Capitão General do Pará, F. de Souza Coutinho, conforme consta de referencias de pesquisadores varios. De mais a mais, não havia ainda Joaquim Caetano da Silva gravado em seu classico *L'Oyapock et L'Amazonie* os fundamentos incontrastaveis de direito, anniquiladores das pretensões francezas, e nenhuma outra obra se apresentava, então, comparavel á de Ferreira, na sustentação da these lusitana, a que ainda tornaria mais de uma vez, com incoercivel sentimento patriotico, crescente com a idade.

A pororóca

Não tinha ainda Ferreira contemplado o phenomeno portentoso do assalto do rio pelas aguas de jusante, denominado *pororóca*, entre o gentio, e já se lhe avisinhava o termo da estadia no Brasil, quando resolveu ir observalo de perto.

Pela tarde de 20 de Abril de 1792, fez-se ao largo, no porto do Pará, em demanda da fazenda S. Domingos, a 16 leguas, proxima á confluencia dos rios Guamá e Capins, onde fundeou no dia seguinte.

Faltava apenas um quarto de hora para a meia noite, quando rumor soturno annunciou a aproximação da primeira onda, alta de duas braças, que se bipartiu pelos dous rios, arrasadora e trovejante, como si pretendesse tudo subverter. E, de feito, nada lhe resistia aos embates da dynamica portentosa, embarcações, nem plantas marginaes, animaes, nem construcções ao seu alcance.

Era a propria Natureza em furia, que alardeava o seu poderio desafiador do esforço humano.

O indio, assustado e impotente, deu-lhe o nome de *paraná pororoca*, equivalente a *mar arrebenta*, para melhor exprimir o seu pavor, diante da explosão gigantesca do mar, que transmontava os rios, pela bocca immensa do Amazonas, e ia entumescer-lhes o volume, de repente.

Como aos corcovões alteava-se nos baixios, ao maximo, para afundar-se nos peraus, em cujo seio parecia repousar.

Mas, transpondo-os em segundos, grimpava de novo, ululante, e veloz avançava, como em aposta a invisível cavallo a toda disparada.

Não se contentou o naturalista em testemunhar o phenomeno singular, e descrever-lhe as phases varias da successão. Lembrou-se dos que o precederam na contemplação dos quadros analogos, por outros sitios, desde João de Barros, que incluiu nas Decadas (IV — Livro 5 — Cap. I) o *macareu*, da enseada de Cambaya, a Pedro de Figueiredo Vasconcellos que recentemente o gravara em seu "Diario de Viagem" referente a Macapá. Também cita a proposito Diogo do Couto continuador das Decadas (VI Livro IV — cap. III) e no Brasil, Bernardo Pereira Berredo, em cujos *Annaes Historicos* teria lido a descrição da pororóca em Mearim.

Embora ligeiro esboço, debuxado ás pressas, quando tinha o pensamento empolgado por obra de maior tomo, *A Propriedade e Posse das Terras do Norte*, e que subscreveria na mesma semana, a *Memoria sobre a Pororóca do Rio Guamá* falta ao seu espolio literario, em que a incluimos, mercê de indícios vehementes de autoria. Aliás é a primeira vez que se lhe attribue tal escripto, acabado ao tempo de sua estadia em Belem e revelador de leituras, que não seriam communs entre os contemporaneos.

Regresso a Lisboa

Antes que findasse o primeiro mez da convivencia nupcial, em plena lua de mel, encerrou-se a actividade productiva de Ferreira no Brasil, de onde se afastaria, para não mais tornar, escoltado pela carta do Capitão General do Grão Pará Francisco de Souza Coutinho, que synthetizava as apreciações dos seus collegas, ao escrever ao ministro Martinho de Mello, em data de 15 de Outubro de 1792.

“Em o navio Principe da Beira, de que é commandante o Tenente Manoel da Silva Thomaz embarca o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira com os desenhadores José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, levando tambem os dois indios capitães das suas povoações, e que acompanharam esta expedição como Preparadores.” Estes iam pleitear recompensas á dedicação com que, em tão longa jornada, serviram intelligentemente ao naturalista, a respeito de quem, incisivo, conceituava o Governador: “difficilmente se encontrará Pessoa, que a tanto talento e merecimento una tão boas qualidades; a todos deixa sentidos da sua ausencia.”

Esse, o homem que tornava a Portugal, em momento de terriveis convulsões politicas e sociaes, que lhe iriam embaraçar o proseguimento da missão scientifica.

No Museu

Como teria sido Ferreira acolhido pelos seus collegas, e pelo governo, ao cabo da trabalhosa commissão?

No que mais importa, informa o professor J. V. Barbosa du Bocage, em sua obra: "*Instrucções practicas sobre modo de colligir, preparar e Remetter productos zoológicos para o Museu de Lisboa (1869)*".

"A tradição refere que o Dr. Alexandre encontrára, ao regressar ao reino, os exemplares que colligira á custa de tantas fadigas e remettera com o maior desvello para o gabinete da Ajuda, deteriorados na maior parte, e confundidos todos, perdidos ou trocados os numeros e etiquetas que traziam.

Accrescenta ainda a tradição que não fôra isto effeito do acaso, ou do desleixo, mas obra premeditada da mais ruim maldade, planeada e levada a effeito por um empregado do gabinete da Ajuda, a quem o crime dos talentos do nosso grande naturalista, e porventura a esperança de o desgostar promptamente de uma posição no museu que ambicionava para si inspirava essa torpissima acção." Certo, merece integral acatamento a palavra do sabio "lente de zoologia da Escola Polytechnica" e admirador do naturalista bahiano.

Seria, porem, inteiramente verdadeira a tradição, que lhe chegou ao conhecimento, mais de meio seculo após a occurrencia, a que se refere?

A troca de etiquetas, embora causasse augmento de serviço no ajustal-as de novo aos espécimens respectivos, não desnortearia um colleccionador do feitio de Ferreira, que fazia acompanhar todas as remessas de productos naturaes de notas explicativas, não raro accrecidas de desenhos.

Facilmente, poderia identificar tudo quanto lhe tivesse passado pelas mãos, ainda que se apresentassem modificados os rotulos, ou perdidos de todo.

A deterioração de parte da collecção é provavel occorresse independente da collaboração da maldade humana. Nas memorias parcelladas, encontram-se, por vezes, noticia de especimens, que se corromperam, por defeito de processo de conservação.

Seria de maravilhar que transposto o Atlantico, em ambiente diverso, nenhum estrago experimentassem os milhares de exemplares colhidos á luz tropical.

As picuinhas, com que o teria espicaçado a rivalidade ambiciosa do forasteiro, errariam o alvo, si, de facto, visavam prejudicar-lhe as collecções opulentas. Aliás, bem que nomeado, logo de chegada, "Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e dos Dominios Ultramarinos", em Janeiro de 93, uma das suas primeiras tarefas consistiu no arrolamento do que possuia o Real Gabinete de Historia Natural com as suas dependencias.

Ultimado a 8 de Novembro de 1794, o *Inventario* (108) lhe patenteia o minucioso espirito de exacção, a que não escapava minudencia alguma.

Ahi enumerou 96 mames, inclusive 20 macacos indetermindados, 1250 aves, em cujo numero figuravam 126 do Brasil, 601 amphibios, 1230 peixes, taboleiros de insectos, vermes, 224 plantas da America *ainda não examinadas*, mudas recentes, e quanto havia no museu.

A bibliotheca enthesourava somente 307 volumes, em que se incluiam os nomes de Linneu, Buffon, Pison,

Lavoisier, Romé de Lisle, além de outros que se tornariam afamados (109).

Mais interessante, sem duvida, a casa de Desenho, em que balanceou :

1015 desenhos feitos na expedição do Pará,
24 desenhos feitos na expedição do Angola,
16 desenhos feitos na expedição do Moçambique,
1048 desenhos feitos de varias procedencias.

Basta o confronto destas cifras para realçar a contribuição de Ferreira, incomparavelmente superior, em quantidade, a dos collegas, contemporaneamente enviados a outras colonias.

Quanto á qualidade, difficilmente se encontraria, em Lisboa, quem melhor fixasse em papel a figura de plantas e animaes brasileiros, com perfeição igual á dos desenhadores J. J. Freire e J. J. Codina (110) cuja intelligente collaboração jamais deixou o naturalista de pôr em relevo.

Todavia, a chefia era de sua exclusiva responsabilidade, bem como o exemplo de operosidade inaccessivel ao cansaço, a que deveu o Museu a colheita opulentissima, causa da sua desdita.

Recompensas officiaes

Mercê dos trabalhos, que apresentára, ao regressar, Ferreira obteve (111) a concessão do "Habito de Christo com sessenta mil reis de tença", e, em seguida, a incumbencia de balancear o que houvesse de aproveitavel no Museu, cujo administrador, Julio Matiazzi, succumbira.

Do pontual desempenho dado á commissão, de que se causou o "Inventario" já referido, resultou-lhe a 11 de Setembro de 95 a nomeação de Vice Director do Real Gabinete de Historia Natural, Jardim Botânico e estabelecimentos annexos.

Sobejava trabalho para uma só pessoa, como sempre lhe acontecera, sem que siquer pudesse descuidar-se de preocupações financeiras do seu lar.

Ao revez, o desinteresse, de que dera anteriormente provas tamanhas, não logrou suffocar-lhe o grito de angustia, que por duas vezes deixaria gravado em minutas de requerimentos.

Da primeira, abria-se com o parente frei Bartholomeu Rodrigues Ferreira, "conego na Sé de Leria", por intermedio de quem pleiteara majoração dos seus vencimentos em relação aos de Matiazzi, que percebia 480.000 por anno, alem da garantia de casa e pão (112). De outra feita, já decorridos eram mais cinco annos, e exausto se mostrava o seu mealheiro, em que metterá, imprevidente, as mãos, para suprir as deficiencias das verbas, que o erario real destinára ao custeio das suas investigações

scientificas. Urgia atalhar a continuação do regimen deficitario, que, porfim, o levaria á velhice empobrecida (113)

O governo atravessava penoso periodo, chamuscado pelas fagulhas do brazeiro napoleonico, motivo da final desgraça do naturalista, que tentára atalhar o seu padecer, no exercicio de cargos, que lhe roubavam o socego, necessario á terminação das pesquisas scientificas, de que abria mão, para viver menos aperreado.

A' sciencia dera quanto lhe fôra possível: a mocidade promissora, afogada nas florestas humidas, a vida, mais de uma vez ameaçada de sossobro, a liberdade, encadeada ás restricções impostas pelo matrimonio, conforme depoimento de seu panegyrista e contemporaneo, o legado paterno, que se exgotára.

Amofinava-se ingloriamente, sem adiantar as suas classificações, assoberbado, como se achava, pela corveia das attribuições multiplas, de ordem economica.

Pleiteou, então, um lugar na Alfandega de Pernambuco, rendoso bastante para lhe suavisar as aperturas financeiras, que o molestavam (114).

O infortunio, porem, já lhe renteava os passos, para o molestar no proprio posto de gloria, convertido em pelourinho moral.

Ultimos pareceres

Não obstante opprimido pelas insuficiencias financeiras do seu ganho e do erario, que não lhe permittiam utilizar-se convenientemente do material riquissimo, colhido no Brasil, não se descurava dos problemas, que interessassem a Portugal e á sua maior colonia. Assim foi que, ao tratar-se, no limiar do seculo, da terminação das hostilidades que repercutiram nas terras americanas, poz-se em contacto com os governantes, para lhes offerrecer quanto sabia a respeito.

A José Egydio, mostra a configuração da costa septentrional, que pretendiam os franceses cortar como em roupa sua (115), mas reserva o melhor da argumentação para apresentar ao grande ministro da epoca, D. Rodrigo de Souza Coutinho, successor de seu inesquecível amigo e protector, Martinho de Mello (116). De começo, lisongeia o estadista na carta de 2 de Junho de 1801, quando lhe constou que se negociava a "Paz de Portugal com a França".

"Por ellas (copias de cartas geographicas, tiradas pelos desenhistas do Museu), é que se pode calcular quanto arriscamos, cedendo o Araguay; se é verdade o que se diz cá por fóra, que os Francezes pretendem aquelle rio. Nesse caso, adeus Praça de Macapá, e com ella toda a margem boreal do Rio das Amazonas. Adeus Ilha Grande de Joannes, e com ella toda a subsistencia dos moradores da cidade do Pará. E adeus os indios,

negros escravos e descontentes, “que teriam mais proxima a fronteira para a deserção.

Tal, porem, não aconteceria: “saibam os francezes, que o actual Ministro da Repartição de Ultramar não usa de oculos, porque não tem falta de vista ; pelo contrario, tão perspicaz a tem elle, que assim de dia, como de noite, tanto lê ao longe, como de perto”.

Era, em verdade, intelligencia aberta ás grandes ideas, a quem o naturalista poderia ousar submeter a sua opinião, que estouraria, á guiza de bomba de escandalo. “Sacrifique Portugal embora dos outros Dominios, que possúe nas outras partes do mundo, aquelle, que lhe parecer, sem exceptuar ainda mesmo alguns dos que tem na Fronteira deste Reino, porque aqui na Europa, correndo as cousas como correm, nunca Portugal se graduará na Escola Política das Nações, se não de uma Potencia da ultima ordem. Porem ahi no Brasil ainda na ultima extremidade de ser obrigado a refugiar-se nelle ; ali, digo eu, mutatis mutandis, tem Portugal sobejamente com que vir a ser um florentissimo Imperio”.

Taes conceitos, expostos, sem temor, por um brasileiro, que suggeria a vantagem do sacrificio territorial do Reino, para evitar a minima cessão de terra na Colonia americana, que se lhe afigurava base esplendida para o soerguimento do Imperio lanhado pelas garras napoleonicas, valeriam para ainda uma vez por-lhe de manifesto o acendrado patriotismo e a visão penetrante.

E o absolviam cabalmente dos pecados veniaes d'outrora, perpetrados por inspiração do seu systema de economia colonial, que subordinava industrialmente o Brasil a Portugal. Agora, o scenario europeu, da vasta fornalha, que a Revolução ateára, em sua ausencia, modificara-lhe as idéas. Lobrigou o futuro das circunscipções constitutivas do Imperio, e não teve duvidas em proclamar a supremacia natural do Brasil, fadado a reanimar o Reino agonizante. O assumpto, fóra de sua alçada,

empolga-lhe a atenção, como si fôra conselheiro privado da Chancelharia.

Assim, a 15 de Setembro de 1802, volta á carga, pela derradeira vez, ao que nos consta, para escrever de novo a José Egydio :

“A inclusa é uma copia da Memoria, que escrevi e remetti a S. E. o Snr. Dr. João de Almeida, para servir de Demonstração do Direito e Posse das Terras, que cedemos, as quaes fiz configurar em duas cartas topographicas, do Alto e Baixo Amazonas.

“A verdadeira demonstração, não padece duvida, que eram 50.000 homens, em campo ; e que esses temos nós porem creio que em Mappas, e sobretudo nos Livros da Thesouraria da tropa.

“Esperemos, pois, pela hora da Seção, que dizem, que todo o Leão a tem, e então veremos se lhe despontamos as unhas, para nos não sarjar tão profundamente como faz, com ellas agudas”.

Maravilha como pudesse ainda occupar-se, com ardor, e clarividencia, das magnas questões da nacionalidade, e apontar soluções rasoaveis quem já por essa epoca vivia atanazado de tribulações, que lhe desequilibravam o orçamento domestico e lhe impediam o proseguimento de trabalhos scientificos (117). Delle se conhece, então, somente a classificação do *Simia Mormo*, da India, que datou do ultimo dia de 1801.

Dos animais brasileiros, da sua colleção, nenhum lhe recebeu a etiqueta definitiva, que o fizesse ingressar, pela sua mão, nos dominios da sciencia universal?

Porque ?

Nas garras do Leão

Não havia soado a hora sezonal do corso, propria á desforra.

Ao revez, expandiam-se as marcas leoninas pela Europa inteira, salvo a Inglaterra, que a espada de Nelson preservou do jugo ominoso.

Entre os dous inimigos implacaveis, a um canto do continente napoleonizado, a que precisava unir-se politicamente, mas sujeito ao arbitrio dos marujos victoriosos, para as ligações com as colonias mantedoras de sua vida economica, Portugal oscillava, irresoluto, ora pendendo para a terra, ora para o mar.

Governado por uma Rainha, enlouquecida desde 1792, e, em seu nome, pelo filho, cuja mulher acariciára a hypothese de obter-lhe a interdição por motivo analogo, reflectia-se no scenario politico a mesma abulia domestica do Principe, e frouxa irresolução, de que Bonaparte não deixaria de estar bem informado.

Si não tivera o usurpador maiores condescendencias, com outras testas coroadas, que lhe acceitaram o desafio, e saíram a campo, dispostos a rechassar-lhe as legiões, embora sem exito, porque haveria de poupar o tradicional alliado da Inglaterra, cujos actos de hostilidade aos velhos amigos, ditados de Paris, pareciam simulados?

Não titubeou em condemnal-o á pena ultima, pelo ajuste de Fontainebleau, que prematuramente repartia

entre os contractantes a pelle do urso, ainda vivo. E mandou, a toda a brida, Junot preparal-a, ao fim de espectacular passeiata militar.

Não contava, porem, com o passo magico do animal astucioso, nem com a cautela de Lecor, alviçareiro nuncio da invasão, que logrou esbarrar na fronteira, graças á ponte, que destruiu oportunamente.

Sabe-se não foi pequeno o desapontamento do conquistador, ao vêr-se burlado pelo mais fraco dos governantes europeus, o unico sangue azul do continente, que lhe escapou das garras.

A esquadra luzitana, que se conservava de promptidão, com intuitos oppostos, mobilisou-se apressadamente, e recebeu a população, que se desterrava, com a sua côrte, para não soffrer o dominio estrangeiro.

“Oito navios de linha, quatro fragatas, doze briques”, além de cargueiros e mercantes, acolheram os fugitivos, que iam atabalhoadamente, acompanhando o seu governante, que, ao pisar o litoral brasileiro, recuperou a voz, para responder ás provocações napoleonicas, do “seio do novo imperio que vou criar.”

Ao seu lado, a fidalguia em peso, os funcionarios, quantos tiveram tempo de embarcar, na lufa-lufa precipitada, em que julgavam perceber o toque de avançar da vanguarda de Junot, applaudiam-lhe o desafio endereçado ao dismantelador de thronos. Do sequito real, todavia, esmado em 15.000 pessoas, não participava quem se mostrára tão hostil ao imperialismo de Bonaparte e estrenuo apologista da integridade do Brasil, que offerencia séde magestosa á Monarchia, onde poderia ella reflorescer e agigantar-se. Alexandre Rodrigues Ferreira não desprezou Lisbôa, nem o seu museu.

Porque, não se sabe ao certo.

Não seria apego interesseiro ao cargo, que de uma feita pretendera deixar.

Provavelmente, por imposições moraes do dever a cumprir, quando exaltados lisboetas se apressuravam em metter-se no bojo dos navios em fuga.

Não arredou pé do seu posto de trabalho, onde iria soffrer a mortificação maxima, praticada em nome da sciencia, a que se consagrara.

Saque scientifico

Cortezão da sciencia, a que não pudera consagrar-se apesar do seu genio inventivo, provado, de preferencia, em actividade destruidora, Napoleão comprazia-se na companhia dos sabios, de que habitualmente se rodeava nas longas expedições.

Desde quando a caminho do Egypto, a bordo do navio "Oriente", os seus projectos de conquistador não o impediram de palestrar frequentemente e a gosto com homens como Berthollet, o grande chimico, Monge, e outros, que lhe constituíam o sequito notavel, do porte de Conte "que levava todas as sciencias na cabeça e todas as artes nas mãos", consoante expressivo testemunho do fundador da geometria descriptiva. De outras vezes, artistas e cientistas seguiam a victoria das suas legiões, para dar cunho scientifico ás requisições. Para Lisboa, nas pegadas de Junot, que mal chegaria a tempo de avistar, do alto, a frota, que salvara a familia reinante, e a maior parte da fidalguia lusitana, seguiria, feito ditoso colleccionador, Geoffroy Saint-Hilaire, com programma vasto de pilhagem.

Munido de ordens formaes do proconsul, de 3 e 12 de Junho e 1 de Agosto de 1808, apartou no Gabinete de Ajuda quanto lhe foi do agrado.

Jamais naturalista algum lográra, em dias de mais activa colheita, ajuntar collecções tão preciosas, como lhe proporcionara a invasão de Portugal. Si, aliás, o

reino fôra conquistado na sua totalidade, que mal haveria na transferencia de uma de suas repartições, para o "Jardim de Plantas" de Paris?

O olhar sagaz do emissario do usurpador não tardou em descobrir tudo que lhe convinha e era o encanto de Ferreira. Separou sem detença (118)

	76	exemplares	de	mammiferos
387	„	„	aves	
32	„	„	reptis	
100	„	„	peixes	
508	„	„	insectos	
12	„	„	crustaceos	
468	„	„	conchas	

1583 exemplares ao todo.

e mais

59 mineraes

10 fosseis

como tambem, 1 herbario feito por Ferreira, com 1114 plantas

1 herbario de J. J. Velloso

8 herbarios de diversas procedencias.

Nem sequer refugou os manuscriptos, com os quaes acabou de acogular o surrão de saqueio, para conhecer, mais tarde,

Flora fluminensis, 11 volumes de Velloso

Projectura fluminensis — 2 vol. de Velloso

Specimen florum americana meridionalis

Plantas do Pará — 1 vol.

Lepidopteri profectione fluminensis — 1 vol.

Vandelli, director, não lhe conseguiu embargar a depredação officializada, a que Ferreira, seu immediato, assistiu, extuporado.

Traumatismo incuravel

Era o golpe derradeiro, com que a desdita lhe dava remate á abnegada actividade scientifica. Sonhara, nos longes da sua mocidade, laurear-se de glorias, em serviço da sciencia, a que se consagrára.

Por honral-a, desprezou as vantagens e conforto de uma cathedra da Universidade, para se embrenhar em florestas invias, onde mais de uma vez a morte lhe roçou os flancos.

E desinteressadamente completára, com o seu peculio particular, a verba insufficiente, que lhe reservara o governo ao custeio da expedição.

Sofrera, por longo decennio, provações de toda casta, que lhe alteraram a saúde, sem lhe dobrar a altivez innata. Empobrecido, concentrava-se nas suas occupações de funcionario zeloso, que lhe não davam ensejo de completar no gabinete os estudos iniciados no campo.

Atenção voltada sempre para os assumptos predilectos, não desistia de poder algum dia revelar o resultado das suas investigações, em que proseguia silenciosamente.

A penuria do erario regio, porem, não lhe facultára ensejo de publicar sequer as suas memorias, que de continuo retocava, esperançado de algum dia leval-as ao prelo. Nem lhe proporcionava meios de apressar a classificação dos exemplares colhidos no Brasil, fossem de animaes, ou de plantas.

Mal se lhe deparava azo de reter as características dos que sumiam, como praticara com o *simia mormon*, quando morreu o exemplar recebido da India.

Trabalhava, todavia, com o mesmo ardor, para, no tocante á sua jurisdição, sanar as falhas, com que se escusou em carta a D. João de Almeida, de lhe não poder attender aos pedidos de mudas, como desejaria.

“Por outra parte, ha de V. E. saber que de Plantas raras das nossas colonias, está muito falto este Jardim; e que para esta falta concorrem muitas causas physicas e moraes, não sendo esta a conjunctura mais favoravel de remediar os descuidos de muitos annos” (119).

Não suspeitaria jamais, porem, que tivesse de presenciar o confisco das suas plantas conservadas com tanto empenho, e bicharia exotica, antes que pudesse inseril-as em logar competente, das classificações naturaes, com o rotulo devidamente alatinado.

Iam como presa de guerra, escolhida a preceito por quem sabia avaliar o que representava para a nomeada de um naturalista a raridade da colheita realisada no decurso da “Viagem Philosophica”.

Ingressariam, certamente, nos annaes da sciencia, mas levadas pelo usurpador, que só as vira, depois de ordenadas nos herbarios, ou empalhadas cuidadosamente, sem experimentar nenhum soffrimento, que só a colheita directa, no respectivo habitat, causara aos colleccionadores arrojados, cujo nome se apagaria.

Ferreira sentiu o golpe fatal, que lhe vibrava o leão, a respeito do qual gracejára, esperando-lhe “a hora da sezão”, e não teve forças para resistir ao traumatismo, que se lhe seguiu.

Autor fecundo, a penuria do reino condemnou-o ao ineditismo. Colleccionador diligente, perdera boa parte do que reunira por montes e valles desertos.

Pesquisador sagaz, as obrigações administrativas dos encargos, que lhe dera o governo, aproveitador, até o

abuso, da sua competencia, não lhe abriam vaga para terminar as suas classificações.

E, por ultimo, via-se irremediavelmente esbulhado, por deliberação irrefreavel, do material, que, em vez de lhe servir de pedestal, iria alicerçar a gloria do expoliante. Tanto esforço, desde os bancos universitarios, tanta dedicação ao estudo, tanta provança, desfechavam summariamente naquelle inesperado lance inglorio.

Faltou-lhe, então, o heroismo, para enfrentar resignadamente o infortunio, como patenteava em outras quadras adversas, quando tudo esperava do futuro.

Desgostou-se da vida, cuja finalidade malograra, e do convivio social, que mal suportaria.

Raramente dahí por diante dá que falar de si, e quando o faz, não encobre o pessimismo que lhe corróe a intelligencia.

A certa pessoa, de alta categoria, que lhe solicita o concurso para a aclimação do chá em Portugal, atalha, rudemente, no dizer de Costa e Sá: "Não temos pão, e tratamos de chá".

A resposta revelava sem duvida o observador, que nenhuma questão encontrava desprevenido, e, mais incisivamente, o dom de epigrammas que se lhe desenvolveu e com o qual synthetisava, em breves palavras, o erro de uma doutrina, ou programma de trabalho.

Nenhum apego teria mais ao Museu, a cujos trabalhos entretanto provia, com a solitudine do funcionario exemplar. Assim foi que, no leito de agonia, ainda assignou a conta de despezas do anno encerrado, e momentos apóz emmudeceu definitivamente, aos 23 de Abril de 1815, sem ter alcançado as honras, a que fazia jus o seu talento.

Efeitos da pilhagem

Mercê do confisco summario, Geoffroy Saint-Hilaire logrou apresentar, aos leitores de suas obras, somente de macacos brasileiros, os que enumera E Goeldi.

1. - *Saimiris ustus*
2. - *Callitrix amictus*
3. - *Cebus cerrifer*
4. - *Cebus barbatus*
5. - *Cebus flavus*
6. - *Áteles marginatus*
7. - *Sagothrix canus*
8. - *Eriodes arachmoides*
9. - *Mycetis ursinus*
10. - *Mycetis niger*
11. - *Pithecia monachus*
12. - *Pithecia satanas*
13. - *Hapale jacchus*
14. - *Hapale aurita*
15. - *Hapale humeralifer*
16. - *Hapale leucocephala*
17. - *Hapale melanura*
18. - *Midas rosalia*
19. - *Midas labiatus*.

A quem tocaria a gloria da apresentação?

“Nós sustentamos, conclue Goeldi, que foi Alexandre Rodrigues Ferreira, o verdadeiro descobridor de nada menos de 15 especies novas”, e observa que o celebre colleccionador austriaco Johannes von Natterer só augmentou quatro especies novas durante a sua peregrinação de 18 annos no Brasil”.

Esse confronto, estabelecido por um sabio moderno, que penetrou nos segredos da Amazonia, feito director do afamado Museu Paraense, que lhe tomou o nome, basta para patentear o exito do esforço de Ferreira, a quem ainda averbou a prioridade na descoberta do

Dactylomystypus (roedor),

Crysocyon jubatus (lobo brasileiro), que Desmarest descreveu em 1820,

Inia Geoffroyi (boto).

Para a sciencia, trouxe vantagens a requisição que empobreceu o Museu da Ajuda, diria, mais tarde, o lente de zoologia da E. Polytechnica de Lisboa, J. V. Barboza du Bocage, que em 1860 obteve do governo francez rasoavel indemnisação, em colleções de outras especies, cuja escolha e cessão agradece a Izidro Geoffroy Saint-Hilaire, que substituiu legitimamente seu illustre pae, a Milne Edwards, e quantos procuraram desfazer a impressão gravada, meio seculo atraz, pela devastação systematica do estabelecimento lusitano destinado ao estudo das sciencias naturaes.

Prazo mais reduzido verificou-se na devolução dos manuscritos, que, por occasião da quêda de Napoleão, foram restituidos ao governo portuguez.

Espolio alexandrino

Desapparecido o naturalista a 23 de Abril, não tardou o governo lusitano em apossar-se-lhe dos escriptos, constantes do “Catalogo geral dos papeis pertencentes á viagem do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira aos Estados do Brasil, que me foram entregues por ordem do Illmo. e Exmo. Snr. Visconde de Santarem”, que se encontra na Bibliotheca Nacional, sob numero I—4, 1, 16.

Na enumeração das peças, que recebeu, Brotero mencionou, alem das monographias, que se guardam, no mesmo estabelecimento, outras cujo paradeiro ignoramos.

E ao virar a ultima pagina declara :

“Recebi da Illma. Snra. Da. Germana Pereira de Queiroz Ferreira todos os papeis mencionados neste catalogo para o Real Museu ; dos quaes me fez entrega a dita Senhora por ordem que para isso tem do Illmo. e Exmo. Snr. Visconde de Santarem. — Felix de Avellar Brotero”. (Com 4 testemunhas) (120). Destarte, os ineditos, que Ferreira zelosamente conservava consigo e porisso não foram apreendidos por Geoffroy, depositaram-se no Real Museu de Lisboa, onde continuaram desconhecidos.

Decorridos mais de vinte annos, requisitou-os, já em 1838, a Academia Real de Sciencias, para lhes aquilatar a densidade scientifica e promover-lhes a devida publicidade.

E Manoel José Maria da Costa e Sá, apontado para diligencia tão delicada, abriu-se em gabos ao desdítóso bahiano, cuja obra, não obstante preceder ás renovações dos estudos das sciencias naturaes, no começo do seculo, merecia posta em lettra de forma.

A boa vontade da Academia não chegou, porem, de concretizar-se em iniciativa pratica, por não lhe sobejarem recursos, com que pudesse custear a impressão das gabadas monographias.

Como tardasse a manifestação realisadora da actividade academica a respeito, Januario da Cunha Barbosa, com o entusiasmo communicativo de fundador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que anciava por demonstrar seu entranhado amor ás cousas nacionaes, interpellou a Drummond, que representava o Brasil em Lisboa e se confessava ao dispôr do gremio nascente, em nome de quem falava o seu devotado primeiro secretario.

Antonio Menezes de Vasconcellos responde-lhe, ao findar Outubro de 40, a carta de começo do anno, recebida em Agosto, com a qual tambem envia ao amigo o relatorio de Costa e Sá, referente aos trabalhos de Ferreira, para cuja publicação sugerira tres alvitres (121).

Não obstante, nenhum passo avançara a tentativa academica, “nem resultado algum haverá para o diante, affirmava o diplomata, pela simples rasão de que a Academia Real de Sciencias não tem os fundos necessarios para executar nenhum delles”. A rasão, em verdade, era das mais ponderosas... Sondára, por isso, em palestra, a opinião do Ministro do Reino, a respeito da hypothese de collaborar o thesouro brasileiro na publicação dos ineditos que pertenciam a Portugal.

Não insistira, porem, á vista da recusa terminante do outro, a quem se afigurava sobremaneira vergonhoso para os brios de Portugal acceitar o concurso financeiro de sua ex-colônia para tal fim.

Não tratára do assumpto em character official, nem o poderia fazer, á mingua de instrucções do governo brasileiro. Particularmente, não lhe custaria obter copia das memorias que preferisse, mas lhe faltava o tempo necessario á tarefa, que fatalmente seria demorada e imperfeita, e “sem utilidade alguma porque cortaria o nexo da viagem e observações scientificas que, tudo junto, caracteriza a grandeza dos trabalhos do Dr. Alexandre”

Sem duvida, resultariam desta carta, em que Drummond renova os seus offerecimentos ao Instituto, as providencias, em virtude das quaes o governo brasileiro resolveu tomar a incumbencia de divulgá-las entre os patricios, e delegou poderes ao seu ministro em Portugal para que as recebesse da Academia a que tinham sido confiadas para seguirem o caminho dos prelos.

No desempenho da missão, de character literario, que lhe seria tão de gosto, Drummond appoz-lhes a sua rubrica, depois de ennumerá-las.

E encaminhou-as para a Bibliotheca Nacional, onde Valle Cabral as folheou, para o seu valioso balanço bibliographico, estampado nos respectivos Annaes, tomos I e II, em que dá conta da singular dispersão das obras de Ferreira, levadas á “Exposição de Historia Nacional” por meia duzia de bibliophilos.

Memorias firmadas pelo autor, copias contemporaneas, notas autographas, “riscos” dos desenhadores, seus auxiliares, de tudo forneciam algum exemplar os expositores particulares, de quem a Bibliotheca aos poucos foi adquirindo quanto devia estar integralmente confiado á sua guarda.

Nem assim, todavia, conseguiu reunir, na totalidade, a bagagem literaria legada pelo naturalista, a que faltam contribuições insubstituiveis, á laia das “Memorias particulares”, embora outras figurem em duplicata, ou em maior numero de copias, de mistura com papeis de varias procedencias, pertencentes aos “archivos da viagem philo-

sophica”, e causadores de confusões aos modernos re-
censeamentos dos escriptos do polygrapho bahiano.

Assim, Arthur Motta, dos mais recentes e bem in-
formados dos seus biographos, averbou-lhe á autoria
128 composições, de differentes especies e quilates. Ainda
aquelles, que ao douto escriptor da Academia Paulista
de Letras fazem restricções á feição esthetica da sua
“*Historia da Literatura Brasileira*”, publicada em 1930,
não destoam em reconhecer-lhe a meticulosidade nas
pesquizas e pontualidade nas informações, que procurava
colher nas melhores fontes.

E por isso, a apuração, que registrou, corre mundo,
como da exacta bibliographia de Alexandre Rodrigues
Ferreira. Todavia, nesse lance, não lhe sobrou ensejo de
examinar pessoalmente os codices apontados em sua
relação, do contrario não acceitaria informes de prede-
cessores que, por sua vez guiados pela apparencia fallaz,
catalogaram como ensaios do naturalista muitas contri-
buições dos collaboradores expontaneos, que lhe facilitaram o conhecimento das particularidades da terra, cuja
exploração lhe competia realizar (122).

Revisão necessaria

Quem lhe relanceia o olhar pelo arrolamento á pagina 404 e seguintes, topará logo no numero 19, com o titulo "*Catalogo da verdadeira posição dos lugares abaixo declarados pertencentes ás capitánias do Pará e Mato Grosso - 12 pag. de vol.*"

O simples titulo gera suspeitas ao leitor, que não teve nenhuma informação relativa a trabalhos astronomicos de Ferreira, de cuja autoria, portanto, seria surpreendente que derivasse tal relação.

O catalogo da Exposição de Historia desataria qualquer duvida a respeito (123) ao mencionar a mesma obra, sob numero 27 :

Segue-se-lhe a "*Noticia da voluntaria redução de paz da feroz nação dos gentios Muras nos annos de 1785 a 1786.*"

Traz o numero 4 na relação autenticada pela rubrica de Drummond, embora nada mais contenha do que as copias, enfeixadas em volume, da correspondencia trocada entre o Capitão General e seus auxiliares, que participaram da victoria incruenta, que lembrava a ufania de Vieira, ao noticiar a Affonso VI o entendimento com os Nhengaibas, senhores da Ilha de Marajó, cuja alliança daria ganho de causa á pretensão hollandeza.

"Lá (na Europa), vence Deus com sangue, com lagrimas e com dôr da christandade, cá vence sem sangue, sem ruinas, sem guerra e ainda sem despezas". A pacificação dos muras, adversarios terriveis doutrota, fez-se

amistosamente, na administração de J. Pereira Caldas, que proporcionou ao viajante a copia portadora da documentação official.

Refere-se o numero 73 ao "*Roteiro das viagens do Pará até as ultimas colonias dos dominios portuguezes em os rios Amazonas e Negro*".

Em carta de 10 de Novembro de 1839 a J. Cunha Barboza, menciona Drummond esse manuscrito, que Fernandes Pinheiro citára, sem lhe denunciar o autor, nem data que em geral calavam os diversos exemplares existentes.

E acrescenta á guisa de informação :

"Eu possuo uma copia, que foi de Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal no alto da qual está escripto pela propria letra daquelle fallecido Ministro — *Autor o Padre José Monteiro de Noronha*, Visitador e Vigario Geral da Capitania do Pará e Rio Negro em 1774". Quem conheceu Thomaz Antonio sabe perfeitamente que elle era incapaz de escrever o que não fosse verdade".

Excusava recorrer á palavra do estadista donjuanino, si fosse conhecida a memoria de Alexandre Ferreira (Mammaes), onde cita o "*Roteiro*" pelo seu autor, o Padre Joseph Monteiro de Noronha", entre as obras de que se valeu na elaboração de alguns dos seus ensaios. Tambem, o exemplar da Revista do Instituto, vol. II (1840), existente na Bibliotheca Nacional, contem, á margem, declaração manuscrita de algum sabedor, annulatória do equivoco de Costa e Sá, que arrolou a obra do padre *Noronha* entre as monographias do naturalista. O titulo citado em seguida. "*Memoria de alguns successos do Pará* — faz presumir autoria differente, se bem que nada possamos affirmar em definitivo, ao contrario do que se dá com o immediato, numero 75 : *Noticia da fundação do convento de N. S. das Mercês, da cidade de Sta. Maria de Belem do Grão Pará, extrahida do dito convento.*

Bem que Ferreira tivesse á disposição todos os archivos, administrativos, ecclesiasticos, militares, seria pouco provavel que se emmaranhasse por alguns delles, em busca da origem de suas instituições, com prejuizo da tarefa principal e utilitaria que lhe cabia cumprir. Quando o fizesse, porem, levado pela ancia de pesquisas em que se abrasava, certamente não empregaria expressões, mais apropriadas a algum chronista de burel (124) que lhe facilitou o historico do convento lendario.

A seguir, o numero 76 rotula-se de :

Noticia dos mais terriveis contagios de bexiga que tem havido no Estado do Pará, do anno de 1720 em diante, e poderia, sem duvida, proceder da penna do naturalista.

Era assumpto que se lhe enquadrava ás maravilhas na alçada, de investigador das condições sanitarias e de todos os aspectos relativos á vida humana. Não lhe pertencia, porem, tal "memoria" elaborada, provavelmente a seu pedido, em 85, por Theodoro Constantino de Chermont, então tenente coronel de engenharia, com exercicio na engenharia.

Era a segunda pessôa, em graduação militar, na Comissão Demarcadora de Limites, que João Pereira Caldas dirigia, feito "Coronel de Cavallaria dos Exercitos, do Conselho de S. M. Fidelissima, alcaide mor, commendador de S. Mamede do Proviscozo na Ordem de Christo."

Incumbido de ensaiar o aproveitamento das riquezas da flora local, Chermont relatou o resultado de suas experiencias a respeito da escolha de "madeiras para aduelas, da utilização de "caniços para espoletas", e de fibras da planta, cuja resistencia submetteu á prova. Dahi, a que se encontra mencionada adiante, 88 ; "*memoria sobre uma porção do cabo formado de casca de guambecima*", redigida pelo militar, que cedeu uma das copias ao naturalista.

A outra alta patente, Manoel da Gama Lobo d' Almeida, que iria concorrer para o florescimento da Capi-

tania, no decennio de seu governo, ao findar o seculo, deve-se a "*memoria sobre a lavoura de Macapá*" (numero 78 da relação) onde não constava a presença de Alexandre Ferreira, na epoca da respectiva elaboração, principios de 86.

O maior collaborador do naturalista, que por isso lhe dedicou elogios em profusão e agradecimentos a todo proposito, foi a maxima autoridade na Capitania do Rio Negro, o proprio J. Pereira Caldas. De sua penna brotou o que se intitula de : 84 — *Reflexões abreviadas sobre os principaes motivos que obstarão ao maior e desejado progresso da lavoura e commercio do Grão Pará.*

E tambem o numero 86. "*Supplemento sobre a guerra ordenada contra as nações dos indios que infestavam a Capitania do Piauí*", em cujo governo Caldas se notabilizou, entre outras iniciativas, pela perseguição aos indigenas fronteiriços (125).

O "*Roteiro da viagem de Mato Grosso*", 83, que A. Motta reúne á bibliographia do naturalista provavelmente será o que lhe serviu de guia, ao transmontar o Madeira, em que o precederam os astrónomos e engenheiros da expedição demarcadora.

A Bibliotheca Nacional possui o "diario ou roteiro" que elaboraram, na travessia do "Rio Negro a Villa Bella" (1—4, 4, 26) bem como o outro mais completo, a principiar de Belem (1—4, 4—29), constituido por indicações deste e do que escreveu o sargento mor João Vasco M. de Braun. Ambos foram rubricados por Drummond, que lhes não notou particularidade alguma.

Aliás, assim procedeu com o acervo da "*Viagem Philosophica*".

No desempenho da missão de caracter literario, contentou-se, para authentical-a, firmar o seu nome no alto da pagina da frente dos codices, depois de enumerar-os.

De raro em raro, quando se lhe afigurava conveniente, citava a data, em seguida a alguma declaração, como ocorreu ao assignalar o numero 41 (memoria sobre o esquerro) em que se lê "E' original da mão do autor Alexandre Rodrigues Ferreira. Lisboa 20 Janeiro de 1849 — Drummond". Salvo caso analogo, de facil identificação, nenhuma observação mais penetrante dediou ao espolio recebido, em que nem ao menos joeirou os ensaios alexandrinos dos escriptos alheios.

Porque não traziam assignatura alguma, como, aliás, era tambem costume do naturalista, foram todos de cambulhada inscriptos em seu nome. Os "Roteiros" citados, como outras memorias, merecem conhecidos, sem duvida, embora não tenham sido organizados por Ferreira.

A certeza de autoria alheia, na elaboração dos ensaios catalogados por Costa e Sá e seus incautos seguidores, nem sempre facil de provar-se, dilue-se em simples suspeitas, quando consideramos algumas outras a saber :

n.º 91 — *Relação de todos os bichos do Estado do Grão Pará, que se remetteram ás quintas reaes, pelo Sr. João Pereira Caldas, 1763—1779.*

Por essa epoca, achava-se ainda Ferreira em Portugal e não poderia, portanto, relacionar nenhuma remessa feita em Belem, quer de animaes, quer de plantas, como consta, logo adiante.

n.º 92 — *Relação das madeiras do Estado do Pará, de que foram amostras á Secretaria do Estado da Marinha, remetidas pelo Governador-Capitão General João Pereira Caldas.*

Proximo, segue-se-lhe o ensaio, numerado 94, com o titulo "*Virtudes, preparação e uso da raiz de caninana nas enfermidades venereas, tanto recentes como chronicas, que será, por ventura, do naturalista, ou mais provavelmente de algum cirurgião contemporaneo.* Somente o exame do codice em que não deitamos os olhos, poderá esclarecer a duvida. Assim tambem ocorre acerca do

numero 97. "Nota sobre a linha mandada tirar desde a foz do rio Jaurú até o de Sararé segundo o artigo 10 do tratado de limites" eshaustivamente discutido, antes da viagem do naturalista, por Luiz de Albuquerque, amparado nas explorações dos engenheiros e astrônomos, quando a taxou de inexequível e contraria ao proprio espirito do ajuste lindeiro.

Em iguaes condições, acha-se o numero 116 —

Alguns apontamentos sobre a Provincia do Pará, colligidos por J. J. Machado de Oliveira, que incluiu na sua miscellanea, varias copias de memorias de Ferreira.

Em materia de sua profissão, ainda se poderia indagar da paternidade do numero 99 "*Memoria sobre o lenho de quassia, extrahido das dissertações de Lineu* bem como o numero 100 "*Nomes vulgares de algumas plantas do Rio de Janeiro reduzidos ao triviaes do systema de Lineu, e da flora fluminense*, departamento em que se distinguira Vellozo, e 101, *Directorio que S. M. mandou observar no seu real Jardim botânico, museu, laboratorio chimico, casa de desenhos etc.* cuja data seria bastante para justificar alguma conclusão.

Seguramente, a relação, quando rectificada, soffrerá a diminuição de uma duzia de escriptos, que em nada prejudica a valia intellectual do naturalista, testemunhada por outros (126) de sua incontestavel autoria, que ainda aguardam occasião de vir a lume, não obstante o compromisso do governo brasileiro ao requisital-os da Academia lusitana.

E' divida que ainda permanece insolvente, a despeito de tentativas esparsas de edital-os aos fragmentos, conforme iniciou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sua preciosa revista, e Mello Moraes, quando as transcreveu, por longos trechos, na "*Chorographia do Imperio do Brasil*".

Juizo da Posteridade

A' mingua de provas do seu justo valor, pois que os escriptos que deveriam servir-lhe de credenciaes, jaziam aferrolhados nas gavetas archivadoras, privados da luz da publicidade, entraram os doutos a discutir a nomeada do malafortunado naturalista, cuja vida se pontilhára de modelares actos de renuncia e alto sentimento do dever a cumprir.

Primeira voz a pronunciar-se, Manoel José Maria da Costa e Sá ainda lhe era contemporaneo e consocio na Academia Real das Sciencias de Lisboa, onde lhe proferiu o panegyrico, impresso no tomo IV das respectivas "Memorias".

Em sua allocução, transbordante de admiração e sympathia pelo inditoso naturalista, foram abeberar-se todos quantos depois versaram o mesmo assumpto (127).

Pela amostra que veio a lume, aos fragmentos, avaliaram o acervo desconhecido, que não foi ainda considerado em conjunto.

Sylvio Roméro, que lhe lavrou a condemnação, para expulsal-o da historia da literatura brasileira, embora reconhecesse a injustiça dos factores que o mantiveram inedito, e, portanto, incapaz de exercer algum influxo no pensamento nacional, não lhe poupou louvores ao estylo, avaliados pelos excerptos que tomou á choro-graphia de Mello Moraes.

Provavelmente não lhe manuseou os codices, que lhe proporcionariam mais abundantes elementos de aquilação.

E menos o fizeram outros, que, para melhormente justificar os gabos, com que proclamaram a excellencia intellectual de Ferreira, appellidaram-no de Humboldt Brasileiro, expressão usada por Varnhagem em seu "Florilegio".

Entre os seus biographos, contam-se dous naturalistas, que tinham autoridade especializada para lhe avaliar o merito das obras.

Mas Barbosa du Bocage, que revelou particularidades até então ignoradas relativamente á missão pilhadora de Geoffroy, não encontrou mais, em Lisboa, os manuscriptos alexandrinos, que Drummond enviára ao Brasil, e não poderia, pois, opinar acerca da sua valia scientifica.

Coube a Goeldi examinar-lhe os ensaios publicados e proferir o primeiro julgamento de naturalista consummado, que elegera para campo de suas observações a mesma portentosa Amazonia, por onde Ferreira jorna-deou mais de uma centuria antes.

Empolgava-o a mesma ancia de devassar os segredos da terra mysteriosa, onde o seu predecessor penára por extenuante decennio.

A semelhança das occupações despertou-lhe a sympathia de que se embebe todo o ensaio consagrado ao desventurado bahiano.

Todavia, o seculo decorrido aperfeiçoara os meios de pesquisas e a systematica de que se utilizam os sabedores.

Os trabalhos de Ferreira afiguram-se-lhe, por isso, deficientes, quando não errados de todo, como ao incluir o jupará (*cercoleptés caudivolvulus*) entre os macacos nocturnos, em vez de rotulal-o de ursideo, e bem assim ao emprestar características suinas á capivara.

Provavelmente Goeldi não manuseou a monographia sobre os "mammas", em que Ferreira systematizou as suas observações Zoologicas. Se, antes, o jupará fizera companhia aos simios, ali se collocou mais proximo aos ursideos, entre a irára e o cachorro do matto.

E quanto ao maior dos roedores, si não lhe deu o lugar competente, tambem não o confundiu de todo com os "taiacús", dos quaes o afastou, para incluil-o no gen. hydrochoeris, em seguida á sp. "tapirus".

Não pretendemos, annotando Goeldi neste particular, attribuir a Ferreira criterio classificador, que pudesse prevalecer após analyses maismeticulosas de seus continuadores, esclarecidos por novas doutrinas.

Elle proprio, embebido dos ensinamentos do genial sueco, divergia, a espaços, do mestre, para reflectir acerca do coati: "Lynneu faz consistir a sua differença, em ser quasi fusca, e em ter a cauda de uma só côr. Porem, quanto a mim, semelhante differença não produz mais que uma variedade."

Em outras passagens, opina igualmente a seu modo, afastando-se do seu guia incomparavel. Erraria, sem duvida, si julgado á luz da sciencia actual, mas, para o seu tempo, os enganos seriam perfeitamente justificaveis, embora incorresse, por causa delles, em censura do sabio suiso, que lhe increpou igualmente de inexatos os desenhos, traçados por Freire e Codina, não obstante a excellencia do aspecto artistico.

Notam-se-lhes desproporções flagrantes, sentenciou, depois de gabar-lhes a apparencia.

"De assiduo colleccionador, conceituou por fim, deu manifestas provas, mas "o que deixou de manuscriptos seus sobre zoologia, botânica, é de pequeno calado scientifico."

Por mais temeraria que se afigure a intromissão de um leigo em materia julgada por sabio do quilate de E. Goeldi, ousamos embargar-lhe a sentença condemnatoria

dos conhecimentos scientificos de Alexandre Ferreira, algum dia equiparado, por outrem, a Humboldt.

Certo, a tamanhas alturas, em que se laureou de glorias o berlinense, não se elevou o bahiano, nem a fortuna lhe prodigalisou iguaes facilidades a uma carreira victoriosa.

Seria mais methodicamente desenvolvida a intelligencia do outro Alexandre, mas releva notar que, apesar de ter ouvido a Werner em Freiberg, e os professores da Universidade de Goettingen, e percorrido, em viagem de aperfeiçoamento de estudos, os centros intellectuaes mais afamados da Europa, não dispensou a companhia de Aimé Bompland, com quem transpoz o Atlantico, a bordo do "Pizarro", ao findar o seculo XVIII.

De Venezuela a Cuba, nos primeiros mezes, de Quito ao Mexico, exploraram quanto era proprio de attrair-lhes a curiosidade, fossem planuras apauladas, ou vulcanicos picos andinos, pelos quaes marinharam.

Mas, em meiado de 1804, regressava Humboldt á Europa, com a colheita de quatro annos de peregrinação, menos da metade da permanencia de Ferreira no Brasil.

Não obstante, o resultado só se incorporaria integralmente á sciencia, depois de dous decennios de porfiados estudos em Paris, onde não lhe faltaram collaboradores do naipe de Cuvier, Gay-Lussac, e outros, mobilizados em cada especialidade.

Mimara-o, desde o berço, a abastança, para lhe deixar o espirito livre de cogitações subalternas. Vivera entre sabios, que o animavam e ajudavam a proseguir nas pesquisas.

Contemporaneo dos renovadores de doutrinas explicativas dos phenomenos naturaes, avançara bastante em idade, para sobrancear na velhice verde, aos, conhecimentos da sua geração, que synthetizou no Kosmos — a "epopeia da sciencia", consoante a expressão glorificadora de Latino Coelho.

Alexandre Ferreira, ao revez, jamais recebeu auxilio scientifico de nenhum collega, nem lhe poderiam offerecer algum os dous "riscadores", que dedicadamente o acompanharam. E no Museu, a manifestação unica de competentes visou desvalorisar-lhe o trabalho, conforme depoimento do professor Barbosa du Bocage.

Não teve liberdade de acção, adstricto, como se achava, ás instrucções do Ministro e dos Capitães Generaes, orientadas por finalidade utilitaria. Não era um sabio, a cavalleiro de aperturas financeiras, como Humboldt, mas simples funcionario da Corôa, que delle exigia a applicação do seu saber em assumptos de immediatas vantagens. Maravilha até como pudesse, em meio das suas multiplas preocupações, enfadonhamente burocraticas, colligir achegas para as suas interessantes memorias.

As "participações", que lhe constituem o "Diario de Viagem", evidenciam a perda de tempo e de trabalho em cada povoado, por menor que fosse, cujas particularidades esmiuça, feito paciente recenseador de todos os seus haveres e aspectos.

Torna-se fatigante a leitura pela opulencia de informes, que, nas igrejas, minudenciam até o rol das alfaias e objectos de culto, com a precisa terminologia de sachristão.

O julgador abalisado, aliás, dahi deduziu uma das atenuantes a favor do viajante, cujas obras, todavia, não teria provavelmente conhecido, fora das paginas impressas.

Destarte, explica-se o julgamento, por ventura excessivo, que proferiu.

Si tivesse deletreado os codices alexandrinos, que não sumiram de todo, e se acham reunidos na Bibliotheca Nacional, teria certamente abrandado o seu parecer.

A monographia sobre os "Mammaes", a referente á "Marinha do Grão Pará", á "Agricultura", ás "en-

fermidades endemicas", a que trata do Rio Negro, do Madeira, a defeza dos direitos portuguezes ás terras do Norte, seriam sufficientes para alicerçar a nomeada de um ecologo, ainda mesmo que desaparecessem as memorias de menor tomo e até o Diario da viagem, a exemplo do que succedeu com as suas observações botanicas.

Maior não seria a bagagem legada por Azára, que, pela mesma epoca, explorou as regiões platinas, especialmente o Paraguay. onde penetrou em principios de 84, com os conhecimentos adquiridos na Academia militar de Barcelona.

Apezar do genio irritadiço, que lhe attribue André Lamas (128), mereceu os gabos com que o general Mitre lhe lembrou o concurso para o devassamento do valle paraguay.

"O nome de Azára, conceituou o polygrapho argentino, vinculado perpetuamente ao Rio da Prata, é uma gloria universal, mas o é principalmente das regiões, ás quaes consagrou vinte annos de trabalhos e de meditações, inspirado pelo amor da sciencia, pelo culto da verdade, pelo interesse que lhe inspirava a condição futura daquellas regiões".

Mais incisiva ainda é a opinião de Martin de Monssy, ao tratar da *Descripti6n Geographique et Statistique de la Republique Argentine em 1860.*

"Azara foi o primeiro homem que seriamente tratou da historia physica do Rio da Prata, e os resultados das suas viagens, publicados em Paris, em 1804, foram uma verdadeira revelação sobre essas regiões".

"Elle escreveu a sua Zoologia quasi completa, e as suas observações sobre as tribus indigenas foram as mais exactas até então publicadas.

"A historia natural, a economia politica e social, tudo foi tratado por elle e o seu livro foi, no fim do sec. XVIII, o repositorio mais minucioso mais instructivo e

mais pratico da America do Sul". Substitua-se Rio da Prata pela Amazonia, Azára por Alexandre Ferreira e continuará ainda verdadeiro o conceito elogioso.

Com vexatoria restricção, porem.

Azára teve a satisfactoria recompensa de ver as suas obras impressas em Paris, ao tempo em que lá estava, de regresso, Humboldt, ao passo que o malaventurado viajante bahiano, operosissimo em suas indagações, que espalhou por dezenas de ensaios preciosos, finou-se desesperançado de obter-lhes a impressão, e decorrido quasi seculo e meio após a sua peregrinação scientifica, ainda permanece inedito (129).

Raros lhe terão manuseado as principaes monographias (130), em que enfeixou suggestões acerca da geographia botanica, da influencia do habitat sobre o homem, da indolencia tropical, da necessidade imperiosa de methodizar os trabalhos agricolas e navegação indispensavel á conquista verdadeira da terra.

Avulta, feito sagaz anthropogeographo, antes de systematizada a anthropogeographia.

Certo, não se apresilhava aos preceitos da arte da composição.

Os escriptos, em geral, transbordavam da calha, em que se lhes moldou o titulo, tamanha era a opulencia das ideias, que lhe explodiam da mente fecunda.

Ninguém irá, sem duvida, orientar-se na actualidade pelas doutrinas e classificações, que, acceitaveis, talvez, naquella epoca, perderam depois o seu prestigio.

Mas, valiosas observações, que ousou exprimir, ainda hoje serão acolhidas com vantagem.

O proprio excesso de minucias, que derramou pelo seu "Diario de Viagem", um dos raros escriptos que vieram a lume, e ainda assim, ás prestações, em revista periodica, vale como exacto painel debuxado por miniaturista sagaz.

A sua admiravel erudição põe-se de manifesto a cada passo, ao estudar as questões que lhe interessassem de momento.

Quanto aos sentimentos escravocratas, de que lhe fazem carga, accitou, é verdade, o instituto do captivo dos africanos, empolgado pelas convicções generalizadas dos contemporaneos, com as quaes não rompeu.

Mas, em compensação, de quanta piedade humana se embebem os seus ensaios, ao profligar os abusos de que eram victimas os indios, que a legislação protegia, mas a realidade condemnava a trabalho forçado, quando não ao exterminio !

Procurou conhecer-lhes as particularidades do viver selvagem, e com tanta sympathia, que lhes estudou o bronco linguajar, ao qual se recorre opportunamente.

Desprovida de artificialismos, tão em moda, a sua linguagem deu fóros de cidade a brasileirismos sem conta, que Valle Cabral pretendia recensar, esmando-os em mais de dez mil.

Não se realisou, que nos conste, o projecto annunciado pelo douto bibliographo nos Annaes da B. N. (1876), mas incontestavel é que proporcionariam os escriptos de Alexandre Ferreira colheita opima aos forrageadores de locuções e vocabulos de cunho brasileiro.

Quem tanto se consagrou abnegadamente ao melhor conhecimento do Brasil, bem merecia ter a memoria aureolada de homenagens condignas. Entretanto, alem da justiceira iniciativa de Freire Allemão, que lhe insculpiu o nome esquecido no genero de plantas *Ferreirca*, consoante communicou a E. Goeldi o Dr. Paubert, então director do Real Museu Botanico de Berlim, raras são as manifestações enaltecedoras da memoria do sabio inditoso (131).

Apenas, o Museu Nacional instituiu, em 1929, por deliberação dos seus professores, o premio "Alexandre

Rodrigues Ferreira” destinado ás crianças menores de 11 annos, que se apresentassem ao concurso de desenho infantil naturalista, conforme nos teve a gentileza de informar o seu então eminente director, E. Roquette, em resposta ao questionario que lhe endereçamos.

Por mais que nos esforçassemos nas indagações, nada mais lobrigamos a seu respeito.

A conspiração do silencio que, em vida, lhe occultou á luz da publicidade os ensaios magistraes, ainda continua, transcorrido mais de um seculo, após a sua morte, a abafa-los no mesmo sombrio isolamento que os desvaloriza.

Notas

1. Manoel Rodrigues Ferreira.

2 Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia, a 27 de Abril de 1756.

3. Tomou ordens menores a 20 de Setembro de 1768.

4. Ao seu parecer, a eficiencia do ensino exigia o concurso de Hospital Publico — Dispensario Pharmaceutico — Laboratorio Quimico — Teatro Anatomico — Sala para operações chirurgicas — Gabinetes da Historia Natural dos Tres Reinos.

Por ato de 16 de Outubro de 1772, Pombal providenciou a respeito da fundação de taes estabelecimentos no Collegio tomado aos Jesuitas.

5. Decorridos alguns annos, José Monteiro da Rocha, mathematico aproveitado pela reforma, attribuir-se-ia maior concurso pessoal, do que o prestado por Sanches, na organização dos estudos universitarios e respectivos estatutos, cuja autoria tentou reivindicar.

Pertence-lhe a memoria acerca da “Solução Geral do problema de Kepler”, com que se abriu a publicação da Academia Real das Ciencias de Lisboa e outras de alta valia, mas, por outro lado, pesa-lhe a accusação de ter instigado a perseguição contra o seu colega e rival em glorias universitarias, José Anastacio da Cunha, que afinal se viu condenado em 1778, por supostas praticas de eresias, nada lhe valendo o admiravel talento para as mathematicas.

6. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho conde de Argonil e Senhor de Coja, da ordem de S. Bento de Aviz, de quem diria J. Monteiro da Rocha: “A opulenta região do Brasil lhe

deve o berço; e com justiça o Brasil se jacta menos do seu ouro e diamantes, do que de haver produzido varão tão singular". (Ap. Pereira de Silva — Varões illustres.

7. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho.

8. Publicado na Revista do Museu Paulista, por felis inspiração do seu insigne diretor, A. de Taunay.

9. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

10. Manoel Ferreira da Camara Bethencourt e Sá, cuja biografia documentada Marcos Carneiro de Mendonça elaborou com carinho.

11. Ferreira aceitou o convite, que lhe fizera o Ministro Martinho de Mello e Castro para balancear os elementos característicos de parte do Brasil, a 11 de Julho de 1778, e desde então permaneceu á disposição do governo, que, embaraçado nos preparativos da relevante expedição, preferiu aproveitar-lhe a competencia no exame da mina de carvão de pedra de Buarcos, realizada em 1778, de colaboração com Silva Feijó, e em trabalhos avulsos no Real Gabinete.

12. Quando academico, desistira da gratificação que lhe cabia como Demonstrador de Historia Natural, e, apenas formado, emquanto aguardava ordem de embarque, que lhe daria o Ministro Martinho de Mello, aceitou encargos correlatos á comissão, que lhe fôra confiada, e trabalhou cerca de cinco annos no Real Gabinete, sem pleitear recompensa pecuniaria. Contentava-se com a verba para *comedoria*, que lhe fôra arbitrada, na importancia de 200\$000 por anno.

E' informação que se lê no elogio proferido por Manoel José Maria da Costa e Sá, seu primeiro biografo e no proprio termo de concessão do "habito de Christo".

13. M. J. M. da Costa e Sá noticia, alem da referida, outras memorias elaboradas nesse interregno, a saber.

— Memoria ou parecer sobre a plantação dos olivares nas terras que na Vila de Corniche tinha Joaquim Rodrigues Botelho.

— Memoria sobre as matas de Portugal.

— Exame da planta que como nova aplica e vende o licenciado Antonio Francisco da Costa, cirurgião mor do Regimento de Cavalaria de Alcantara.

14. Alexandre Rodrigues venceria annualmente 400\$000, e os seus auxiliares, 300\$000 cada um.

Mas o primeiro consignou á sua familia, em Lisboa, a quantia de 150\$000, que seria descontada em seus honorarios ; os outros tambem deixaram a consignaço de 100\$000, conforme consta do officio de Martinho de Mello e Castro, de 19 de Agosto de 1783, publicado no volume 85 da Revista do Instituto Historico Brasileiro.

Cabia-lhes, alem disso, a diaria de 400 reis para comedoria, que foi elevada a 640 reis, por equiparaço aos construtores de Macapá, a partir de 1.º de Maio de 1788.

15. Ao tratar da sua excursão a Marajó, Ferreira menciona a data 25 de Outubro, de sua chegada, mas, em outras passagens, dá 21 de Outubro.

16. Especificou :

1.ª da cidade ; 2.ª de Carnapijo ; 3.ª Tatauroena ; 4.ª do Tocantins ; 5.ª de Arari ; 6.ª de Tiririca ; 7.ª da Coroa Grande ; 8.ª dos Monsarás ; 9.ª de Saravajá.

17. As fazendas dos jesuitas em Marajó que chegaram a possuir 134.000 cabeças de gado foram-lhes confiscadas por ordem de Pombal, de 3 de Setembro de 1759 e 16 de Junho seguinte.

18. O preço do boi de córte oscilava entre 2\$000 a 2\$500 e o de vaca, de 1\$200 a 1\$600.

19. Viagem á Ilha Grande de Joannes, participada ao Ilmo Snr D. Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos, pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira – 1783. E' de 20 de Dezembro conforme consta do "Estrato do Diario".

Outros exemplares trazem — Noticia Historica da ilha...

20. "Estado presente da Agricultura do Pará. Representado a S. Exia D. Martinho de Souza Albuquerque. Governador e Capitão General do Estado por Alexandre Rodrigues Ferreira. Pará 15 de Março de 1784.

21. Miscelanea Historica para servir de Explicação ao Prospeto da Cidade e do Pará 19 de Setembro de 1784.

22. Deixam azedar por um dia a agua expremida da maniba, que aliás é um veneno violento para todo o animal que a beber, e depois de a ferverem adubada com sal, pimenta, e cravo da terra, usam della como de mostarda.

A tapioca fervida com o ticupi misturado faz o mingáu que chamam Tacacá.

23. "Muito diuretico, porem, causador de vigilia" anotava o naturalista.

24. Farinha de maniba (mandioca) depois de feita a bebida em agua fria.

25. *Miscelanea de observações filosoficas no Estado do Grão Pará.* Deve ter sido esboço preliminar, desenvolvido mais tarde, sistema usado pelo naturalista, como provam os seus originaes, ou primeiras copias, abundantemente anotadas á margem.

26. Candirú — "pequeno peixe que se introduz pela urethra e intestino reto".

27. Alem da "*Descrição do engenho de descascar e branquear o arroz, do Capitão Luiz Pereira da Cunha, examinado na Ilha de Cutijuba, ao findar o anno, e que traz a data de 27 de Fevereiro de 1784, em referencia ulterior armazenou inumeras notas avulsas, de que iria aproveitar-se mais tarde.*

28. O original que a Bibliotheca Nacional possui catalogado sob n.º I — 31, 25, e traz por titulo *Notticia Da fundação deste convto de N. Snr^a. das Merçes desta Cide. de Sta. Maria de Bellem do João Pará ahonde se inclue o descobrimto. do Rio das Amazonas, e outras nottas mais das fundações das Aldeas do Rio Negro pelos primeiros Religiosos da Congregaçãõ Extraido tudo que se pode alcansar dos Documos. Que se achão no Archivo do Convto. 1784.*

O simples titulo já faz presumir a marca de algum tonsurado conhecedor dos fastos da sua irmandade.

Quando houvesse duvida a respeito, bastariam, para atalhal-as, expressivas locuções, de que se vale, a miudo, ao referir-se ao *nosso convento da Villa de, nossos religiosos antigos. . . . conventos da nossa congregaçãõ. . .*

29. Vila, por força da Provisão de 6 de Maio de 1758, e sede do governo da capitania creada pela carta regia de 3 de Março de 1755.

30. João Pereira Caldas tomou posse do cargo de governador do Piahy, a 20 de Setembro de 1759, e lá permaneceu pouco menos de um decenio, em cujo decurso dotou a Nova Capitania de varios edificios publicos, poz em execução a lei de confisco dos bens dos jesuitas, deu á Capital o nome de Oeiras, em honra a Pombal, guerreou os indios fronteiriços, e tornou-se conhecido como administrador diligente.

31. A expedição de João Pereira Caldas deixou o porto de Pará a 2 de Agosto de 1780.

Entre as "pessoas remarcaveis" (consoante expressão do naturalista que as ennumerou), iam em sua companhia :

Theodorico Constantino de Chermont — Te. Cel- vencendo	600\$000
Euzebio Antonio de Ribeiro — Sargento mór	600\$000
João Bernardes Borracho — almoxarife	130\$000
Padre Alvaro Loureiro de Fonzeca Zuzart	120\$000
Antonio José de Araujo Braga 1.º cirurgião	240\$000
Henrique João Wilkens — 2.º Commissario da 4.ª Partida	380\$000
Ricardo Franco de Almeida Serra — Capitão de Infantaria	384\$000
Joaquim José Ferreira — Capitão de Infantaria	384\$000
Doutor José Simões de Carvalho, astrónomo	400\$000
Doutor José Joaquim Victorio	400\$000
Doutor Francisco José de Lacerda e Almeida — astrónomo	400\$000
Doutor Antonio Pires da Silva Pontes — astrónomo	400\$000
Caldas, por ser governador nomeado, percebia, por anno, 4:800\$000.	

32. Alexandre Rodrigues Ferreira permaneceu sob a jurisdição de Martinho de Mello e Albuquerque, no Pará, de 21 de Outubro de 1783 a Setembro de 1784.

E na Capitania de S. José do Rio Negro, ancestral do Amazonas, que J. P. Caldas governava, labutou de 2 de Março de 1785 ao fim de 1788, quando, no Madeira, aguas acima, entrou na circumscrição, dirigida por Luis de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

33. F. J. Lacerda e Almeida sahiu de Barcellos a 25 de Dezembro de 1780 em companhia do Capitão Joaquim José Pereira (como diz o seu Diario, edição de 1841, mas deve ser Ferreira); embocou a 17 de Janeiro pelo Uaupés, que seguiu até a primeira cachoeira, a 42 leguas da fóz.

Contramarchando, tomou de novo o Rio Negro até a Fortaleza, onde saltou a 29 de Janeiro.

— A. R. Ferreira vae-lhe no rasto.

Parte de Barcelos a 20 de Agosto, com todos os seus auxiliares. De passagem, visita povoações e roças do caminho. A 18 de Outubro transmonta o Waupes, até a cachoeira, de onde regressa.

De igual modo procede quanto ao Içana, o Ixié, o Dimite. Afinal, a 13 de Novembro, alcança a Fortaleza de S. José das Maribitanas, onde se demora uma semana.

34. A Antonio Pires da Silva Pontes, colega de turma de Lacerda, coube explorar o Rio Branco, auxiliado pelo Capitão Ricardo Franco de Almeida Serra. Partiram de Barcelos a 1.º de Janeiro de 1781 e no ultimo dia do mez, chegaram ao forte de S. Joaquim (Lat. 3.º—1'), onde se enforquilha a caudal em duas, o Tacutú, que vem do norte, e o Uraricoera, de longo curso, do ocidente para oriente. Em explorações de ambos os ramos hydrograficos estiveram até fins de Abril.

— Refazendo-lhes o serviço, A. R. Ferreira largou Barcelos a 23 de Abril de 1786, e só a 10 de Maio embocou pelo Rio Branco, para lhe alcançar o forte de S. Joachim, a 26.

De lá, fez excursões, a pé, ás circumjacencias, regressando estropiado e acommettido de sezões, que o levaram ao leito.

35. As primeiras correspondem a capitulos do *Diario da Viagem Filosofica pela Capitania de S. José do Rio Negro*, e surgiram em datas varias :

1.ª Participação — Barcellos — 17 de Janeiro 1786

2.ª Participação — Barcellos — 30 de Janeiro 1786

3.ª Participação — Barcellos — 5 de Fevereiro 1786

4.ª Participação — Barcellos — 19 de Fevereiro 1786

5.ª Participação — Barcellos — 30 Março 1786

6.ª Participação — Fortaleza de S. Joa- — 14 de Junho 1786

7.ª Participação — quim do Rio Branco — 18 de Junho 1786

Esta serie veio a lume no tomo 48 da Revista do Instituto Historico Brasileiro.

2.ª Participação da 2.ª parte — Barcellos — 31 de Outubro 1786.

R. I. H. B. tomo 49 vol. 72.

36. "De os sachristaes assim o não fazerem (zelo na conservação dos paramentos) nem muitas vezes os mandarem fazer os vigarios, procedem quanto ao culto divino, as indecias a que está sujeito, e quanto á fazenda real as despesas que sempre faz", conceitúa ao terminar uma das suas vistorias.

37. Alguns escriptos significativos :

"Digo o que sempre direi, que os indios, depois de livres, ficaram nesta parte (falta de assistencia medica) de peor condição que a que tinham quando excravos."

"E' para sentir que viva tanta gente embrenhada no mato, sem servir nem a si nem a ninguém. Liberdade não os convida porque absolutos e livres em todo o sentido são elles no mato ; costumes tambem não, porque muito mais apertados são os nossos do que os seus ; quanto ao sustento e vestido, corre por conta da Natureza.

"Quanto a mim, são (os indios) gallos do campo, que por mais que se lhes deite milho com difficuldade se habituam ás capoeiras."

38. Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira, datada de N. S. Loreto de Macarabi, aos 18 de Setembro de 1785.

Encontra-se no I. H. B., Livro do Conselho Ultramarino, vol 2.º, pag. 59.

39. Alexandre Ferreira lembrou a conveniencia da applicação, no Brasil, da vacina, que o pernambucano Picanço havia recentemente introduzido em Lisboa.

E informa que, só de variola, morreram mais de 15.000 indios no Pará em 1724, epidemia que se repetiu em 1740, 1749 e outros annos.

40. 3.^a Participação — de 3 de Fevereiro 1786.

41. 5.^a Participação — 30 de Março 1786.

42. 6.^a Participação — 14 de Junho 1786.

43. A serra que lhe pareceu, á primeira vista, uma praça ar-ruinada, pintou-a em traços largos: "O cumo é escaldado e consta de saxeo, no qual chega a adquirir com o sol um tal grau de calor, que incende o restolho que nelle ha ; e do fogo assim excitado procede nos indios que o observam, a admiração com que vêem e contam uns aos outros que ha na dita serra o fogo prodigioso". 7.^a Participação — 18 Junho 1786.

44. Carta de J. P. Caldas de 4 de Julho de 1786.

45. 4.^a Participação — 19 de Fevereiro de 1786.

46. Participação de 31 de Outubro de 1786.

47. Veja-se a noticia de E. Goeldi.

48. Só de uma feita, Ferreira enviou 18 volumes com amostras para o Real Gabinete, alem de 118 desenhos referentes a 12 prospectos das villas, 9 de cachoeiras, 96 riscoz de animaes e plantas, e "plano geral do Rio Negro". Anteriormente, havia mandado 112 (Referencia que se lê na 5.^a Participação, de 30 de Março 1786.

49. Nesta serie incluem-se as seguintes :

1 - Memoria sobre o peixe boi — 2 Fevereiro de 1786

2 - Memoria sobre as Tartarugas — 3 Fevereiro de 1786

3 - Memoria sobre as cuias — 4 Fevereiro de 1786

4 - Memoria sobre louças — 5 Fevereiro de 1786

5 - Memoria sobre as salvas de palhinha — 5 Fevereiro de 1786

6 - Memoria sobre o isqueiro — 9 Fevereiro de 1786

7 - Memoria sobre o instrumento para tomar Tabaco Paricá
13 de Fevereiro 1786

8 - Memoria sobre o gentio Manhas — 20 de Fevereiro 1787

9 - Memoria sobre jurupixunas — 20 de Fevereiro 1787

10 - Memoria sobre as malocas dos indios Curutús — 20 de
Fevereiro 1787

11 - Memoria sobre indios espanhóes — 20 de Fevereiro 1787

12 - Memoria sobre pirarucú — 30 de Abril 1787

13 - Memoria sobre gentio uerequena — 23 Agosto 1787

14 - Memoria sobre gentio caripuna — 28 de Agosto 1787

- 15 - Memória sobre gentio mura — 30 de Agosto 1787
16 - Memória sobre mascaras e camisetas dos jurupixunas —
31 de Agosto 1787
17 - Memória sobre o gentio cambeba — 1 Setembro 1787
18 - Memória sobre o gentio catauixi — 4 Junho 1788
19 - Memória sobre o gentio miranha — 4 de Junho 1788
20 - relação de amostras de madeiras de qualidade — 4 de
Junho 1788
21 - Relação de produtos naturaes.

50. Memória (sobre a marinha interior do Estado do Grão Pará). Particularmente oferecida ao Illmo. Snr. Martinho de Mello e Castro na qualidade de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha pelo Dr. naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Datada em Barcellos, 26 de Março de 1787.

51. Participação geral do Rio Negro e seu territorio Estrato do Diario da Viagem Filosofica, pela Capitania de S. Joseph do Rio Negro.

Com as informações do Estado presente dos Estabelecimentos Portuguezes no sobredito Rio pelo Dr. Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem acompanharam os desenhadores Joseph Joachim Freire, Joachim Joseph Codina e o jardineiro botânico Agostinho Joachim do Cabo. Em viagem que de ordem de sua Magestade, de 5 de Julho de 1783, fizeram aos rios Negro e Branco nos annos de 1785 e 1786.

Traz a data de Barcellos 28 Outubro 1787.

52. A nosso ver, a cultura intellectual de Alexandre Rodrigues Ferreira poz-se de manifesto nas seguintes obras, que até certo ponto lhe resumem as memorias avulsas :

Monografia acerca do Rio Negro.

Monografia acerca do Rio Madeira.

Monografia acerca da Marinha.

Monografia acerca de Agricultura no Grão Pará.

Monografia acerca de enfermidades endemicas em Mato Grosso:

Monografia acerca dos mammaes.

53. "Ainda que as obrigações, que estão a meu cargo, diria na dedicatória, de observar, recolher, preparar e remeter os Produtos

Naturaes dos tres Reinos Animal, Vegetal e Mineral, só me dão lugar a ajuntar, e não a distribuir, e ordenar idéas, de modo que pareçam dignas de serem apresentadas a V. Exia. . .”

54. Lembra o naturalista que o direito do indio á liberdade foi reconhecido por bullas de Alexandre VI, Paulo III, Benedito XIV, leis portuguezas de 1570, 1587, 1595, 1609, 10 Setembro 1611, 10 Novembro 1647, 9 Abril 1655, 1.º Abril 1680, 6 Junho 1755.

55. Antonio Villela do Amaral solicitado em carta de A. R. F. de 16 de Setembro de 1786, respondeu-lhe com o Tratado de Agricultura Particular do Rio Negro.

56. Uma frasqueira de aguardente custava, no Pará, 2.400 reis e em Barcellos 6.000. De igual maneira a arroba de sabão subira de 2.000 naquella a 6.400 neste e mais ainda, nas povoações distantes.

57. Em Provisão de 18 de Setembro de 1706, mais tarde revogada.

58. Por aviso de 21 de Março de 1750 ao Vice Rei da India.

59. No Extrato do Diario da Viagem Filosofica assim relacionou os seus trabalhos de colheitas e observações :

1. ^a	Remessa	- 28 Outubro 1783 . . .	1	volume
2. ^a	„	- 24 Dezembro 1783 . . .	7	volumes
3. ^a	„	- 24 Março 1784 . . .	10	„
4. ^a	„	2 Setembro 1784. . . .	5	„
5. ^a	;	10 Janeiro 1785	8	„
6. ^a	„	26 Junho 1785	13	„
7. ^a	„	20 Abril 1786	19	„
8. ^a	„	18 Agosto 1786. . . .	6	„
9. ^a	„	17 Novembro 1786 . . .	12	„
10. ^a	„	24 Fevereiro 1787 . . .	21	„
11. ^a	„	4 Maio 1787	11	„
12. ^a	„	30 Setembro 1787 . . .	31	„
13. ^a	„	21 Junho 1788	58	„

202 volumes

Nestes volumes compreendiam-se caixões, frasqueiras, barris e até gaiolas, com animaes vivos, cobras, antas, capivaras, principal-

mente. Para explicar a procedencia e particularidades de taes amostras e sua colheita, o naturalista elaborou 37 memorias, e os desenhadores gisaram 630 "riscos", referentes a

Prospetos	106
Animaes	136
Plantas	388

630

Tal se computava o activo scientifico da Expedição, no prazo decorrido de Outubro de 1883 a 27 de Agosto de 1888.

60. A ordem, datada de 31 de Outubro de 1787, só foi transmitida oficialmente ao naturalista a 23 de Agosto seguinte, mediante officio em que J. P. Caldas lhe transcrevê os topicos essenciaes, referentes á incumbencia dos espedicionarios, até Mato Grosso, "para o trabalho dos ezames que ahí devesse praticar muito particularmente na exploração das minas, para recolherem elles tudo o que for digno de se mandar ao Real Gabinete de Historia Natural, como tambem todas as mais produções, assim dos rios como das praias, arbustos dagua, conchas, pedras de diferentes cachoeiras e o mais que puder descobrir da parte dos rios e igualmente musgos, grama, arbustos, plantas, amostras de madeira e o mais do continente que ficar da parte superior das ditas cachoeiras, como tambem da parte inferior, se acaso fôr praticavel a sua condução."

Vol. 2.º Conselho Ultramarino, pag. 151, Inst. Hist. Bras.

61. A consulta de Caldas a A. Ferreira, a respeito do que necessitaria para sua viagem ao Madeira é de 30 de Janeiro de 1788, e a resposta, com a data de 5 de Fevereiro seguinte, capeou minuciosa relação de artigos para alimentação do pessoal, de munição de guerra, ambulancia e o que fosse necessario ao desenho e escrita.

62. Os auxilios de Martinho e Souza

importaram em	2:507\$252
em que figurou a botica, avaliada, por suas drogas, em	563\$660
e dois botes desses teremos por banda, sendo um delles com tolda a popa, no valor de .	600\$555

alem de 500 alqueires de farinha que mandou preparar e 200 indios avisados para a excursão.

63. A resposta accusatoria de Caldas é de 24 de Novembro. Entretanto, em carta de 9 de Outubro, a Martinho de Mello, deu relevo ás difficuldades que tivera para organizar a centena de re-meiros destinados á expedição ao Madeira" pelo horror, que esta gente, demais opprimida por outros tão continuos e pesados serviços, têm tomado á navegação de Mato Grosso, da qual ultima e muito modernamente se acaba de experimentar um bem funesto exemplo!

Referia-se provavelmente á viagem a cargo do alferes Carlos Daniel de Sexas, durante a qual falleceram 62 indios, até o regresso a Borba.

64. "Nenhuma das grandes desordens que V. M. me refere desses indios, respondia-lhe amistosamente Albuquerque, e ainda mesmo de soldados desertados, me admira, visto que por uma longa e larga experiencia, tambem conheço o seu ridiculo character e más habilidades." E promettia-lhe auxilio, que não faltou.

65. Alexandre Ferreira, em sua resposta de 14 de Fevereiro de 1789, resume os argumentos de Caldas, que o molestaram: conclue V. Exia "que não podendo já dar remedio algum nos desordenados termos a que as cousas tem chegado, já que eu assim não quiz obrar, obre tambem agora, o que melhor me parecer."

66. Em outra passagem, escrevera: desgostos e desassocegos, que só devem passar por aquelles, que de os passarem, fazem serviço a S. M. e não nós, a quem nada disso se leva em conta, senão o que observamos, recolhemos, desenhamos e remetemos."

67. Relação circunstanciada Do Rio da Madeira e seu territorio, desde a sua fôz, até a sua primeira cachoeira, chamada de Santo Antonio. Extracto do Diario da Viagem Philosophica para a Capitania de Mato Grosso, Pelo Dr. Naturalista, Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem acompanhavam os desenhadores, Joseph Joaquim Freire e Joachim Joseph Codina. E o Jardineiro botanico Agostinho Joachim do Cabo. Em viagem que por ordem de S. Magestade, de 31 de Outubro de 1787 fizeram, pelo dito Rio, nos seguintes annos de 1788 e 1789.

E' datado de Santo Antonio, aos 30 de Janeiro de 1789.

68. Irery, e não Irey diz elle ; de y — agua e rery — tremer — agua que faz tremer, ou rio de sezões.

69. A proposito da viagem, Guaporé abaixo, desde Sararé, de Manoel Felix de Lima, cuja narrativa Southey possuiu e aproveitou em sua "Historia do Brasil", Alexandre annotou á margem ; "Pelo nome de Manoel Felix da Silva, e não Manoel Telles (como escreveu o padre Bento da Fonseca) conheci em Lisboa, desde o anno de 1779 até 1783, um pretendente do Maranhão, que se attribuia a descoberta desta descida."

70. Desconheciamos este facto, que pela primeira vez se nos deparou á leitura, na monographia de A. Rodrigues.

71. Assim discrimina a extensão :

25 leguas até Borba

86 leguas de Borba á Ilha dos Muras

37 leguas de Ilha dos Muras á foz do Machado

30 leguas de fóz do Machado á 1.^a cachoeira

178 leguas.

72. Em carta de 23 de Março, Luiz de Albuquerque se mostra sciente do que lhe communicara o naturalista a respeito dos trabalhos até Santo Antonio, que abrangiam 52 volumes, de productos para o Gabinete de Historia Natural e

63 riscos em que se incluia o prospecto da cachoeira onde esbarrou a marcha.

73. Depois de governar por tres lustros a capitania de Mato Grosso, ainda Luiz de Albuquerque merecia de Martinho de Mello a carta de 31 de Outubro de 87, em que se desculpa de lhe não escrever a miude, em termos lisongeiros :

"O acerto, porem, actividade e zelo com que V. S. se tem comportado no Real serviço e com que tem essa capitania que S. M. confiou ao seu cuidado me poem em tal socego que fico na certeza de que a demora das minhas respostas, a nada prejudicam aos negocios de que V. S. se acha encarregado."

74. Carta de Luiz de Albuquerque de 8 de Outubro de 1788.

75. 52 volumes e 63 desenhos.

76. No livro 2.º do Conselho Ultramarino, I. H. G. Bras, encontram-se as copias, das de 8 de Outubro de 1788, 23 de Março 1789, 5 de Maio 1789, 24 Setembro 1789.

77. "Sem embargo de que a continuação prolongada das rebeldias molestias que padeço desde muito mais de tres annos quasi successivos" informava a Martinho de Mello, em carta de 8 de Maio de 1790.

78. "Os apontamentos", que redigiu para o seu substituto fraterno, têm a data de 7 de Maio de 1790.

79. Observações geraes e particulares sobre a classe dos Mammas observados nos territorios dos tres rios, das Amazonas, Negro e da Madeira.

80. Ou o Brasil extingue a sauva, ou a sauva extermina o Brasil, concluiu Saint-Hilaire.

81. Devido á dermatose denominada purú purú.

81 a. A proposito da fartura em que vivia o indio, annota Ferreira :

"Ao lavrador, entre nós, que tem o seu celleiro cheio, bem pouco se lhe dá que o Inverno haja de ser rigoroso, ou não. Com maior razão o Tapuya não pensa em futuros desta classe ; porque nem celleiro necessita ter. A mandioca hé tirada da terra, que lhe serve de celleiro, e immediatamente preparada, que se lhe offerece, a fazer : quando aliás os generos constitutivos de suas lavouras, não passão da dita mandioca, o milho, a macacheira, as batatas etc.

As arvores por todo o anno dão fructos ; acabão humas e principião outras ; por consequente nem sabem, nem lhes hé perciso plantalas, ou cultivalas.

Se lhes faltão os fructos não lhes falta no matto a caça, nem o peixe nos rios e nos lagos. Para surprehenderem a caça, dotou-os a natureza de ardez, e estratagemas os mais proprios para suprirem a imperfeição de suas armas.

Hé notavel a propriedade com que arremedão as cutias, os porcos, os veados e outros quadrupedes ; os papagaios, cujuvis, enambús, metúns, macucávas, e outras aves ; seivindo lhes estes arremédos de negaças com que as atrahem, até as porem nas pontas das suas frexas. Do mesmo estratagema se valem, para sorprendêrem

os caçadores, arremedando as aves, que elles mais procurão até os collocarem a alcance de suas armas. Como o peixe hé infinito nos rios das Amazonas, dos Solimoens e outros, nem arte de pescar lhes he percisa ; basta banquejar a ágoa com o timbó réte, curúru-timbó, o astacú, e outras plantas venenzas ; basta armar uma ligeira tapagem, na bôca de qualquer riacho ; e como o pescar desta sorte, requer menos actividade, que o caçar ; todos os que habitão as margens dos rios, primeiro são pescadores do que caçadores, e de phytiphagos, que são por naturêza vão logo desde a infancia passando a lctyóphagos. Por esta forma, tudo quanto se vé neste artigo hé que se da parte dos indios, há uma preguiça extrema tambem da parte da natureza, ha hua profusão illimitada.

82. Entre os livros mencionados por Alexandre Ferreira, figuram :

- Berredo-Annaes,
- Santa Rita Durão-Caramurú,
- Vasconcellos - Historia do Brasil,
- Brito Freire - A nova Lusitania,
- A. Galvão - Descobrimento do mundo,
- B. da Gama - O Uruguay,
- P. de Magalhães - Tratado das Cousas do Brasil,
- Jesuíta Simão - Brasilia Pontificia,
- Nuno Pereira - O Peregrino da America,
- Rocha Pitta - America Portugueza,
- Fr. Rafael de Jesus - Castrioto Lusitano,
- Fr. José Santa Thereza - Istoria delle guerre del Regno del Brasil,
- Estacio da Silveira - Relação summaria das cousas do Maranhão,
- Simão Vasconcellos - Historia do Brasil,
- J. Seabra da Silva - Dedução chronologica,
- Fr. Domingos Teixeira - Vida de Gomes Freire,
- P. J. Patricio - Historia dos mamelucos paulistas e os manuscriptos,
- Relação da jornada de Jeronymo de Albuquerque,
- Relação dos tumultos do Maranhão - F. T. Moraes,

Relação brevissima do Maranhão - XXX,
 Genealogia das familias de S. Paulo — Pedro Tacques,
 Roteiro de viagem pelo Pará - Pe. José Monteiro de Noronha,
 Diário de viagem - Francisco Xavier Ribeiro Sampaio,
 Memorias chronologicas - Felipe José Nogueira Coelho.

83. Quanto aos aspectos naturaes do Brasil, mencionou :
 Luiz Gomes Ferreira - Historia da enfermidades de Minas

Geraes,

Pe. Diogo Soares - Historia Natural do Brasil.

84. Assim denominava-se :

Caboclo - o resultado do cruzamento do indio com preta,
 mameluco - do europeu com tapuya,
 mulato - do europeu com preta,
 mazombo - filho de europeus,
 crioulo - o filho dos negros mas nascido no Brasil.

85. Repete o que consta no capitulo X.

86. Assim le Double e Houssay explicam a possibilidade de tal occurencia esporadica :

“Não ha raças, nem grupos ethnicos formados inteiramente por individuos masculinos e femininos providos cada um de uma cauda, mas, em cada raça, e em cada grupo ethnico, pôde apparecer uma pessoa possuindo uma cauda rudimentar, até mesmo uma cauda mais ou menos longa, constituida por um esqueleto vertebral, cercado de partes molles (musculos, tecido conjunctivo, gordura, vaso e nervos) e, consequentemente movel e coberta ou não de pellagem rara ou abundante.”

87. Embora passasse o governo a 20 de Novembro de 1789, Luiz de Albuquerque deixou-se ficar em Villa Bella até 1.º de Junho de 1790, quando iniciou a viagem, de regresso a Portugal, Guaporé abaixo.

88. De outra feita usaria de expressão mais significativa no “*Prospecto Philosophico da Serra de S. Vicente*.”

“Os mineiros de Mato Grosso, digamos assim, não têm feito mais que desflorar a terra do ouro virgem que tem.”

89. As parcelas regulavam por :

Impostos na Bahia	9.600
Impostos no Registro de Goyaz . . .	3.000
Impostos no Registro de Jaurú . . .	3.000
	<hr/>
	15.600

Despesas de viagem de 15.600 a 30 mil reis.

90. O sal orçava por 8.400 cada alqueire, que ás vezes subia a 30.000, o milho, "que é o pão da terra", 480; feijão, 1.800; farinha de mandioca, 1.500 a 1.800; toucinho, arroba, 4.800. A expressão de Ferreira, quanto ao milho, "que é o pão da terra" lembra a de Agostinho J. do Cabo, seu auxiliar, que, em 1788, escreveu a "*memoria sobre a mandioca ou pão do Brasil*" conforme observara na Amazonia.

91. S. Vicente — Boa Vista — Capella de Sant' Anna — Chapada de S. Francisco Xavier — Ouro Fino — Pilar — Lavrinhas de Guaporé — S. Barbara do Aguapehy.

92. A gruta que mede 205 palmos de extensão, 22 em média, de altura, e largura variada entre 5 e 60, extendia-se por tres camaras, respectivamente de 34 palmos, 57 e 103 de comprimento, exclusive as peças intermediarias, mais estreitas.

Ferreira deu-lhe o nome de Gruta das Onças, por causa dos rastros felinos ali abundantes, e descreveu-a com esmero de forma, como se poderá ver na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, que a deu a lume em seu tomo XII.

93. Alem de trabalhos historicos relativos a outros assumptos, Ordonhes annotou os Annaes do Senado da Camara de Cuiabá, á margem das folhas, por elle rubricadas, de accordo com o termo de abertura, que subscreveu aos 20 de Junho de 1786.

94. A resumida descripção, Almeida Serra engastou-a no seu Diario da Diligencia do Reconhecimento do Rio Paraguay, de 1787.

95. *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, Tomo IV, *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, Vol. VI.

96. Ao tratar da gruta do Inferno, em sua *Viagem ao Redor do Brasil*, realisada em 1875—1878, o Dr. João Severiano da Fonseca mencionou os visitantes que o precederam naquelle sitio, e tambem a descreveram.

R. F. de Almeida Serra, em 1786,
Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira em 1791,
Tte. Coronel Joaquim José Freire em 1792,
Castelnau em 1845.

97. Assim reza o termo então lavrado : “Desejando a nação do gentio Guaycurú ou Cavalleiro, que habita os terrenos que formam a margem oriental do Paraguay, desde o rio Mondego, antes denominado Imbotetiú, e mais rios intermedios até a margem boreal do rio Ipané, dar não só uma evidente prova do seu reconhecimento, gratidão e sensibilidade, pelo bom tratamento e repetidos beneficios que ultimamente tem recebido dos Portuguezes, em consequencia das ordens do Illmo. Exmo. Snr. general de Mato Grosso e Cujabá, dadas e muito recommendadas para o dito fim ao sargento mór engenheiro Joaquim José Ferreira, commandante do presidio da Nova Coimbra, as quaes ordens elle tem desempenhado com todo o zelo e actividade, distribuindo pela dita nação, alem dos donativos que lhe tem sido determinados por conta da real fazenda de S. M., tambem outros seus proporcionados á sua possibilidade ; desejando a mesma nação dar iguaes provas do grande respeito e fidelidade que tributam a S. M. Fidelissima, e de quanto são os mesmos gentios afeiçoados aos Portuguezes, espontanea e anciosamente vieram a esta capital de Villa-Bella os capitães João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, dous dos principaes chefes da dita numerosa nação, com dezeseite subditos e a negra Victoria, crioula portugueza sua captiva, que serve de lingua ; e depois de terem sido recebidos e hospedados com as maiores e mais sinceras demonstrações de amizade e agasalho, e de serem brindados com alguns donativos de S. M. e outros do Exmo. Snr. governador e capitão general, e das outras principaes pessoas desta villa, celebraram o seguinte convenio : No 1.º dia de Agosto de 1791, no palacio da residencia do Exmo. governador e capitão general, estando presentes, por uma parte o mesmo Exmo. Snr. com os officiaes militares e mais principaes pessoas desta Villa-Bella, e pela outra os sobreditos capitães e chefes da sua nação, João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, com os mencionados seus soldados e a crioula Victoria, sua captiva e interprete, disseram que, em seus

nomes e no de todos os outros chefes da sua nação, seus compatriotas, e mais descendentes, protestavam e promettiam de hoje para todo o sempre, nas mãos do Exmo. Snr. governador e capitão general João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, manter com os Portuguezes a mais intima paz e amizade, e inviolavelmente guardarem e tributarem a S. M. Fidelissima a mais respeitosa fidelidade e obediencia ; assim e da mesma forma que lhe tributam todos os seus vassallos. E sendo-lhes perguntado, de ordem do mesmo Snr. pelo sargento mór engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, se era nascida de sua livre vontade e moto proprio a obediencia que prestavam a S. M. Fidelissima, como tambem se queriam ficar sujeitos da mesma angusta soberana e senhora, ficando amigos, para desta fórma gozarem livre e seguramente de todos bens, commodidades e privilegios, que pelas leis de S. M. Fidelissima hão concedido a todos os indios, a tudo responderam ambos os referidos capitães uniformemente que sim ; protesto que o mesmo Exmo. Snr. general acceitou em nome de S. M. Fidelissima, promettendo elle tambem, em nome da mesma soberana e senhora, de sempre proteger a dita nação, afim de perpetuar entre elles e os Portuguezes a mais intima paz e reciproca amizade, concorrendo sempre para tudo se dirigir á felicidade espiritual e temporal dos mesmos gentios. E para firmeza de todo o referido e estipulado, eu José Joaquim Cavalcanti de Albuquerque e Lins, secretario do governo, lavrei por ordem do mesmo Exmo. Snr. governador e capitão general, o presente termo. Assignaram S. Ex., e a rogo dos ditos capitães e chefes, o tenente coronel de infantaria com exercicio de ajudante de ordens deste governo, Antonio Felipe da Cunha Ponte, e o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista, encarregado da expedição philosophica por S. M. nessa capitania, e a rogos dos mais Guaycurús o Dr. provedor da fazenda real e intendente do ouro, Antonio Soares Colheiros Gomes de Abreu ; e de sua interprete o sargento mór engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra. E tambem assignaram os officiaes da camara, sendo testemunhas presentes deste acto as principaes pessoas desta villa capital, que todas igualmente assignaram ; e eu secretario do governo, Joaquim José Cavalcanti de

Albuquerque Lins, o escreveu. Com o signal de S. Ex. e de todos os mais circumstantes.

98. Alexandre Ferreira diz ter contado, em suas indagações :

13 engenhos de aguardente no districto de Mato Grosso

3 engenhos de assucar e rapadura no districto de Mato Grosso

24 engenhos de aguardente no districto de Cuiabá

22 engenhos de assucar no districto de Cuiabá.

99. Aos seus rascunhos deu o titulo de *Observações Philosophicas e Politicas sobre as Minas de Mato Grosso e Cuiabá*.

100. Esta monografia que S. Blake informa ter vindo a lume aos trechos, em revista, iniciou-se provavelmente em Villa Bella, para terminar em Belem, como se deduz de uma passagem expressiva que se lê no original, catalogada sob numero I-8-2-46 na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, onde a consultou o Dr. Pereira Rego Filho : "grande mata que deu *aquella* capitania o nome de Mato Grosso". Embora não datasse o escripto, Ferreira indicou, neste lance, que já se tinha ausentado do Guaporé, quando o ultimou.

101. A 21 leguas acima da fóz do rio, e meia legua acima do lugar da antiga Fortaleza da Conceição, informa.

102. Vem a ponto ligeira rectificação no que divulgou J. Severiano, ao dizer :

"Das molestias exantematicas, o sarampão e a roseola foram as unicas que por muito tempo conheceu a província, aquelle grassando ás vezes com gravidade.

Segundo o Dr. Alexandre, apparecera pela primeira vez em Villa Bella, em Setembro de 1789 e com tal intensidade que matára 201 pessoas. . ."

Não é precisamente essa a interpretação mais justa do pensamento do autor das "Enfermidades endemicas", que não attribuiu só áquella doença, a mortalidade registrada, como se deduz no trecho a seguir. "Constam (as carneiradas) da peor sorte de febres podres, malignas e intermitentes, de corrupções, garrotilhos, pontadas, disenterias e outras molestias que triumpham da disposição mais robusta e da vida mais regular. De todas ellas, e juntamente do contagio do sarampo, que então pela primeira vez se difundia em

Mato Grosso, constou a peste de estio de 1789. Desde os fins de Agosto até os principios de Janeiro de 1790, que elle grassou na Villa, e nos arraiaes da Serra de S. Vicente falleceram, que se soube dos livros de assento de obitos :

	Homens	Mulheres	Total
1789 .	154	47	201
1790 .	113	56	169
	<u>267</u>	<u>103</u>	<u>370</u>

103. As minas de sal do Jaurú, annotaria Ferreira, em seu rascunho autographo, estão ao sul dos campos de Aguapehy, no lugar chamado — Tapéra do Almeida — em 16°19' de latitude.

Ha mais dois lugares donde se tira o sal e que estão uma legua distantes um do outro vindo o primeiro a distar duas a S. da dita Tapera, e passando outra legua adiante, aonde está um pantanal, ou — vereda das Pitas — dahi se volta a Poente, para se encontrar outras minas de sal, ainda mais copiosas que as precedentes." Codice 1 — 1, 2, 24 da Bibliotheca Nacional).

104. A respeito, conceituou J. Severiano :

"Vem a pello citar, ainda uma vez, o notavel naturalista bahiano.

Sua memoria *Enfermidades endemicas da capitania de Mato Grosso*, escripta pelo correr da ultima decada do seculo passado, *conquanto não esteja na altura de sua illustração e sciencia*, o que muito se atenúa com o saber-se que seu autor não se dedicava ao exercicio clinico, todavia traz alguma luz sobre a constituição medica do paiz. *Nesse pequeno e imperfeito trabalho* apparecem duas idéas que, todos, suppunhamos desconhecidas naquelles tempos: o vomito preto e a thermoscopia no estudo das febres."

J. Severiano da Fonseca — Viagem ao redor do Brasil — pag. 183.

105. Nos pantanos — diz elle : "a exuberante riqueza hydroflora . . . , as myriades de peixes e de amphibios ahi vindos na enchente presos e mortos na estagnação e putrefazendo-se na seca ; em immenso prado aquatico, que tambem morre e apodrece, são, com effeito, um fôco perenne de febres miasmaticas, e de intoxicações eleicas quando o minimo ardor do sol, no verão, as putrefaz, fermenta e evapora."

“E’ notavel que os miasmas palustres não exerçam influencia alguma no *habitat* dos planaltos, tão grande é a sua densidade e peso relativamente ao ar respiravel.”

106. Alem da nota explicativa dos agentes morbidos ; *desta podridão* (causada pelas inundações) *provem aquellas febres pestilentas* (A. Ferreira), *equivalente aos miasmas gazeiformes da materia organica em decomposição, miasmas organisados em suspensão*, causadoras de doenças (J. Severiano) adoptaram ambos a mesma idéa geral a respeito da salubridade do territorio.

“Conclue-se do que tenho dito, synthetisa Ferreira, que da perigosa alternativa de calor e humidade, que se experimenta nas terras baixas da Capitania de Mato Grosso é que principalmente procedem as enfermidades dos seus habitantes. Ellas são as mesmas que as das outras partes do globo, aonde se verificam as mesmas circumstancias.”

Ao que responde J. Severiano :

“E, pois, si essa região do (planalto) abrange cerca de duas terças partes do territorio matogrossense, não é pelo clima da restante, isto é, das comarcas alagadiças, onde actua uma atmosphera densa, pesada e carregada de principios miasmaticos, que se deve auferir o clima e salubridade — a constituição medica da provincia.

“ Não são privativos nem peculiares aos pantanaes de Mato Grosso taes condições de salubridade. Tambem pestilentos foram o Rhodano, o Sena, o Moça, o Rheno e os lamaças da França e Belgica para as hostes de Mario e de Julio Cezar.”

107. Alem de outras monographias que cita a miudo, Ferreira consultava seguidamente a *Brasilia medica*, monographia elaborada, a seu pedido, por Antonio José de Araujo Braga, cirurgião da commissão demarcadora, alumno benemerito do “Hospital Real de S. José de Lisboa” e que já exercia a medicina por mais de oito annos na Amazonia, quando lhe attendeu á requisição.

108. Inventario Geral e Particular de todos os Productos naturaes e artificiaes, Instrumentos, Livros, Utensilios, Moveis pertencentes ao Real Gabinete de Historia Natural, Jardim Botanico e suas casas annexas : como são Gabinete da Bibliotheca, Casa do

Desenho, Dita do Laboratorio, Dita das Preparações, Armazem da Reserva etc. Tudo como nelle se declara — Para S. Exia vêr.

- 109. Fr. Velloso — *Lepdopteri fluminensis*,
- Fr. Velloso — *Flora fluminensis* — 11 vol.,
- Vicente Coelho de Seabra — *Elementos de Chimica*,
- José Francisco Leal — *Elementos de Pharmacia*,
- José Francisco Leal — *Materia Medica*,
- Brotero — *Compendio de Botanica*.

110. Muitos desses desenhos encontraram-se enfeixados em volumes na secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional, onde podem sei examinados :

- vol. I — 6, 3, 5, contem indios, quadrupedes, aves etc.,
- vol. I — 6, 3, 6 prospectos de villas do Pará, Rio Negro,
- vol. I — 6, 3, 7 animaes, principalmente,
- vol. I — 12, 2, 17,
- Vol. I — 12, 2, 18,
- vol. I — 12, 2, 19,
- vol. I — 12, 2, 20.

Os quatro ultimos volumes pertenceram a J. C. Rodrigues, e fazem parte da "collecção Benedicto Ottoni."

111. Assim resa o respectivo titulo de concessão, transcripto por J. C. Fernandes Pinheiro, na biographia que traçou de Alexandre Rodrigues Ferreira, apreciado no "elogio academico" de Costa e Sá, para a Revista Popular, e a cujas paginas veiu a lume (tomo XV):

"A rainha, nossa senhora, attendendo aos serviços do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, official da Secretaria do Estado dos Negocios da Marinha e dos dominios ultramarinos, obrados nas commissões extraordinarias de que foi encarregado, de examinar e descrever os productos naturaes do real Museu da Ajuda, e fazer as experiencias chemicas, que lhe foram ordenadas, em que se occupou por espaço de cinco annos, sem perceber por isso ordenado algum ; e passando ao estado do Pará, com a laboriosa commissão de ser ali o primeiro vassalo portuguez que exercitasse o emprego de naturalista, se empregou por espaço de nove annos successivos, em continuas e perigosas viagens pelas dilatadas capitancias do Pará, Rjo Negro, Matto Grosso e Cuiabá, aonde, alem de ser encarregado

de observar, acondicionar e remetter os productos naturaes dos tres reinos, animal, vegetal e mineral, foi igualmente incumbido de todo genero de observações philosophicas e politicas, sobre as differentes repartições e dependencias da população, agricultura, navegação, commercio, manufacturas, de que deu toda a satisfação que devia esperar-se de sua honra, talentos e applicações: Ha por bem fazer-lhe merce, em remuneração, do habito da Ordem de Christo, com sessenta mil reis de tença: de que lhe passarão os competentes padrões, que se assentarão nos almoxarifados do reino, em que couberem sempre juizo de terceiro, e não houver prohibição, com o vencimento de douze mil reis da referida tença, a titulo do habito da referida ordem que lhe tem mandado lançar. Palacio de Queluz, em 8 de Julho de 1794 — rainha José Seabra da Silva.

112. A 7 de Setembro de 1794.

113. "Destes é bem natural que a mim a quem V. E. tem nomeado, não mestre do referido Jardim, porem sim Administrador Geral delle e do Real Museu, Laboratorio Chimico e casa de Desenhos, queira V. E. consignar-me alguma parte e supponhamos que seja 300.000 por anno."

Pleiteava, igualmente, uma razão na Ucharia e ajuda de custas para aluguel de casa, sem augmento de despeza para o erario, pois que seria aquella a mesma, antes entregue a Miguel Fransini, que se ausentára, e esta, equivalente que lhe cabia de direito porque "o decreto de S. Magestade de 5 de Julho do anno pp. me fez a mercê do habito da Ordem de Christo com 60.000 de tença por anno, que peço para ser applicado effectivamente em aluguel de casa."

Teria sido encaminhada esta petição, de que não tratam os seus biographos?

114. "A. R. F. tendo esgotado o patrimonio que herdou de seus Paes, em annos, que visitou de ordem de V. A. R. os sertões do Brasil, com o ordenado de 400\$000, e mais 7 annos, que têm existido nesta Côrte, desde que se recolheu a ella, e foi promovido aos Empregos que têm de Official da Secretaria do Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos, Vice Director e Thesoureiro do Real Jardim Botanico, Inspector e Administrador das Quintas do Infantado, cujos ordenados todos se reduzem a

700\$000 ; para com elles sustentar-se a si e a sua familia. Em taes circumstancias se considera o supplicante inhabilitado para dignamente servir como deve a V. A. R.

"Nas actuaes circumstancias, reconhece que não ha lugar para elle pedir, nem para V. A. R. lhe conceder mantimento(?) algum pela Fazenda Real.

Deseja elle servir a V. A. R. nesta Côrte, e não pode. Pode V. A. R. acrescental-o, mas não deve.

Lembre-se pois que está a vagar em Pernambuco o off. de S. da Alf. por estar muito velho e . . .

Sem filho que o haja de succeder, pode V. A. R. provel-o na sobrevivencia da propriedade daquelle officio, para nelle servir o supplicante naquellas partes, já que não pode nestas."

Esta minuta deve ser de 1800.

115. "Meu amigo e senhor.

Como nem tudo se diz, ordinariamente acontece que o melhor fica para dizer. Isto pelo que pertence aos Tratados de Paz da Espanha e da França.

A respeito do que falamos hontem, ali vai o que achei nos meus Borrões das cousas do Pará.

Sirva-se delles á vontade dos fieis Americanos, a quem V. M. serve de exemplo, que para mellior entender a Topographia do Pará, de que se trata, remetto a configuração de uma Parte daquelle carta. Não é nada ; são 20 a 24 leguas de differença, desde Carapanatuba até Araguay. Vae ainda agora a dita configuração por que ainda agora se acabou. São 2 horas da tarde. (de 8 de Setembro).

116. Por morte de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a 15 de Novembro de 1769, Martinho de Mello e Castro ingressou no Ministerio, onde permaneceu, feito Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Majinha e Dominios Ultramarinos, até fallecer, a 24 de Março de 1795, pelas 10 horas e 40 minutos da noute, conforme declarou seu substituto inteijno, Luiz Pinto de Souza, em carta de 30 de Março, ao Capitão General de Mato Grosso.

A nomeação effectiva de D. Rodriigo de Souza Coutinho retardou-se até 7 de Setembro de 1796.

117. A seu serviço, apenas conseguiu a collaboração do gravador Manuel Marques de Aguiar, que se especializara na Inglaterra, e lhe abriu algumas gravuras gabadas por Costa e Sá.

Nenhuma impressão, porem, se fez, á mingua de verba.

118. Estas minudencias encontram-se no livro do professor J. V. Barboza du Bocage "Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa" — 1862.

119. Carta de 28 de Julho de 1798 a D. João de Almeida de Mello e Castro, a quem se confessa devedor, pois "tão apertada entendendo eu a obrigação em que me poz a Beneficencia do Illmo. Exmo. Snr. Martinho de Mello e Castro, a quem devo tudo quanto sou."

120. Esta declaração de Brotero acha-se transcripta no ensaio de Valle Cabral a respeito de Alexandre Ferreira, estampado nos Annaes da Bibliotheca Nacional, por obsequio de um bibliophilo que lhe mostrou, o que prova que até então o "catalogo" ainda se achava em mãos particulares, de que o adquiriu a B. N.

121. Devido á intervenção prestada de Drummond que lhe enviou as primeiras copias, o Instituto publicou, em sua Revista, mais de um ensaio de Alexandre Rodrigues Ferreira, a saber :

— A sua biographia, estrahida do clogio academico, proferido por J. M. Costa e Sá, e o parecer deste de 22 de Agosto de 1838, no tomo 2.

— Propriedade e Posse das Terras do Cabo do Norte pela Corôa de Portugal, tomo 3.

— Gruta do Inferno, tomo 4.

Gruta da Onça (aliás das Onças), tomo 12.

— Diário da Viagem Philosophica, tomo 48.

— Diário da Viagem Philosophica (continuação), tomo 49.

O I. H. G. S. Paulo reproduziu a descripção da Gruta do Inferno em seu volume VI.

122. Em parte, esses enganos resultaram da relação de trabalhos organizada por M. J. M. da Costa e Sá, que a Revista do Instituto Historico transcreveu no vol. II.

Ahi, attribue o panegirista a Alexandre Rodrigues Ferreira a autoria de varios codices, que pertenciam ao "archivo da Viagem Philosophica", embora elaborada por outrem.

O mesmo volume II, reeditado em 1916, supprimiu a declaração que se lia no começo da parte II da relação: "*obras sobre diversos assumptos não pertencentes á viagem.*"

123. Ahi diz o seu douto organizador, no titulo:

"por Joseph de Lacerda e Almeida,

"Cópia por letra de Alexandre Rodrigues Ferreira.

124. Nessa memoria, que se acha catalogada sob n.º 1—31, 25, 2 na Bibliotheca, embora com titulo modificado: "Noticia da fundação deste convento de N. Sra. das Mercês desta cidade de Sta. Maria de Belem do Grão Pará aonde se incluye o descobrimento do Rio das Amazonas, e outras noticias mais das fundações das aldeias do Rio Negro pelos primeiros Religiosos da Congregação. Extraído tudo que se pode alcançar dos documentos que se acham no archivo do Convento 1784", o chronista espalhou, a espaços expressões delatorias de penna religiosa, como,

— "pelos conventos de nossa Congregação —

— "o exemplo de nossos religiosos... —

— "ainda hoje no nosso convento da villa de...

São locuções que naturalmente Ferreira não applicaria em sua narrativa.

125. Os escriptos de Caldas, Chermont e Almeida foram relacionados por Alexandre Ferreira no "*Extracto do Diario da Viagem Philosophica*", como si quizesse atalhar qualquer duvida futura a respeito da autoria de cada uma.

126. Ver a relação á pagina.

127. Autores, que A. Motta menciona, a saber:

Barbuda (J. P.) — Literatura Brasileira.

Chichorro da Gama — Miniaturas biographicas.

Chichorro da Gama — Breve indice de autores classicos.

Diccionario biographico de Brasileiros celebres.

Emilio Goeldi — Ensaio sobre o Dr. Alexandre Ferreira.

Felix Ferreira — Notas bibliographicas.

Innocencio da Silva — Dicc. bibl.

- M. José Maria da Costa e Sá — Noticia dos escriptos.
 Mello Moraes — Chorographia do Imperio do Brasil.
 Mello Moraes — Botanica Brasileira.
 Pereira da Silva — Os varões illustres do Brasil.
 Perié (Ed.) — Literatura Brasileira.
 Ramiz Galvão — Catalogo da Exposição de Hist.
 Rodolpho Garcia — Dicc. Hist. Geog. Eth. do Brasil.
 Rocha Pombo — Historia do Brasil.
 Revista do Inst. Hist. Geog. do Brasil.
 Sacramento Blake — Dicc. bibl. brasil.
 Silva Pontes (R. de S. da) — Rev. do Inst.
 Solidonio Leite — Catalogo annotado da bibliotheca do autor.
 Sylvio Romero — Hist. da Lit. Brasil.
 Valle Cabral — Annaes Bibl. Nac.

Alem desses, tambem tratam do naturalista bahiano as obras seguintes, não mencionados por A. Motta :

J. C. Fernandes Pinheiro — Brasileiros celebres, na Revista Popular — 1862.

J. M. P. de Vasconcellos — Selecta brasileira — 1868.

J. V. Barbosa du Bocage — Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos Zoologicos para o Museu de Lisbôa.

128. El Snr. Azara estaba muy lejos de ser benevolo, con nada ni con nadie ; y su carater que lo hasia agresivo obscurecia no raras veces su criterio — (M. Bertoni — Civilizacion y etnología guarani).

129. Alem das publicações referidas em a nota 121, e promovidas pelo Instituto Historico, em sua revista, e das transcrições com que Mello Moraes recheiou o seu trabalho, ultimamente, depois de impressos alguns capitulos deste ensaio, a Revista Nacional de Educação trouxe a lume diversas memorias de Alexandre Ferreira, acompanhadas de illustrações, que foram aproveitadas nos clichés ora reproduzidos. Tambem a Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia incluiu em seu numero 6.º, referente ao anno de 1934, a monographia até então inedita, ao que suppomos, na qual o naturalista desenvolveu as suas Observações Geraes e particulares,

sobre a classe dos Mammaes, cujo original manuseámos na Bibliotheca Nacional.

130. Os codices alexandrinos existentes na Bibliotheca Nacional podem classificar-se da maneira seguinte :

Etnographia

1. Memoria sobre os indios Cambebas — 1, 4, 4, 13.
2. Memoria sobre os indios Caripunas — 1, 4, 4, 6.
3. Memoria sobre os indios Catauixi — 1, 4, 4, 4.
4. Memoria sobre os indios Espanhóes — 1, 4, 4, 8.
5. Memoria sobre os indios Guanás — 1, 6, 2, 52.
6. Memoria sobre os indios Guaycurús — 1, 4, 4, 16.
7. Memoria sobre os indios Joianna — 1, 6, 3, 8.
8. Memoria sobre os indios Yurupixunas — 1, 4, 4, 18.
9. Memoria sobre os indios Mauás — 1, 4, 4, 23.
10. Memoria sobre os indios Miranhas — 1, 4, 4, 15.
11. Memoria sobre os indios Uerequenas — 1, 4, 4, 7.
12. Memoria sobre cuias — 1, 4, 4, 19.
13. Memoria sobre isqueiro — 1, 4, 1, 26.
14. Memoria sobre instrumento para tomar tabaco parima — 1, 4, 1, 24.
15. Memoria sobre louça — 1, 4, 1, 20.
16. Memoria sobre mascares e farças — 1, 6, 3, 8.
17. Memoria sobre malocas dos Curutús — 1, 4, 4, 21.
18. Memoria sobre salvas de palhinha — 1, 4, 1, 25.

Zoologia

19. Observações sobre os Mammaes — 1, 4, 4, 1.
20. Relação dos animaes do Grão Pará — 1, 4, 4, 22.
21. Memoria sobre jacarés.
22. Memoria sobre peixe-boi — 1, 4, 1, 23.
23. Memoria sobre pirarucú — 1, 4, 4, 3.
24. Memoria sobre tartarugas — 1, 1, 2, 16.

25. Memória sobre tartarugas — 1, 2, 2, 17.
26. Descrição do simia mormon — 1, 6, 3, 8.
27. Abuso da conchyliologia — 1, 16, 1, 35.
28. Relação dos peixes dos sertões do Pará — 1, 16, 1, 5.
Animas da ilha Marajó

Botânica

- Memória sobre madeira para canoas 1, 4, 1, 22.
- Memória sobre palmeiras — 1, 4, 1, 18.
- Desenhos de plantas pelos "riscadores Codina e Freire em 4 volumes, da colleção" Benedicto Ottoni — 1, 12, 2, 17, 20.

Mineralogia

30. Relação circunstanciada das amostras de ouro de S. Vicente — 1, 1, 2, 20.
31. Memória sobre as salinas do Cunha — 1, 1, 2, 24.

Agricultura

32. Estado presente da Agricultura no Pará — 1, 1, 2, 21.
33. Memória sobre engenho de branquear arroz.

Navegação

34. Memória sobre a Marinha interior do Pará — 1, 4, 4, 19.

Medicina

35. Enfermidades endemicas de Matto Grosso — 1, 8, 2, 46.

Miscellanea

36. Oração latina — 1, 8, 1, 1.
37. Viagem á Ilha Grande de Joannes — 1, 16, 1, 35.

38. Noticia historica da Ilha — 1, 1, 2, 18.
Povoações, gentios e animaes da Ilha grande — 1, 16, 1, 35.
39. Miscellanea historica (Pará) — 1, 6, 3, 8.
40. Miscellanea de observações philosophicas (Pará) — 1, 16, 1, 3
41. Diario da Viagem Philosophica — 1, 4, 4, 9.
42. Extracto do Diario — 1, 4, 1, 17.
43. Participação Geral do Rio Negro — 1, 1, 2, 22.
44. Diario do Rio Branco — 1, 16, 1, 35.
45. Tratado historico do Rio Branco — 1, 62, 5, 2.
Productos naturaes do Rio Branco — 1, 16, 3, 35.
46. Relação circunstanciada do rio Madeira — 1, 4, 4, 10.
47. Supplemento ao Diario do rio Madeira — 1, 4, 1, 27.
48. Supplemento á Memoria dos rios de Mato Grosso — 1, 1, 2, 22.
49. Memorias para se inserirem, quando se ordenar o livro de antiguidades do rio Madeira — 1, 6, 3, 8.
50. Prospecto philosophico da Serra de S. Vicente — 1, 16, 1, 35.
51. Observações philosophicas e politicas sobre as minas de Mato Grosso e Cuiabá — 1, 16, 1, 35.
52. Viagem á Gruta das Onças — 1, 6, 3, 8.
53. Viagem á Gruta do Inferno — 1, 6, 3, 8.
54. Propriedade e posse das terras do Norte — 1, 4, 4, 17.
55. Memoria sobre a pororóca — 1, 6, 3, 8.
56. Inventario Geral do Museu — 1, 16, 1, 35.
57. Desenhos feitos pelos "riscadores"

{	1, 6, 3, 5.
	1, 6, 3, 6.
	1, 6, 3, 7.

Freire e Codina, sob sua direcção
e reunidos em tres volumes

Alem dessas, que se encontram na secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional, que logrou reunil-as de novo, sob guarda segura, o proprio naturalista dá noticias de algumas que se extra-viaram, antes do seu fallecimento, a saber :

1. Dissertação sobre a alvacora.
2. Memória sobre café.
3. Memoria sobre cacau.
4. Memoria sobre tabaco.

Outras foram recebidas por Brotero e, portanto, ainda se achavam, até essa occasião, reunidas ás demais, como :

5. Observações feitas nas plantas que se recolheram na Capitania do Rio Negro (1786) 118 pags.
 6. *idem, idem* no Rio Branco (1786) 12 pags.
 7. *idem idem* no Rio Madeira 96 pags.
 8. Descrição do peixe Arananão (1787) 2 pags.
 9. Descrição do Raconete (1790) 4 pags.
 10. Memoria para a Historia Particular da Marinha Portugueza 26 pags.
 11. Memoria sobre o alicorne do mar 10 pags.
 12. Diario da Viagem de Lisboa ao Pará (1783) 13 pags.
 13. Memoria sobre as matas de Portugal (1780) 52 pags.
 14. Falla que fez para recitar no dia da posse do General do Pará Martinho de Souza Albuquerque e Bispo D. Caetano Brandão, 2 pags.
 15. Fala que fez na noite de 19-9-1784, ao despedir-se de Martinho de Souza e Albuquerque 3 pags.
 16. Fala que fez na tarde de 2-3-1784, a João Pereira Caldas, quando entrou a visital-o na Villa de Barcellos 4 pags.
 16. Fala que fez ao mesmo, no dia 4-8-1785, por occasião do seu anniversario natalicio 4 pags.
 17. Collecção das experiencias de tinturaria que se fizeram em viagem de Explicação Philosophica pelo Rio Negro.
 18. Observação sobre a cultura e fabrico do urucu 5 pags.
 19. Descrição sobre a cultura do canhamo 15 pags.
 20. Memoria sobre o anil do Pará e Rio Negro 11 pags.
- Costa e Sá affirma ter-lhe manuseado, alem disso, as "Memorias Particulares".
131. A respeito do naturalista bahiano, assim se pronunciaram escriptores cuja opinião merece lembrada:
- Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia em 1756, um dos mais doutos naturalistas que honrou Portugal.
- Foi membro da Academia Real de Sciencias de Lisboa, que publicou na collecção de suas memorias varios trabalhos importantes de Ferreira.
- Morreu pobre, quasi na miseria.

O ^HHumboldt brasileiro, como era appellidado, nasceu na cidade da Bahia, a 27 de Abril de 1756 sendo seu pae Manoel Rodrigues Ferreira, e falleceu em Lisboa, a 23 de Abril de 1815.

Sacramento Blake.

O que é certo é que o sertão do Pará e Rio Negro, o rio Branco, o Madeira, o Guaporé, a Serra do Cuanurú ou a Nevada Mato Grosso, Cuiabá, nada se evadiu ás sabias indagações do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

Que o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira foi sabio consciencioso e infatigavel, não ha contestação alguma.

A. Valle Cabral.

Era um sabio de primeira ordem, e deixou muitas e importantissimas memorias, algumas das quaes se imprimiram, havendo, porem, muitas outras ineditas.

Pinheiro, Chagas.

No supplemento á participação geral do Rio Negro, Alexandre R. Ferreira deu tambem um capitulo sobre o que se chama botanica economica.

Digno de leitura é tambem o capitulo XXVI, intitulado Clima, onde A. R. Ferreira dá uma resenha interessante dos phenomenos meteorologicos, legando a ella uma judiciosa apreciação sobre a inconveniente architectura que os habitantes da Amazonia costumam observar.

E. Goeldi.

Quem se occupar com o estudo dos numerosos manuscripts de A. R. Ferreira não pôde deixar de admirar a paciencia depositada na redação e coordenação de tanto material, e sobretudo a minuciosidade com que elle trata todo e qualquer assumpto administrativo, por mais insignificante e secundario elle fosse.

Ha paginas e partes inteiras onde a verbosidade cança e onde as parafrases e minudencias se acumulam de modo incommodativo.

Como informador official, como funcionario publico, A. R. Ferreira era inexcédível.

Era corajoso navegante e explorador aguentando com serenidade de animo e com invejavel stoicismo todos os infortunios e as amarguras que costumam apresentar estas empresas.

Quanto á ethnographia, não poderei fazer os mesmos encomios. Não que A. R. Ferreira tivesse deixado de occupar-se delle, pelo contrario. Mas a leitura daquillo que elle escreveu sobre este ramo de sciencias sempre me deixa a impressão que elle não aprofundou os seus estudos sobre os indigenas tanto como a actualidade deseja.

Não vejo um vocabulario, nem em parte alguma qualquer tentativa de um agrupamento aborigene, de filiação baseada em semelhanças e differenças linguisticas e ethnicas.

Goeldi.

Resta-nos encarar A. R. Ferreira como naturalista. Sempre reconhecemos o zelo, a dedicação e a admiravel boa vontade, que o nosso protagonista desenvolveu neste campo de trabalho.

E apesar de tudo isto, o que A. R. Ferreira deixou de manuscritos seus sobre zoologia e botanica é de pequeno calado scientifico.

Nota-se a mesma cousa como nas memorias ethnographicas, não ha um eixo fixo, solido, ao redor do qual se agrupem e se coordenem naturalmente as ideias.

Nunca aprofunda qualquer questão de anatomia, de embryologia, de systematica ou de distribuição geographica.

Não pôde passar por especialista nem em zoologia, nem em botanica, nem em mineralogia ou geologia.

E. Goeldi.

O merito capital de Alexandre Rodrigues Ferreira é sua immensa actividade, seu geito para accumular notas e observações.

Seu maior defeito é a falta de uma vista de conjunto, a falta de uma doutrina geral. Devemos publicar-lhe as obras, como um

exemplo, uma amostra do nosso vigor scientifico em fins do seculo passado, mesmo tendo a certeza de que suas idéas são hoje antiquadas.

Sylvio Roméro.

Alexandre Rodrigues Ferreira — Voyageur et naturaliste portugais, surnommé le *Humboldt brésilien*, né a Bahia en 1756, mort en 1815.

Les nombreux manuscrits composés par Ferreira, sur son voyage dans l'Amazone ont été perdus ; on n'a de lui que quelques opuscules.

Nouveau Larousse illustré.

Que a molestia era de ordem psychica, não ha duvida alguma, mas quanto ás suas causas efficientes direi que não concordo absolutamente com a opinião dos seus biographos. Aquela opinião avilta a estatura moral do homem — ella acha-se em desaccordo com a vida anterior do nosso protagonista, seu genio e caracter, como elles se revelam harmoniosamente por todos os seus escriptos e não hesito em chamal-a mesquinha, obesa e totalmente erronea. E agora digam-me, si não havia motivo para A. R. Ferreira cahir em "acerba melancholia"?

A intensidade dos seus soffrimentos será perfeitamente comprehensivel e apreciavel para quem tem a minima experiencia literaria. Era para mais, e se elle tivesse ficado louco devéras, não seria muito para estranhar.

Elle viu a sua terra dilacerada e ensanguentada por uma guerra sem fim, o paiz governado por uma côrte fraca, inepta, ignorante, viu chegar sua velhice triste, sem perspectiva de realização dos seus ideaes e projectos, com fim odiado de sua existencia totalmente "manquée".

E. Goeldi.

Ferreira é pela incuria do Governo a que serviu, um grande exemplo de trabalho nullificado. Causa realmente pena a quem folheia os seus manuscryptos vêr tanto esforço, tanta fadiga, desperdigados, esterilizados.

Sylvio Romero.

Ferreira foi um homem ignorado do seu tempo, seus escriptos não foram lidos. Não se lhe pode, portanto, fazer uma completa reabilitação historica.

Foi uma victima do seu meio e hoje é apenas uma curiosidade bibliographica. Vae nisto immensa injustiça ; mas a historia não vive só de justiça, gosta muito tambem da felicidade da força, da victoria.

Sylvio Romero.

A precedente lista provoca a critica e censura de um naturalista moderno em mais de um respeito. Ha erro e irregularidade provenientes do autor. Se A. R. Ferreira classifica por exemplo o jupará (*Cercoptes candivolvulus*) entre os macacos nocturnos e desconheceu assim um verdadeiro ursideo, da familia dos Carniceiros, ou como o autor os intitula, das "Ferae" constitue isto simplesmente um lapsus, para o qual não ha desculpa. A mesma cousa acontece em relação a Capivara (*Hydrochaerus Capibara*) que elle colloca entre os Pachydermes, no meio dos porcos, seduzido pela grosseira semelhança exterior deste grande roedor, que elle devia ter posto entre os seis "Glires".

E. Goeldi.

Guardar os manuscriptos e não os publicar, seria a continuação de uma injustiça contra A. R. Ferreira, que foi tão bom brasileiro, como portuguez e é ainda por cima uma vergonhosa falta de lealdade.

E. Goeldi.

Quer me parecer que hoje a Amazonia é o legitimo herdeiro delle e tomando sobre si o assumpto, honraria não somente a si mesma, como prestaria uma homenagem posthuma a um vulto, que incontestavelmente a merece, como o primeiro naturalista, que no seculo passado ahi se deteve durante 9 annos, que seriamente trabalhou e finalmente desgostoso morreu, sem ter alcançado a realização do seu maior desejo — a publicação dos seus resultados.

E. Goeldi. Pará 5 de Maio 1895.

Era administrador do Real Museu e das Reaes Quintas de Lisboa, quando a Côrte se transferiu para o Brasil, apavorada com a aproximação dos exercitos de Junot.

Não acompanhou a Côrte prófuga, como podia legitimamente fazer em sua qualidade de brasileiro nato ; preferiu permanecer em Lisboa, dominada pelas hordas francezas, zelando pelas suas magnificas colleções e pelo enorme material literario relativo á expedição na Amazonia.

Rodolfo Garcia.

Cumpre não esquecer que o celebre Geoffroy de Saint-Hilaire, em pessoa, se apresentou na capital portugueza e munido de ordem do commandante em chefe do exercito de occupação, praticou a pilhagem no Museu e estabelecimentos scientificos de Lisboa, para enriquecer os museus francezes. Sabe-se que as estampas da *Flora Fluminense* de frei Conceição Velloso, foram roubadas nessa occasião e aproveitadas depois por Saint-Hilaire e De Candolle.

Rodolfo Garcia.

Dos objectos pilhados foram restituídos em 1814, apenas os manuscriptos ; os de Ferreira ficaram em Lisboa até 1842, quando uma portaria do Ministro do Reino ordenou fossem entregues ao ministro do Brasil, Drummond, que de facto passou recibo de 258 manuscriptos. Deviam ser enviados ao Brasil e após impressos por ordem do Governo Brasileiro ; tal condição, porem, não foi até hoje cumprida, senão em parte, como já vimos pela *Revista do Instituto Historico*, que publicou tambem o inventario de seus escriptos. O Museu Nacional projectou ha tempo a publicação integral da obra de Ferreira, e é de esperar que o faça com a galhardia propria da sua reputação scientifica.

Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, como lhe chamavam, morreu aos 59 annos de idade, em Lisboa, a 23 de Abril de 1815, victimado por singular enfermidade, que os seus biographos não souberam qualificar.

Rodolfo Garcia.

Já se achava em provas este livro, e paginado, quando a fidalga gentileza do sabio Arthur Neiva proporcionou ao autor a leitura do seu **ESBOÇO HISTORICO SOBRE A BOTANICA E ZOOLOGIA NO BRASIL**, publicado a 7 de Setembro de 1922 pelo numero especial d'O ESTADO DE S. PAULO, e por tiragem avulsa de 1929.

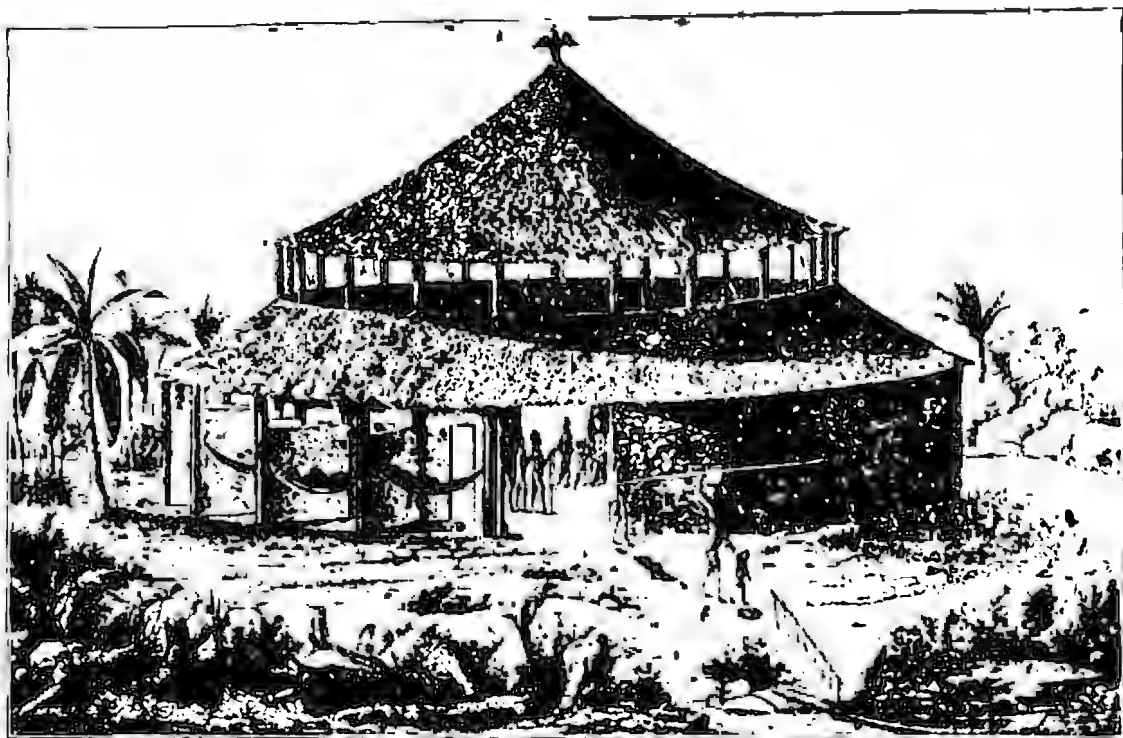
Ahi, o douto pesquisador relembra a contribuição dos naturalistas que estudaram as peculiaridades brasileiras e diz, a proposito do seu conterraneo: "O médico bahiano Alexandre Rodrigues Ferreira realizou formidavel trabalho científico em fins do Seculo XVIII, nos dominios da botanica, zoologia e anthropologia. Foi a celebre *Viagem Filosofica*, fartamente ilustrada com desenhos coloridos...

"Em Portugal, sofreu todas as hostilidades de Brotero, e, por ocasião da invasão das tropas francesas, Junot requisitou, a pedido de Saint-Hilaire, os originaes e desenhos do grande naturalista brasileiro, já com as descrições feitas, ilustradas e sómente á espera de publicação".



Mascaras festivas dos Indios Jurupixuna

Estampa inédita da Viagem Filosófica, de Alexandre Rodrigues Ferreira.



Maloca dos Curutús

Estampa inédita da Viagem Philosophica, de Alexandre Rodrigues Ferreira.



Estampa inédita da Viagem Philosophica, de Alexandre Rodrigues Ferreira.



Indio Cambeba atirando frecha com a palheta

Estampa inédita de Alexandre Rodrigues Ferreira.



Indio Uerequena

Viagem Filosófica, de Alexandre Rodrigues Ferreira.



Macaco prêgo

Estampa inédita da Viagem Philosophica, de Alexandre Rodrigues Ferreira.



Indio Caripuna

Viagem Philosophica, de Alexandre Rodrigues Ferreira.

em i Nôis Mundo, cujo descobrimento, con-
quinta, navegação, fundada no valor, na Di-
dade, no zelo da Fé do Nôis Rey, e cada um
fude quanto há de grande, e de Honra, na
História das outras Monarchias; offerta a
V. M. em beneficio da gloria deste Estado,
e do augmento de seu Commercio, até como
Sinal de humilha, ou pouco Patriotismo, que
em mim se acha, para que intervinde a Br-
tasão de V. M. em Tinha a Honra, e
satisfação de ser ouvido a S. Maj. quan-
do não seja pelo meu trabalho, se quer
a mim, pelo meu hum desejo.
Deo V. a V. M. pela anna que ha-
vouer minter. Barcelha 26 de Mar-
ço de 1787.

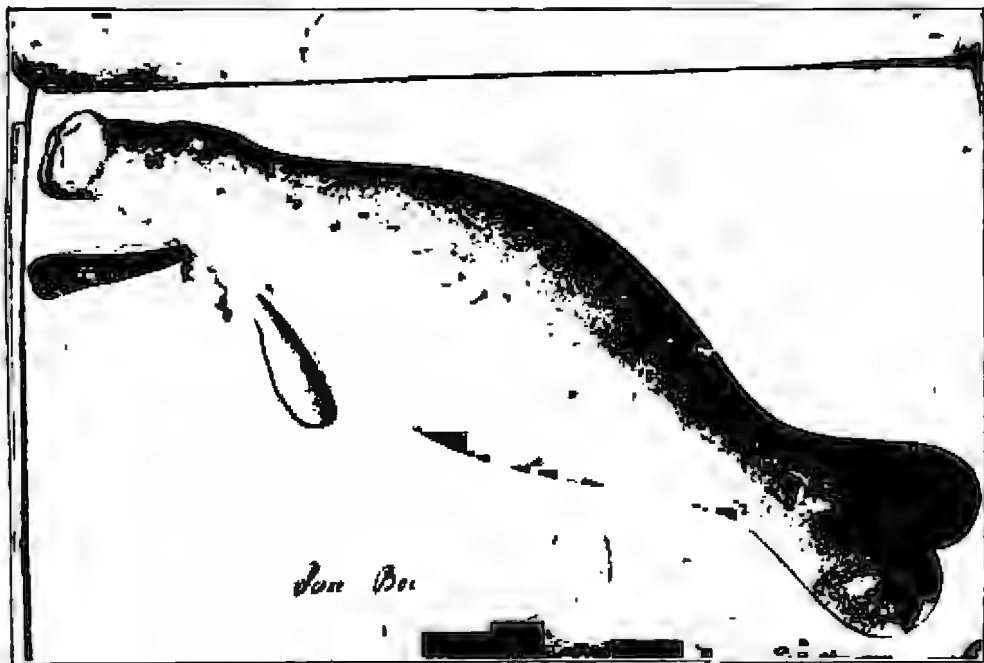
DE V. Ex.^{ta}

Muito humilde sr.

Alexandre Rodrigues Ferreira.

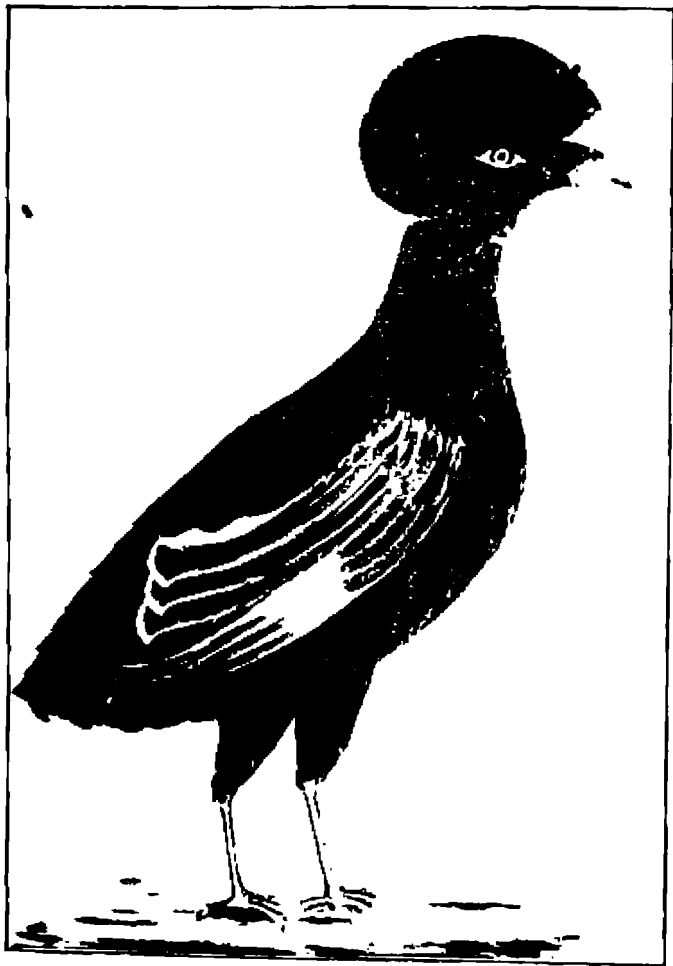
Assignatura autographo de Alexandre Rodrigues Ferreira.

(Do original da Bibliotheca Nacional, por gentileza do seu insigne director, Dr. Rodolpho Garcia).



Peixe Boi. — Desenho de Alexandre Rodrigues Ferreira.

(Original existente na Bibliotheca Nacional).



Gallo dos Marabitanos. — Desenho de
Alexandre Rodrigues Ferreira.

Original existente na Bibliotheca Nacional



Turupóca. — Desenho de Alexandre Rodrigues Ferreira.

(Original existente na Bibliotheca Nacional).



Passiflora. — Desenho de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Original existente na Bibliotheca Nacional



Desenho de planta de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Original existente na Bibliotheca Nacional



Desenho de planta de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Original existente na Bibliotheca Nacional